

Brechó EcoSolidário

EXPERIÊNCIA
DE UM NOVO
COLETIVO CIDADÃO

Organizadora

Débora Nunes

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO — 5

PREFÁCIOS — 7

INTRODUÇÃO

BRECHÓ ECOSOLIDÁRIO: INSPIRAÇÕES DE UM COLETIVO CIDADÃO — 13

A liderança de serviço — 14

A política da amizade e da confiança — 15

Os grupos de trabalho e as múltiplas inteligências de nosso ser — 17

O pano de fundo do paradigma holístico — 19

HISTÓRICO DAS PESSOAS ENVOLVIDAS NAS COORDENAÇÕES NOS 10 ANOS DE BRECHO ECOSOLIDÁRIO — 24

MÚSICA TEMA DO BRECHÓ ECOSOLIDÁRIO — 26

PARTE I - HISTÓRIA

2006 – 2016 O DESAFIO DA CONSTRUÇÃO DO BRECHÓ ECOSOLIDÁRIO — DÉBORA NUNES E PATRÍCIA PASTORI — 27

O primeiro evento, em 2006 — 30

OS ANOS SEGUINTE DA PRIMEIRA ETAPA: 2007 E 2008, O BRECHÓ COMO ATIVIDADE PEDAGÓGICA — 37

2009: O BRECHÓ CRESCE EM TAMANHO E ATIVIDADES, SE AMPLIA EM PARCERIAS E SE ABRE PRA CIDADE — 41

2010: O BRECHÓ TORNA-SE INTERNACIONAL: A REDE DIÁLOGOS EM HUMANIDADE — 47

2011: DE UM EVENTO, PASSA-SE A UM MOVIMENTO — 55

Os convidados internacionais — 59

As Ágoras, ou “Diálogos” — 60

Avaliação — 61

2012: O BRECHÓ TORNA-SE MAIS PROFISSIONAL E MAIS “HOLÍSTICO” — 65

Uma dinâmica que deseja se renovar incorporando a força dos jovens: os voluntários experientes — 69

Avanços e dificuldades: Contradições de um coletivo — 70

A arte no Brechó — 72

A dinâmica internacional — 74

EM 2013: O BRECHÓ COMEÇA A SER FINANCIADO POR FINANCIAMENTO COLABORATIVO — 75

Avançando na superação de conflitos internos — 78

Avaliação — 79

O Brechó e o grão se tornam sementes plantadas em outros horizontes — 80

2014: PELO BRECHÓ, A REDE DIÁLOGOS SE EXPANDE NO BRASIL (FOZ DO IGUAÇU, RIO DE JANEIRO, ITACARÉ) — 83

Evoluções na organização em direção à maior partilha de responsabilidades — 84

A formação dos voluntários — 85

Os laços que se tecem — 87

A dinâmica nacional e internacional — 88

2015: O PARQUE SOLAR BOA VISTA E O CRESCIMENTO DA ENERGIA DE CURA DO BRECHÓ — 91

Convidados nacionais e internacionais — 96

Como eventos complementares dos quais participaram os convidados do Brechó em 2015, temos — 97

PARTE II - METODOLOGIA — 103

ENTRANDO NA SEGUNDA DÉCADA DE HISTÓRIA: COMO SE FAZ O BRECHÓ ECO-SOLIDÁRIO — 103

O “espírito” do Brechó — 105

Organização anual da Coordenação Autogestionária, suas reuniões e decisões autogeridas — 108

A organização das Comissões e a abordagem holística do funcionamento do Brechó — 110

A formação dos voluntários, a contagem de horas e a certificação — 114

Captação e Gestão de Recursos públicos e privados — 116

A constituição de parcerias (históricas e novas a cada ano) e as regras para ser parceiro — 117

Os Postos de Troca, o armazenamento dos bens e a triagem	—	118
O funcionamento do Ecobanco	—	120
Divulgação, informação, vídeos e relação com as mídias sociais	—	123
Logística e infraestrutura - como se apresenta o evento	—	127
A Feira de Economia Solidária e os Empreendimentos de Economia Solidária no Brechó	—	129
As rodas de Diálogos, o bastão da palavra e os temas anuais do evento	—	130
Os convidados nacionais e internacionais, a hospedagem solidária, as confraternizações: O papel da “Receptivo”	—	133
A diversidade do público	—	134
Currículo de convidados nacionais e internacionais	—	139

AGRADECIMENTO



A nossa querida Henryanne de Chaponay, pela sua vida engajada em belas causas e pelo muito que vem fazendo em suas andanças pelo mundo para tecer uma parte da imensa teia que une cidadãos e cidadãs do povo

PREFÁCIOS

Por **Emerson Andrade Sales**

(professor da UFBA e voluntário / coordenador do Brechó desde o seu início)

Eu tive o privilégio de acompanhar o nascimento do Brechó Eco-Solidário, o qual surgiu de uma iniciativa da Profa. Débora Nunes com seus alunos, permitindo-lhes uma vivência simultânea de economia solidária, consumo consciente e do uso de uma moeda social. A iniciativa foi um sucesso, e naturalmente foi estendida aos demais alunos da antiga Unifacs; nos tornamos oficialmente parceiros, através do Programa UFBA Ecológica, que na época promovia várias ações voltadas para a sustentabilidade. Outras instituições igualmente se sentiram atraídas pela ideia, que cresceu exponencialmente, transformando-se no que é hoje, um evento internacional, reconhecido por um público crescente da cidade de Salvador. Graças à imensa rede de comunicação cidadã, e à formação de rede das redes, o Brechó Eco-Solidário atravessou as fronteiras convencionais, e foi praticado na França, a convite dos organizadores do evento “Dialogues en humanité” de Lyon, e recentemente em Montreal, no Canadá, a convite dos organizadores do Fórum Social Mundial de 2016.

Logo nos seus primeiros momentos, o Brechó mostrou que não se tratava de um mercado de trocas de bens usados apenas, mas de um espaço de vivências, de trocas de experiências, um verdadeiro convite à reflexão sobre o modo de vida dominante na nossa sociedade, e a partir dela, abrir a possibilidade para mudanças reais, sinceras.

Inúmeros são os relatos de mudanças significativas na vida das pessoas que fizeram parte dessa comunidade de amigos, seja como voluntários, colaboradores, ou coordenadores, os quais atuaram sempre numa lógica de co-construção, autogestão, solidariedade, inclusão, transparência, disciplina e coerência, repito: profunda coerência, práticas e valores que acreditamos serem fundamentais para uma mudança de cultura, criando uma nova civilização, pois essa velha civilização já não se sustenta mais no tempo, e gesta

no seu interior inúmeras sementes como o Brechó, chamadas de práticas de um futuro emergente, possível, mais solidário, humano, baseado no cuidado da nossa casa comum, Gaia, no cuidado com o outro, e com todos os seres, e na partilha dos excedentes.

Agradeço aos organizadores pela oportunidade de expressar esta opinião, me sinto honrado de pertencer a este grupo, que cresce a cada ano. Parabeniço a equipe pela iniciativa de registrar o histórico desse movimento, e a metodologia desenvolvida; certamente esse registro será muito útil ao processo atual de construção de um poder cidadão mundial, que toma para si, e não relega às instituições que nós mesmos criamos e mantivemos, a decisão de criar um novo pacto, uma nova civilização, um futuro possível, justo, solidário, durável enquanto a mãe Natureza assim o permitir.

Por **Maria Suzana Moura**

(Integrante da coordenação do Brechó de 2008 a 2014; professora da EAUFBA)

A leitura das notas de Emerson Sales me reconecta com este movimento conhecido como Brechó Eco Solidário. O nome, certamente, diz pouco sobre o que é tecido e acontece no processo de organização e nos dois dias que o evento vai a público, anualmente. O interessante é que, mesmo o tradicional mercado de trocas de bens usados (que automaticamente identificamos quando ouvimos o nome), ganha novas roupagens com a moeda social e outras iniciativas para interferir positivamente na avidez que tende a tomar conta de quem chega até a tenda das trocas.

Emerson trouxe vários esclarecimentos sobre as práticas do futuro emergente que integram o Brechó, quero apenas acrescentar algo referente a gestão.

A coordenação e as comissões são espaços de gestão do evento e o que pude presenciar nos anos em que participei foi a enorme vontade de transformação de uma forte e competente liderança individual e hierárquica em compartilhada, como um caminho de aprendizagem e realização da autogestão. Uma desafiante tarefa que veio sendo manifestada e aprendida aos pou-

cos, tanto por quem persistiu no caminho como para os novos entrantes que abraçam a causa.

Digo que esse é desafio que requer um aprendizado constante pois não é uma matéria que se aprende na escola, na universidade, nem nas muitas organizações que participamos, inclusive da sociedade civil. Nosso modelos mentais e hábitos ainda estão fortemente arraigados na hierarquia e relação mando-obediência e, mesmo quando instigados, ainda tendemos a nos manter na zona de conforto do conhecido padrão heterogestionário.

Destaco aqui alguns elementos que tem contribuído para essa transformação, além da forte vontade de quem é liderança nata: reuniões em círculo; práticas de ativação da presença pessoal, de integração coletiva e de mobilização da inteligência coletiva; comissões temáticas com poder de auto-organização; criação de novas comissões de acordo com as vontades de engajamento; e a montagem de um processo de formação de voluntários que chama a atenção para a questão da autogestão.

Para finalizar quero também aplaudir mais esta iniciativa de Débora e Érika, lideranças natas desse processo em construção.

Por Vivina Machado

(educadora, consultora em desenvolvimento humano e organizacional, autora do método DGCC - Diálogo e Gestão Criativa de Conflitos e voluntária do Brechó).

Ao ler o que Emerson Sales e Maria Suzana teceram com clareza e beleza em relação ao Brechó, fico me perguntando o que eu posso contribuir para que os leitores adentrem naquilo que chamamos do “espírito do Brechó”.

O espírito do Brechó está na experiência de vivenciar o Brechó. Uma experiência animadora que nos conecta com a possibilidade de experimentarmos relações interdependentes - entre nós e conosco e a natureza. De refletirmos sobre a nossa atuação e agirmos na direção daquilo que desejamos, de transformar o que queremos, seja transformado - em nós, no nosso ambiente e no meio ambiente. De percebermos o impacto que geramos, seja

no cuidado com nosso corpo, com nosso espírito, com o nosso fazer, com as nossas tarefas, com o que consumimos, cuidando dos relacionamentos com as pessoas, próximas e distantes, cuidando da nossa integração com a natureza, dentro e fora de nós.

No Brechó somos convidados a escutarmos para além do mundo que moldamos e que as vezes consideramos que é o único mundo existente. Somos instigados a abrir janelas e portas que expandem as concepções de mundo, as percepções de mundo e portanto de revermos algumas formas de viver.

Somos convidados a questionarmos algumas crenças e certezas empobrecedoras do nosso estar, da nossa presença e da expressão da nossa riqueza, da nossa grandeza. Somos sacudidos. Ficamos em vários momentos incomodados, interrogando o que estamos fazendo, para que estamos fazendo, o que está sendo concretizado neste fazer e quais as repercussões deste fazer. Porém, mais que isto, somos estimulados a refletir sobre o nosso próprio pensamento, nosso conhecimento, nossas ações, que decorrem do que temos introjetado, sem muitas vezes nos darmos conta desta introjeção.

Somos chamados a nos responsabilizarmos pelo que estamos construindo, individual e coletivamente, a agirmos com autonomia e na interdependência, coconstruindo uma sociedade solidaria, justa, sonhada e concretizada por todos nós, no reconhecimento da diversidade, no diálogo, nas possibilidades de aprendermos com o conflito, de nos enriquecermos conjuntamente, abrindo, conscientemente, espaço para a alegria, o amor e novas formas de viver, que já experimentamos mas que precisamos confiar que podem se alastrar e contagiar mais e mais pessoas.

Escrever este prefácio me deixa honrada, feliz e confiante. E é com este espírito que eu honro, saúdo e aplaudo todas as pessoas que vêm nutrindo o Brechó, ofertando o seu tempo, compartilhando seus dons, e de forma especial, honrar Débora que iniciou este movimento e que agrega tantas outras pessoas que vão chegando nesta roda, que é enorme e que vai se multiplicando, girando e gerando uma verdadeira riqueza: de aprendermos a amorosa e solidariamente, VIVER.

Por **Geneviève Ancel**

(cientista política e cocriadora da rede internacional Diálogos em humanidade, coresponsável por sua versão francesa em Lyon).

O fato de que o Brechó EcoSolidário e os Diálogos em humanidade tenham nascido no mesmo período, no início desse milênio, é surpreendente? E que tenham se inspirado de outras iniciativas e que se mantenham inspirando tantas outras? Desde 2010, contribuir com o Brechó é para mim fonte de profunda alegria que eu constantemente com pessoas de várias partes do mundo...

O Brechó EcoSolidário simboliza para mim um convite para uma conexão com a natureza, através da sua moeda Grão, que permite ainda que cada um encontre também a dimensão emancipatória da troca! Pelo sentido da partilha, da amizade, dos sorrisos e compromisso de todos os voluntários e participantes, obrigado por me darem a chance de ver que outro mundo é realmente possível. Esse mundo é cheio de economia solidária, de arte, de amizade e de fraternidade. E pleno da riqueza da diversidade.

Estudantes, profissionais solidários, professores, cidadãs e cidadãos de Salvador se encontram, evidenciam suas necessidades e disponibilizam seus conhecimentos e a inteligência de seus corações. Entre outros destaques, eu guardo na memória especial apreço pela peça “A farsa da grande fortuna” na qual a história do Rei Midas fez uma demonstração inequívoca da importância do planeta Terra e das relações humanas para uma vida feliz. É como se nós fôssemos convidados a nos tornar artistas de nossa humanidade!

Na cidade onde moro, em Lyon, na França, eu não paro de reproduzir e ampliar a bela ação que é o Brechó EcoSolidário, em articulação com a rede local e global dos Diálogos em humanidade e de todas as iniciativas sociais, ambientais e humanas. Como a lenda de IndraNet, lembrada sempre por nosso amigo indiano Siddhartha, nós brilhamos pelo reflexo de todos os outros à partir do coração de nossas ações.

As múltiplas e abundantes revoluções tranquilas em curso no mundo nos fazem querer influenciar nosso destino comum, pois somos todos parte da mesma família humana. Somos cidadãos do Povo da Terra, e ainda é necessá-

rio que percebamos isso a cada momento de nossas vidas e que compartilhe-
mos essa ideia o mais amplamente possível.

Longe da globalização financeira destrutiva, aprendemos a conectar e fa-
zer a nossa parte para uma globalização fraterna em Bangalore, em Addis
Abeba, em Porto Novo, em Salvador, no Himalaia, em Foz do Iguaçu, em
Dakar, em Montreal, em Itacaré, em Lyon, em Paris ou Berlim, valorizando
as mais belas iniciativas que já estão crescendo nas rachaduras e margens do
sistema. Aprendamos a abrir nossos olhos e corações para reconhecer e espa-
lhar os milhares de revoluções pacíficas e cidadãs que estão sendo realizadas
agora mesmo. O Brechó é uma delas.

Para Débora, minha querida amiga.

INTRODUÇÃO

BRECHÓ ECOSOLIDÁRIO: INSPIRAÇÕES DE UM COLETIVO CIDADÃO

Débora Nunes

O livro que o/a leitor/a tem em mãos é uma homenagem à longevidade e ao vigor do evento Brechó EcoSolidário, realizado anualmente, desde 2006, em Salvador, e cuja história e forma de organização será detalhada aqui. Esse texto pretende também aprofundar o estudo sobre a dinâmica dos “novos coletivos cidadãos” (NUNES e MALTCHEFF, 2014), ao descrever e buscar analisar o funcionamento do Brechó. Esse movimento de muitas tribos, que culmina com mostras de “práticas do futuro emergente” no campo econômico, ambiental, social, político e cultural é um caso de estudos excepcional, mas é também um feito coletivo que precisa ser celebrado. Em um quadro a seguir o leitor poderá ler os nomes das pessoas que estiveram à frente da organização do evento nos últimos 10 anos. Elas representam, de certa forma, as centenas e centenas de voluntários e voluntárias que construíram o evento/movimento a cada edição. A todas/os, parabéns!

O Brechó é uma inovação no campo da ação coletiva cidadã que mostra como novos modos de ação social estão se consolidando. São ações voluntárias e colaborativas em torno de um objetivo comum e que são “horizontais”, ou seja, realizadas sem hierarquia, de forma aberta e multifacetada. O interesse por um maior conhecimento dessas práticas se destaca em momento de crise do sistema de democracia representativa em todo o mundo, pois elas mostram uma nova maneira de agir na cena pública. A renovação dos modelos políticos de governo de instituições, cidades, estados e países, provavelmente virá dessas novas formas de organização, que demonstram enorme criatividade, além de vigor e longevidade, como é o caso do Brechó EcoSolidário. Perceber, com algum distanciamento histórico, o quanto essas

experiências serão essenciais na renovação da democracia no mundo, pode ter sido um élan para algumas pessoas que veem organizando o Brechó todos esses anos, para construir novas práticas e perseverar em face das inúmeras dificuldades, cultivando a alegria no engajamento.

As ações dos novos coletivos cidadãos são fundamentadas em visões de mundo emergentes, que podem ser sintetizadas na frase de Gandhi “Nós precisamos ser a mudança que queremos ver”. Nessa visão, o empoderamento e a ação de cada um/a é vital para a construção coletiva. Porém, a vivência da governança horizontal é uma inovação que exige muito dos que dispõem-se a colocá-la em prática. Ela exige outros métodos de trabalho coletivo, que se baseiam na cooperação entre pessoas e organizações e que as levem à ação coordenada e não à divisão. Para isso, o funcionamento dos coletivos e redes deve ser pensado com o mesmo cuidado que é dado ao estabelecimento aos próprios objetivos comuns. Para avançar de forma efetiva, sem se esgotar no caminho, a metodologia do processo e o convívio interpessoal, são tão importantes quanto os fins almejados. Para aprofundar o estudo dessas novas formas de organização, a história do Brechó, na primeira parte desse livro, e sua metodologia, na segunda parte, mostrará a busca dessa coerência interna. Para uma visão geral, algumas características gerais desses novos modelos serão discutidas a seguir.

A liderança de serviço

A primeira das práticas de renovação democrática é a partilha igualitária de poder na lógica da liderança de serviço, ou seja: tem legitimidade na dinâmica coletiva aquelas e aqueles que servem de forma mais dedicada e constante aos objetivos do coletivo. Na governança do Brechó, na qual se destaca a presença das mulheres, cada membro contribui na ação coletiva conforme sua experiência, talentos e disponibilidade e encontra aí seu lugar para exercício da liderança, servindo ao objetivo comum. Cada uma/im o faz do seu jeito, mais ou menos ativo, mas o espaço de legitimidade e inclusão está aberto.



Acredito que uma das grandes expertises do Brechó EcoSolidário é ser um evento cuja organização é totalmente colaborativa e auto-gestionária que se reinventa a cada ano. Esta forma de organização é extremamente prazerosa, pois, além de experimentar uma outra lógica organizativa, podemos ver nossas contribuições em cada canto, em cada tenda do evento. Isso traz um senso de pertencimento muito grande. Tenho o prazer de participar do Brechó EcoSolidário e poder vivenciar um movimento de construção de um mundo mais sustentável e mais humano.

Para trabalhar com base na liderança de serviço - e não na hierarquia do poder ou do dinheiro - é preciso pensar de forma inovadora o papel de cada um/a. Isso implica em uma dinâmica de reconhecimento do coletivo aos fundadores/as, aos que têm mais experiência e anos de dedicação. Essas e esses são reverenciados, mas é implícito que podem errar e serem questionados. Seu lugar é menos de poder e mais de inspiração. Uma segunda tarefa é acolher as contribuições das pessoas que a cada ano ocupam um lugar de responsabilidade nas comissões temáticas, dando espaço para seus estilos e criatividade para que elas possam fazer o “seu” Brechó existir na prática. Claro que existe um “jeitão” histórico com o qual o evento/movimento foi construído, mas ele é maleável o suficiente para se renovar a cada ano, com as contribuições concretas das pessoas que chegam.

Nessa linha, uma atenção especial é dada aos colaboradores, aos amigos e amigas do Brechó, que se aproximam pelas relações pessoais, profissionais e familiares com quem o organiza e das parcerias que se estabelecem. Muitas pessoas se dispõem a apoiar, a trabalhar nos bastidores para que o Brechó exista e se desenvolva. Essa disposição ao anonimato é muito valorizada no Brechó e favorece muito o trabalho coletivo. A afirmação individual, o querer “estar na frente”, usufruir de “holofotes”, tão comum na sociedade tradicional, não é tão valorizada na cultura do Brechó. Talvez porque, por ser uma realização coletiva, a dinâmica atrai, de modo geral, pessoas mais discretas e sem tanta necessidade de “aparecer”. Isso se expressa nos momentos de dar entrevistas, por exemplo, de falar em nome do Brechó, pois fala quem está mais disponível, quem é mais relacionado ao tema da entrevista, mesmo que, naturalmente, as pessoas mais experientes sejam mais visadas.

A política da amizade e da confiança

Para viabilizar uma dinâmica coletiva dessa natureza, alguns autores, como NUNES e MALTCHEFF (2014) e VIVERET (2014) e também Marcos Arruda, em texto inédito, identificam a existência de uma “política da amizade e da confiança”. Como a confiança interpessoal é uma base funda-

mental da ação coletiva, ao se empreender objetivos que ultrapassam completamente a capacidade de realização individual, a “política da amizade” é uma “cola” dos esforços de cada um/a no grupo. Nos novos coletivos, entretanto, a ideia da amizade como cola política se distancia completamente do camaradismo ou do nepotismo e da cultura de privilégios. Aqui, é o sentido público das ações desenvolvidas coletivamente que contam, e não vantagens pessoais a serem obtidas.

Evocando as características da vivência da amizade, prática universal dos humanos, tem-se, de um lado, a cumplicidade que rege os comportamentos mútuos, sobretudo em situações públicas, do tipo “mexeu com meu amigo, mexeu comigo”, como se diz por aí. Por outro lado, existe uma exigência implícita de que cada amigo seja inteiro, que haja corretamente consigo mesmo e com o mundo. É o famoso “puxão de orelha” privado, com o qual os amigos amorosamente criticam falas, comportamento, etc, de quem apreciam, no intuito de fazer essa pessoa se dar conta de si, aperfeiçoar-se. Tanto nos acertos quanto nos erros os amigos contam uns com os outros pela confiança que é a base da amizade. Porque não pensar em modelos políticos que integrem essa cooperação cúmplice e exigente entre pessoas que compartilham generosos objetivos que beneficiam a sociedade, ou seja, que fazem Política juntas?.

Outra vantagem da amizade como inspiração para a ação política é que ela é um patrimônio que se transfere sem se gastar. Assim, cada pessoa convidada a participar da organização do Brechó EcoSolidário, por exemplo, por alguém que já está na dinâmica, é recebida em confiança imediata. Sobre suas ações dentro da construção coletiva irão vigorar a exigência de que dê o melhor de si e a cumplicidade que permite que seus erros sejam absorvidos e transformados. Dessa maneira, a rede se amplia e se renova, novas relações se estabelecem e as amigades iniciais se fortalecem no trabalho conjunto.

Na governança horizontal, a dinâmica que favorece o aprofundamento da confiança entre as pessoas, ajuda a que as dificuldades do agir e do estar juntos não as conduzam à divisão. Isto significa, por exemplo, encontros regulares e possibilidades de trocas interpessoais mais largas que as ditadas pela agenda prática e política do coletivo. Para isso, os momentos de trocas interpessoais aproximadas são largamente favorecidas (nas comemorações,

nos rituais, no ato de comer juntos, nas conversas pessoais, nos passeios na Natureza, etc). Outras ações nessa mesma direção: o mecanismo do “perdão prévio”, que tenta fazer com que a boa vontade e a confiança prevaleçam, e não o julgamento, quando alguém erra no propósito de realizar objetivos coletivos e favorecer o sentimento de interdependência e mútua ajuda através de financiamentos colaborativos para apoiar os objetivos coletivos. Isto tudo significa focar sempre no que une e diminuir a força do que separa as pessoas no coletivo.

A busca de convergências internas para favorecer a construção do consenso, implica uma dinâmica de boa vontade e acolhimento da opinião de uns pelos outros, mas também todo um trabalho pessoal sobre si mesmo, as próprias incoerências, os desvios do ego na busca exacerbada de reconhecimento público. A chave para o entendimento é a busca da persuasão e não da confrontação e por isso se dotar de mecanismos internos de mediação é imperativo, já que os conflitos são naturais em todos os coletivos humanos. Nessa linha, é necessário incluir momentos de silêncio e de afastamento para se tomar decisões difíceis, para construir com calma a possibilidade de maior convergência. Isso exige, claro, evitar a demonização do outro, a difusão de informações não confirmadas e sem checar sua pertinência com os/as interessados/as, de não deduzir malevolamente a intenção do outro, etc. Tornar-se uma pessoa melhor na dinâmica coletiva é um convite do Brechó e de todos os “novos coletivos cidadãos”.

Os grupos de trabalho e as múltiplas inteligências de nosso ser

Uma questão fundamental para o sistema de governança horizontal, e que o Brechó deu-se conta desde o início, é a necessidade de funcionar por grupos de trabalho. Isso torna concreto o engajamento de todos/as em tarefas específicas a serem realizadas para o coletivo e para o mundo, permite valorizar os talentos de cada um/a, favorece que as discussões sejam possíveis e aprofundadas pelo número mais restrito de pessoas e, dessa forma, que o processo

coletivo flua. A cada encontro geral da Coordenação, um/a representante do grupo de trabalho propõe e/ou organiza e avalia a ação do coletivo em seu tema específico e assim permite que a rede funcione a partir de uma liderança circular. Essa liderança tem que ser baseada na alegria, e assim, durante a organização do Brechó, em mais de 10 anos, houve várias de mudanças de funções, nas quais pessoas de uma comissão mudam de papel e passam a participar e/ou liderar outras coordenações, de forma a manter um interesse vivo pelo que faz, e não apenas um compromisso burocrático.

A atmosfera de sinergia e abundância com a qual o evento é organizado na dinâmica autogestionária, depende de grande dedicação dos organizadores, que precisam se entregar de maneira cúmplice e confiante naquilo que os demais vão realizar. A organização de um evento grande, plural, que não dispõe de recursos garantidos depende essencialmente das relações interpessoais e da “cola” entre as pessoas dos diferentes grupos de trabalho e desses e a coordenação geral. No Brechó evidencia-se que os meios utilizados precisam refletir todo o tempo os fins de interesse coletivo, embora as falhas, lógico, sejam parte do processo. É a dinâmica de organização - iniciada em março de cada ano - que define como se apresentará, em outubro, o resultado do esforço coletivo, como se verá na primeira parte desse livro.

Tanto na dinâmica interna quanto no processo de organização do Brechó, tem-se em especial atenção a deixar que se expressem a inteligência do corpo e do coração, levando em conta o que dizem nossas emoções e nosso corpo, tanto quanto o que expressa nossa mente. Isso nos permite manter uma energia positiva, evitar o esgotamento físico e nervoso, amenizar as tensões e se deixar nutrir pela alegria da camaradagem entre participantes. Por traz dessa forma mais “holística” de engajamento coletivo existe a ideia de que todo o sistema construído a partir de uma lógica que valoriza sobretudo o mental, e que é masculina e patriarcal, deve ser substituída por uma lógica mais equilibrada. Se a democracia atual está em crise, assim como as universidades, os partidos políticos, etc (para não falar na economia e no meio ambiente), é porque eles não levam em conta a integralidade da realidade e excluem sobretudo seus aspectos mais femininos.



O Brechó Ecosolidário é uma experiência marcante de uma nova ordem socioeconômica. É, basicamente, o sonho de milhões de seres humanos, materializado nos dias de acontecimentos do Brechó. É lindo ver a presença de pessoas de vários lugares, de todas as idades e classes sociais juntos fazendo a experiência de uma economia solidária, de um movimento autogestionário em respeito e sintonia com a natureza, vislumbrando e realizando ações que efetivam um mundo melhor. Atuar na tenda infantil como coordenador trouxe-me uma renovação interior, em comunhão com o “Espírito do Brechó”. Cada ano é uma novidade! É gratificante ver o sorriso no rosto das crianças e seus acompanhantes, demonstrando gratidão e felicidade por estarem vivenciando conosco aqueles dias “mágicos”!

O pano de fundo do paradigma holístico

Num campo mais geral, percebe-se que as ações dos novos coletivos cidadãos exigem que se ultrapasse uma visão de mundo baseada no paradigma cartesiano-mecanicista, que é o modo de pensar majoritário atualmente. No tempo em que filósofo francês René Descartes (1596 a 1650) e depois o físico inglês Isaac Newton (1642-1727) estabeleceram as bases para o pensamento científico vigente, elas eram necessárias e revolucionárias. Essa forma de ser e estar no mundo privilegia a racionalidade, a objetividade e a medição para chegar ao conhecimento. Do mesmo modo, para afrontar a complexidade do mundo, esse paradigma divide os conhecimentos em partes desconectadas umas das outras, para se tornarem passíveis de análise objetiva. Para evitar confusões no entendimento da realidade, cultiva-se nesse paradigma a certeza e evitam-se respostas múltiplas, assumindo que apenas uma resposta é a verdade. Por fim, para entender e agir sobre o mundo, prevê-se uma hierarquia que organiza o pensamento e a ação.

Os séculos passaram, as Universidades, os livros, as escolas e a mídia o divulgaram e hoje a maioria dos humanos pensa e age dando prioridade à racionalidade, sobretudo a dos números, respeitando os especialistas como senhores da verdade e imaginando o mundo como algo pré-determinado. Observe como essas maneiras de pensar lhe parecem de modo geral bem naturais...na medicina, por exemplo, esse é o paradigma dominante e nós somos “tratados/as” segundo esse ponto de vista, item por item. Nos consultórios não há muita conversa, só se acredita nos números dos exames; dividem cada parte de nós em especialidades e as causas profundas e integradas de nossos males não são buscadas; procura-se um diagnóstico/certeza para ter uma única prescrição e no final quem tem o poder é o médico e não nós, que somos desaconselhados até mesmo a abrir os resultados dos nossos próprios exames...

Se observarmos com atenção, veremos que as consequências de organizarmos o mundo a partir do paradigma cartesiano-mecanicista são: tornar naturais a dominação e a desigualdade; ter foco na quantidade e na análise fria dos fatos, excluindo ou deixando em segundo plano as razões do coração

e da intuição; fazer da competição pela verdade única, por posições sociais, pela atenção dos outros, etc., a norma do agir pessoal e coletivo, e, por fim, é ver a exploração dos recursos naturais e humanos como absolutamente convenientes, sem se questionar de fato sobre o desperdício de recursos ou o sofrimento no trabalho, ou pensar na cooperação, na reciclagem e na restauração de recursos.

Esse paradigma é cada vez mais questionado em suas limitações. Seu processo profundo de esgotamento como verdade única para entender e agir no mundo está tendo consequências graves, pois ele é excessivamente mental e competitivo e desconectado da Natureza. Aos poucos está sendo substituído por uma visão de mundo holística, que integra a interdependência, a incerteza e a amorosidade. O novo paradigma vem sendo chamado de quântico, holístico, sistêmico, orgânico ou ecológico propõe um novo jeito de pensar e estar no mundo, que está relacionado em profundidade com os fundamentos da física quântica. Essa, nascida no século XX está iluminando a mudança de paradigma do século XXI em outras diferentes abordagens: biológica, sociológica, antropológica, psicológica, política, etc..¹

Para avançar em apenas duas das bases dessa nova física, pode-se dizer que a interconexão e a interdependência entre todas as coisas são um dado evidente da realidade. Isso afeta absolutamente tudo, significando que cada gesto de cada elemento na rede da existência interfere no todo. Essa interconexão não necessita de relação direta, nem no espaço, nem no tempo e a isso se chama de “não localidade quântica”. A física quântica demonstra largamente que pessoas e coisas podem estar influenciando umas às outras sem estarem em contato direto. Isso fundamenta a existência de uma dimensão sutil da realidade que, fora da visão quântica é tida como exotérica ou paranormal.

Outros aspectos da realidade examinado pela lógica quântica incluem: a dinâmica do “salto quântico”, no qual os processos de mudanças atômicas não se dão de maneira linear, mas em saltos. Em termos sociais, isso significa

¹ Ver <https://cirandas.net/deboranunes/blog/cidades-do-futuro-novos-paradigmas> e <http://cirandas.net/deboranunes/blog/um-novo-jeito-de-ver-e-antever-o-mundo-o-paradigma-quantico-e-ecologico>

que as mudanças acontecem quando um determinado número de indivíduos já a estão praticando ou estão aptos para praticá-las, o que responsabiliza a todos/as pelo destino coletivo de modo cooperativo. Lidar construtivamente com a incerteza é outra base dos avanços impressionantes da física quântica, quando ela percebe que, ao nos aproximarmos de uma realidade já estamos deixando nossa marca nela. Assim, a depender de como interagimos com a imensa complexidade do mundo, um elétron é ao mesmo tempo massa e energia, uma pessoa pode ser conservadora e avançada, uma sociedade pode ser, ao mesmo tempo, justa e injusta. A racionalidade e as verdades unilaterais são insuficientes para apreender o mundo, e quanto mais amplamente pensamos mais próximos estamos de sua realidade, incluindo a inteligência do corpo, da intuição e do coração.

Em termos de ações concretas e valores (CAPRA, 2002) se pode dizer que a passagem do paradigma cartesiano-mecanicista para o paradigma holístico ecológico - que nos reconecta com a Natureza - significará passar da lógica auto afirmativa para a integrativa e do pensamento único para diversidade, ou do “ou” para o “e”; de uma inteligência apenas racional para uma inteligência múltipla, que inclui dimensões de nossa percepção do mundo que ainda não são compreendidas ou valorizadas; do privilégio da análise para as tentativas de síntese que suscitam ação e novas análises, de modo coconstruído e não de cima para baixo; da forma reducionista e compartimentada de conhecimento para uma abordagem holística e sistêmica; da ação linear, que explora recursos e pessoas, para a não linear, que foca na conservação da riqueza humana e natural.

Do mesmo modo, os valores predominantes nos dois paradigmas são diferentes e passa-se da dominação para parceria e liderança partilhada; da expansão, (seja ela territorial, de mercados, de riqueza, implicadas numa visão quantitativa) para a conservação, a manutenção, o cuidado; da competição para a cooperação; do curto para o longo prazo, dos fins justificam os meios para a valorização do processo, do caminho se faz ao andar, no qual busca-se a coerência entre o pensar, o sentir, o falar e o fazer. Não é à toa que essas

formas de pensar, de agir e de valorar as coisas e os processos são próximas da energia feminina².

A história a seguir, real, e que deve ter acontecido entre 2011 e 2013, nos dá uma singela percepção do que pode ser ver o mundo com outros olhos:

Era final de tarde do último dia, algumas pessoas da coordenação autogestionária do Brechó estavam sentadas, exaustas, olhando o movimento do Parque da Cidade, em Salvador. Chega uma moça loura, em roupa de corrida, com aspecto de ser filha da elite soteropolitana, moradora das vizinhanças, do Itaigara provavelmente, e se aproxima de alguém também sentado nas mesas de uma das cantinas. Ela pergunta à conhecida: “O que está acontecendo aqui?”, ao que a moça responde: “Ah, é o Brechó, uma feira anual de trocas de objetos usados com uma moeda social; até uma massagem vale um grão!”. A corredora fez mais algumas perguntas pra entender o inusitado do evento e depois olhou em direção à Tenda Holística e viu as últimas pessoas que tomavam massagem. Disse: “Uma massagem era tudo o que eu precisava agora. Será que você tem um grão pra me dar?”. A amiga respondeu, penalizada: “Infelizmente não tenho mais”.

Assistindo a tudo estava um menino de uns 10 anos, sem camisa e de pés no chão, negro, aparentando ser um filho da população pobre de Salvador, morador das comunidades de Santa Cruz ou do Nordeste de Amaralina, ali perto. Por ter passado o dia perambulando pelo Brechó e pedindo aos passantes “Moço, me dá um grão”, ele estava com as mãos cheias dessa moeda social. Ao pedir os grãos, ele, provavelmente fazia isso pra se divertir, pois isso foi antes de existir a Tenda de brinquedos e de roupas Infantis usadas, onde ele poderia gastar mais facilmente o dinheiro que só valia ali mesmo, no Brechó.

O menino olhava, fascinado, pra moça bonita conversando ao lado. Eu estava assistindo a cena sentada no chão e via, de baixo, ao mesmo tempo, a moça alta, rica, branca, e o menino pequeno, pobre, negro. Mas a cena que vi,

² Ver <https://cirandas.net/deboranunes/blog/por-um-mundo-melhor-superando-a-dominancia-masculina>, <http://cirandas.net/deboranunes/blog/cidades-do-futuro-incorporando-o-espirito-feminino>

a seguir, nunca mais esqueci: o mundo de ponta cabeça. A moça que queria a massagem olha pro menino e diz “Menino, me dá um grão?”. Ao mesmo tempo em que eu, o menino atônito olhou para o alto, pro rosto da moça, e hesitou alguns segundos, talvez percebendo o inusitado da cena, o mendigo dando dinheiro para a milionária. Mas foi só um segundo. Sorrindo, nesse sorriso lindo que acompanha os baianos, sobretudo os mais pobres, em suas interações com os outros, ele estende uma nota de grãos em direção à moça. Ela pega o dinheiro, agradece e sai em direção à área de massagem, sorrindo.

HISTÓRICO DAS PESSOAS ENVOLVIDAS NAS COORDENAÇÕES NOS 10 ANOS DE BRECHO ECOSOLIDÁRIO

Tendas de Trocas: Patrícia Pastori, Jossana Gamba e Lorena Volpini, Kátia Santos, Roselene Alves, Dirceu Conceição, Mariana Brandão e Isadora Cardoso.

Tenda Ambiental: Emerson Sales, Suzana Moura, Heliana Mettig, Sérgio Mettig e apoio do Ecobairro, Juliana Lumiko, Marina Brito, Breno Pessoa e Renato Cunha.

Tenda Holística: Denise Dinigre, Suzana Moura, Ivana Maciel, Karla Eugenia Andrade, Alessandra Azevedo, Sergio Mettig, Khalyna Gomes e apoio do Atelier da Alma.

Tenda Cultural: Beth Dantas, Érika Leone, Rose Gatelli, Menrod Douglas Oliveira Santos, Ivanna Soutto e Bia Simon.

Feira de Economia Solidária: Patricia Pastori, Tereza Oliveira, Kátia Santos, Jossana Gamba e Lorena Volpini, Roselene Alves, Elisete Bispo, Daiane Bispo, Eduardo Zanatta.

Infraestrutura: Eduardo Zanata, Patrícia Pastori, Tereza Oliveira, Kátia Santos, Jossana Gamba, Lorena Volpini, Clarice Silveira, Elaine Amazonas, Roselene Alves dos Santos; Thaize Oliveira e Elisete Bispo.

Ecobanco: Lais Francine, Patrícia Saldeado, Ian de Castro, Maria Oliveira e Carla Vita

Formação: Débora Nunes, Suzana Moura, Emerson Sales, Vivina Machado, Ian de Castro, Alba Maria, Stella Barros, Tatiana Reis, Cristina Silva, Irã Campos, Ludmila Meira, entre outros.

Receptivo: Débora Nunes, Priscilla Lins, Emerson Sales, entre outros.

Diálogos: Priscilla Lins, Débora Nunes, Ivana Maciel, Muriel Brossard, Durval de Moura

Tenda Social e Saúde e Qualidade de Vida: Patricia Pastori.

Tenda Infantil: Edson de Deus, Joceilça, Patricia Pastori, Lorraíne Ribeiro.

Exposição de Arte Reciclada: Fábria Melo, Débora Nunes, Magnólia Batista, Cristina Silva e Irã Santos.

Comunicação: Érika Leone, Emanuele Pereira, Magnólia Batista, Ana Lívia, Iara Gonzaga, Hilda Fausto, Jamile Souza e Leo Brasileiro, Vicente Aguiar, Santiago Neira

Assessoria de Imprensa: Balão de Ideias, Brava Comunicação Inteligente

Financeiro e Prestação de Contas : Simone Antonelli e Thaize Oliveira,

Financiamento colaborativo (CATARSE e KIKANTE): Lara Machado, Leo Brasileiro, Erika Moutinho Leone;

Decoração: Soninha Mota (Soul produções), Patrícia Pastori, Débora Nunes, Gei Correa, Cristina Silva, Irã Santos, Cláudia Verônica.

Autoras **de textos acadêmicos** abordando o Brechó: Kátia Santos, Magnólia Batista e Sibelle Brito.

MÚSICA TEMA DO BRECHÓ

ECOSOLIDÁRIO

Pop Zen

(Alexandre Leão, Manuca Almeida e Lalado)

Tudo que você tem não é seu
Tudo que você guardar
Não lhe pertence nem nunca lhe pertencerá
Tudo que você tem não é seu
Tudo que você guardar
Pertence ao tempo que tudo transformará

Só é seu aquilo que você dá
Só é seu aquilo que você dá
Só é seu aquilo que você dá
Só é seu aquilo que você dá

Tudo aquilo que você não percebeu
Tudo que não quis olhar
É como o tempo que você deixou passar
Tudo aquilo que você escondeu
Tudo que não quis mostrar
Deixe que o tempo com tempo vai revelar

Só é seu aquilo que você dá
Só é seu aquilo que você dá
Só é seu aquilo que você dá
Só é seu aquilo que você dá

E o beijo que você deu é seu, é seu... É seu beijo
E o beijo que você deu é seu, é seu
... É seu beijo

PARTE I - HISTÓRIA

2006 – 2016 O DESAFIO DA CONSTRUÇÃO DO BRECHÓ ECOSOLIDÁRIO DÉBORA NUNES E PATRÍCIA PASTORI

A trajetória histórica mostrada neste capítulo resgata memórias e documentos para descrever etapas e acontecimentos do Brechó, vivenciados na lógica de um “novo coletivo cidadão” (NUNES e MALCHEFF, 2014), como discutido na Introdução. A evolução de fatos e acontecimentos descritos aqui têm como fonte a memória das autoras e anotações pessoais, relatórios instituições parceiras e muitos documentos internos da coordenação autogestionária do Brechó, como atas e relatos de avaliações realizadas anualmente. Pretende-se resgatar o desenvolvimento contínuo do Brechó também através das relações interpessoais e interinstitucionais que foram se fortalecendo na ação concreta ao longo dos anos, num processo de construção coletiva, colaborativa e inovadora.

A história do Brechó se entrelaça com as trocas e vivências pessoais de suas organizadoras e organizadores. Fala-se aqui primeiramente no feminino para realçar o fato de que essa construção, como de resto a maior parte dos novos coletivos cidadãos serem realizações majoritariamente femininas. Um dos fios que entrelaçam a história aqui relatada será o das relações de amizade, poderosa ferramenta de ampliação do alcance de ações da sociedade civil, ainda pouco estudada e pouco descrita. Esse texto tem a pretensão de honrar o trabalho, a generosidade e a criatividade daquelas e daqueles que estiveram envolvidos nessa história. Centenas de pessoas o fizeram e em nome delas

destacaremos algumas que estiveram na linha de frente do processo, em seus nomes pessoais ou das instituições a qual pertencem.

O/a leitor/a acompanhará a citação dos nomes de muitas pessoas e das conexões que elas tinham umas com outras anteriormente, evidenciando as relações interpessoais que foram dando fluidez ao processo de renovação de lideranças e de modificações na estrutura do evento/movimento. É certo que existe certo pudor, em textos históricos de acontecimentos em curso, em fazer citações de nomes das pessoas envolvidas. No caso presente, considerou-se interessante nominar as principais pessoas envolvidas para desvelar melhor os modos de funcionamento dos novos coletivos cidadãos. Como toda a liderança nesses grupos é coletiva e exercida na lógica de uma “liderança de serviço”, na qual cada um serve segundo suas experiências e talentos, evita-se uma perspectiva egóica no relato dos fatos e realça-se, a contribuição de cada um/a a dimensão cooperativa do processo, se fortaleceu e inspirou cada um dos participantes, de forma singular e coletiva, a acolher sua segunda década de existência, iniciada em 2016.

Pode-se observar três momentos na história do Brechó: os anos iniciais, em que ele ainda era uma atividade exclusiva do setor de Extensão da Universidade Salvador, UNIFACS (primeiro Coordenação e depois Adjuntoria de Extensão Comunitária); o segundo momento em que o Brechó “foi pra rua”, passando a ser realizado no Parque da Cidade e envolvendo novas parcerias, sobretudo universitárias, coordenadas pela ONG Rede de Profissionais Solidários pela Cidadania; e, por fim, a consolidação do Brechó como atividade eminentemente da sociedade civil, associada a uma rede internacional, a Diálogos em humanidade³. Esse trajetória vai mostrar a ampliação do

3 Para um pequeno histórico da rede Diálogos tem-se que: reunidos na Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável em Johannesburgo - África do Sul, em 2002, os criadores do evento “Diálogos em Humanidade” - Gérard Colomb, prefeito da região metropolitana de Lyon, Geneviève Ancel, sua assessora para o Desenvolvimento Sustentável e Patrick Viveret, filósofo, decidiram que era necessário ampliar a discussão sobre a questão humana em um evento público. A ideia era reforçar e ampliar esta discussão - entre filosofia e política - no processo de construção da sociedade civil mundial, aprofundando a discussão sobre o que em nós humanos constrói os resultados concretos que vemos em termos sociais, econômicos e políticos. Ao invés de discutir-se sempre o papel das classes sociais, dos governos, dos espaços geográficos na configuração da civilização humana, permitir-se abrir-se também para entender como os sentimentos genuinamente humanos – o medo e o amor, a raiva e a compaixão, o egoísmo e a generosidade, entre outros – conformam o estar no mundo da hu-

escopo do evento, do crescimento do seu público e do número e diversidade das pessoas que participam e sua organização, a ponto de suas/seus organizadoras/es o verem hoje mais como um movimento do que como um evento.

Então vejamos onde tudo começa e como evolui. Nos primeiros anos do novo milênio, o movimento de Economia Solidária na Bahia e no Brasil teve grande impulso. Vários eventos foram organizados, com presença expressiva de professores e estudantes das universidades, que sediaram encontros, palestras e feiras. Alguns desses eventos tiveram porte internacional, como foi o caso, na Bahia, do Encontro Internacional de Economia Solidária, realizado em 2002, e de cuja organização participaram professores de diversas Universidades, como Suzana Moura e Genauto França, da UFBA, Gabriel Kraychete, da Universidade Católica e Débora Nunes, da Unifacs, entre outros. Essas e outras pessoas que estiveram envolvidas na organização desses eventos deram origem ao movimento e ao Fórum de Economia Solidária da Bahia – FBES-BA. Esse movimento ajudou a tornar a ES uma inovadora política pública do Estado brasileiro e baiano, e muitas dessas pessoas participaram também da história do Brechó.

A ideia do evento nasce em sala de aula. Em 2005, para exemplificar o que seria uma outra economia e o papel da moeda social na disciplina “Pobreza Urbana, Participação Popular e Economia Solidária” (do PPDRU - Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Urbano e Regional da UNIFACS), a Professora Débora Nunes solicitou aos estudantes trazerem bens usados para uma troca em sala de aula. Nesse período, a professora Débora estava profundamente envolvida com a insitucionalização da Economia Solidária na Bahia e no Brasil e sabia que a experiência prática de uma economia na lógica do “ganha-ganha” á grande motivadora do questionamento à economia capitalista vigente, na qual uns ganham e muitos perdem. A experiência foi tão motivadora como metodologia ativa de aprendizado, que ela decidiu torná-la manidade. As regras que regem o espírito dos eventos que compõem a rede Diálogos são: Liberdade de expressão e de proposição; Boa vontade - escuta e respeito - por si mesmo, pelos outros e pela Natureza; Igualdade de todos diante da questão humana. Os princípios que regem a organização de rede Dh são: o princípio da Autogestão (cultivando a confiança e a amizade); o princípio da Abundância (deixar fluir a riqueza que traz cada parceiro); o princípio da Diversidade (favorecer a participação de todos, entendendo a interdependência) e a “política da amizade”, na qual a exigência e a cumplicidade reinantes ajudam aos envolvidos a crescerem como pessoas e como cidadãos.

“ S
estar
uma e
de viv
poter
O eco
pensa
de cir
essen
de ca
pesso
um m
força
para
O b
mens
de re
consu
precis
Precis
pesso
reduç
mund
. Crei
de fo
longo
dissen
tocad

uma prática extensionista no ano seguinte, quando se tornou Coordenadora da Extensão Comunitária da UNIFACS.

A área de Extensão da UNIFACS contava nesse período com duas assessoras, Patricia Pastori – que desenvolvia dissertação de Mestrado sobre Autogestão na Economia Solidária e Kátia Santos, membro da cooperativa COOPAED e assessora popular de empreendimentos, que foram essenciais na consolidação do Brechó. Elas estavam ligadas ao EPADE - Escritório Público de Desenvolvimento Local e Regional, que era a incubadora de empreendimentos de economia solidária da instituição, fundada em janeiro de 2004 e extinto em 2010. O EPADE, em parceria com a Associação Rede de Profissionais Solidários pela Cidadania (fundada em 1998 por Débora Nunes e Simone Antonelli), foi parceiro nos anos iniciais do Brechó, pois tinha recursos oriundos de um projeto da Petrobrás que permitiu incubar o empreendimento de alimentação COOPAED, que atuava nas cantinas da UNIFACS. A história do Brechó, como se verá, teve apoio de muitos homens, mas é uma trajetória essencialmente feminina.

O primeiro evento, em 2006

A criação da moeda social “grão”, até hoje vigente no Brechó, dá-se no quadro do programa extensionista de educação para o consumo, o PICC - Programa Interno de Consumo Consciente, criado em 2006 e vinculado à citada área de Extensão da UNIFACS. O programa foi criado para sensibilizar a comunidade acadêmica a fazer face ao aquecimento global, derivado do aumento desmesurado da produção e consumo de bens nas últimas décadas do século XX. Uma das atividades de formação da consciência crítica de estudantes, professores e colaboradores da UNIFACS sobre o consumo foi assim o Brechó Solidário (na época sem o “Eco”). Sua moeda social “grão” servia para possibilitar a circulação de bens usados internamente na comunidade acadêmica e

A proposta do Brechó, nesse período, consistia em uma feira de trocas que incentivava as pessoas a trazerem para a Universidade bens em bom estado

de conservação, mas inúteis, que poderiam servir a outras pessoas. Os bens eram trocados pelo “grão” nas dependências da própria instituição, nas secretarias de cada curso e em alguns setores administrativos. No dia do Brechó, os participantes usavam a moeda para adquirir outros produtos, úteis.

Um documento da época mostra como o evento foi divulgado internamente na UNIFACS, através de seu Jornal “De Hoje à Oito”:

“Dentro do Programa Interno de Consumo Consciente, estaremos realizando, na V Semana Universitária da UNIFACS, um Brechó Solidário. Este Brechó, realizado pela Coordenação de Extensão Comunitária, com apoio das Coordenações dos Cursos, da APFACS e dos DA’s e DCE, pretende implantar uma nova prática de aquisição de bens, de forma cooperativa e sem prejuízos ao meio ambiente. Pretendemos criar com o Brechó uma experiência de extensão da vida útil dos produtos de forma a evitar o desperdício. Para tal, convidamos você a participar do mercado trazendo produtos em bom estado e trocando-os por moeda social, o Grão, que circulará apenas durante o Brechó. Com esta moeda, você poderá adquirir outros produtos disponibilizados no Brechó Solidário por pessoas que, como você, preocupam-se com a qualidade ambiental do planeta” (DH 8 Edição 17, 2006).

A primeira versão do evento deu-se assim na Semana Universitária, no dia 22 de setembro de 2006, das 15 às 20 horas, no estacionamento do Prédio de Aulas 8, o maior da UNIFACS, situado na região do Iguatemi, importante sub-centro de Salvador. A afluência do público nas diferentes barracas de troca instaladas foi bastante significativa e o rápido enraizamento do Brechó em toda a Universidade foi fruto da atuação da Comissão de Monitoramento do PICC. Essa Comissão coordenava o programa em toda a instituição e era formada por professores e funcionários da Unifacs, todos voluntários e movidos pelo desejo de atuar na sensibilização das pessoas à questão ambiental. Destacam-se nessa comissão, além da equipe da Extensão já citada (Débora Nunes, Patricia Pastori e Kátia Santos), as professoras Beth Dantas e Rose Gatelli, o professor Eliezer Cruz e as funcionárias Nilzete Santiago, Cynthia

Borba e Nina Mota. Desde a origem, o Brechó foi organizado com base na inteligência coletiva e na colaboração voluntária.

A proposta do PICC de evitar o desperdício de água, luz, copos plásticos e tonner de impressoras usadas na Universidade e assim produzir economias a serem reinvestidas ecologicamente foi muito bem recebida. A obtenção do compromisso da direção da instituição, com especial apoio do reitor, o Prof. Barros, para que essas economias fossem aplicadas em equipamentos mais ecológicos, que redundassem em novas economias de matérias primas e portanto em maior sustentabilidade, e em atividades de formação ambiental foram base para a credibilidade do PICC e do Brechó. Assim, o objetivo de fazer ver o desperdício que significa objetos em bom estado não estarem nas mãos das pessoas que podem efetivamente fazer uso deles, foi facilmente compreendido pelo público, de forma lúdica, criativa e concreta, garantindo à UNIFACS, no ano seguinte, o Prêmio Top Social 2007 pelas ações implantadas no PICC.

Nesse momento, um movimento de articulação de Pró reitores de Extensão estava se construindo na Bahia, com vistas a reforçar essa atividade nas Universidades. Esse movimento ajudou a que a primeira edição do evento já contasse com a presença de Pró reitores de Extensão de outras três Universidades. Além da UNIFACS. A presença do pró-reitor da maior universidade baiana, a UFBA, Prof Ordep Serra, que tinha sido co-orientador da tese de doutoramento da prof. Débora Nunes, cauciona o convite a outras pró-reitoras, a da UEFS, Profª Malena Besnosik e a da UNEB, Profª Adriana Mármori. Esse fato antecipa a vocação do Brechó em tornar-se um evento interuniversitário e, aos poucos, da sociedade civil organizada da cidade de Salvador.

Embora diversas outras atividades de sensibilização tenham sido desenvolvidas no âmbito do PICC, a eficácia do Brechó Solidário e do “grão” como elemento de sensibilização para o consumo consciente pode ser observada na sua permanência - mesmo após a extinção do programa PICC em 2010, em seu enraizamento na cidade e em outras instituições.

O evento de 2006 contou com a participação de oito empreendimentos de Economia Solidária nos ramos de alimentação, confecção e artesanato,

convidados pelo EPADE. Outras pessoas e instituições participaram do Brechó promovendo várias atividades paralelas e destacou-se uma atividade de estudantes de Psicologia organizada por Suzy Rego e com apoio do Diretório Central dos Estudantes da UNIFACS, de disponibilizar apostilas de diversas disciplinas para troca por grãos. Como forma de instruir o público que não tinha trocado seus bens antes, foi colocada um barraca para trocas diretas por grãos. Na fala da Adjunta de Extensão, na inauguração do evento, destacou-se a necessidade de a sociedade civil criar novos hábitos, como o da troca de bens, para evitar os efeitos nefastos do consumo exacerbado e inconsciente, sobretudo nas faixas de renda mais altas, como a dos estudantes da UNIFACS. A preocupação com a organização e o registro de dados e posterior sistematização dos processos extensionistas era decorrente do envolvimento da professora Débora e sua equipe no movimento extensionista com vistas a desenvolver uma metodologia que fosse capaz de mensurar os resultados. Desde o primeiro momento do PICC e do Brechó já existiam mecanismo de controle e de registros de resultados quantitativos das emissão de grãos e de trocas efetivadas, como se verá o longo do texto. Para 2006, eles se expressam no quadro a seguir.

Tabela 1 – Quadro de produtos trocados do Brechó em 2006

DESCRIÇÃO	QUANTIDADE					
	1 GRÃO	2 GRÃOS	3 GRÃOS	4 GRÃOS	5 GRÃOS	TOTAL
	214	30	17	19	7	287
BIJOUTERIAS	99	18	7	0	0	124
LIVROS	56	17	8	0	0	81
CINTOS	12	4	2	0	0	18
CD	44	0	0	0	0	44
BOLSAS	13	7	4	0	0	24
UTENSILIOS	19	2	4	1	2	28
SAPATOS	33	14	3	1	1	52
TOTAL	490	92	45	21	10	658

Fonte: Relatório Brechó UNIFACS, 2006.

Na sua primeira edição, a metodologia não foi tão simples como aquela ensaiada em sala de aula, na qual o “valor de uso” era priorizado em relação ao “valor de troca”, realçando a ideia de que bens que não são úteis aos seus proprietários e entram no mercado solidário para voltarem a serem úteis não devem ter valores diferentes. Como se vê no quadro acima, introduziu-se uma diferenciação do valor dos bens, a depender de seu valor no mercado real. Ocorre que isto gerava desconforto no momento das trocas. Embora a trajetória do Brechó, como se verá, seja a da complexificação, um dos avanços observados logo nas primeiras edições foi o retorno à simplicidade do evento realizado em sala de aula, onde cada objeto valia o mesmo que todos os outros. Desde então, e até hoje, “grão” corresponde a um único produto: nesse mercado solidário, o que importa é o valor de uso e não o valor de troca.

O Relatório institucional da CEC de 2006, transcrito em alguns trechos a seguir no que se refere ao Brechó, diz que “A partir de levantamento realizado junto aos empreendimentos, a atividade foi considerada satisfatória para 92% dos presentes, possibilitando aos mesmos vivenciarem uma prática de comercialização, onde o foco não era o dinheiro e sim, a vida útil dos produtos. Alguns depoimentos podem comprovar essa afirmativa:

“... seria tão bom se a vida fosse assim, na base da troca”

“... foi muito mais fácil, teve horas que esqueci até que o dinheiro existia”

“Aqui fiquei despreocupada com vender apenas, eu não precisava do dinheiro para trocar. . .”

O objetivo pedagógico do Brechó foi atingido já na primeira edição, pois os os envolvidos perceberam que pode existir outras formas de mercado, mais justas e igualitárias. Nessa primeira edição, o público foi de aproximadamente 500 pessoas, com circulação de quase 700 grãos. Os produtos que sobraram do evento foram destinados à doação a três empreendimentos solidários, para que realizassem um bazar em suas comunidades.” Essa lógica de bens para troca e bens para doação se impôs no processo pelo número de objetos em mau estado, impróprios para troca, mas que estavam em condições

de serem reaproveitados em reciclagem, etc. por comunidades carentes.”

O relatório do primeiro evento finaliza assim: *“Desta maneira, podemos afirmar que o Brechó Solidário conseguiu atingir o propósito de demonstrar a possibilidade de uma nova prática de aquisição de bens, de forma cooperativa e sem prejuízos ao meio ambiente, através do engajamento da comunidade Unifacs e parceiros.”* (In Relatório institucional da CEC - 2006)

OS ANOS SEGUINTE DA PRIMEIRA ETAPA: 2007 E 2008, O BRECHÓ COMO ATIVIDADE PEDAGÓGICA

Nos anos de 2007 e 2008, ainda nas dependências da UNIFACS, aprofunda-se o objetivo pedagógico do evento em torno do uso da moeda social e do consumo consciente. Quando o Brechó propõe aos participantes o desapego de bens materiais que não possuem utilidade real para uma pessoa, mas que poderá servir para uma outra ele permite a experiência de uma nova maneira de circulação da riqueza, sem a utilização de dinheiro. Essa vivência, por sua inovação e pertinência, é uma forma de ação política que busca mudar padrões culturais. Como foi dito, o programa PICC foi agraciado, em 2007, pelo Prêmio de Marketing TOP Social pela ADVB- Ba.

Esse prêmio, oferecido anualmente pela Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVB-BA) e pela Associação Brasileira de Agências de Publicidade da Bahia (ABAP - Ba), foi entregue em 17 de dezembro de 2007, na Sede da Associação Comercial da Bahia (ACB). O Top Social tem como objetivo reconhecer e premiar programas e ações de responsabilidade social de organizações que contribuem nas áreas de cidadania, educação, meio ambiente, saúde e respeito ao consumidor. Segundo testemunhos de Débora Nunes e Patrícia Pastori no Jornal *De Hoje à Oito*, de 12/2007 um prêmio como o Top Social, destaca a UNIFACS como um agente promotor da responsabilidade socioambiental:

*“Essa premiação reflete o reconhecimento público das ações implementadas pelo PICC e de como é relevante para a sociedade que grandes organizações revejam seus modos de gestão para o desenvolvimento regional e sustentável”
Débora Nunes, membro da Comissão de Monitoramento do PICC. Para Patrícia Pastori, assessoria da CEC – Coordenação de Extensão Comunitária,*

“a premiação estimula todos os envolvidos, a comissão de monitoramento, colaboradores e voluntários, a continuarem engajados no sentido de aperfeiçoar e fortalecer a imagem de credibilidade do projeto junto à sociedade”.

Em artigo publicado em 2009, NUNES relata a aposta no caráter pedagógico do Brechó: “quando o público da Universidade, com poder aquisitivo geralmente elevado, se dá conta da quantidade de bens que possuem em casa e que não têm mais utilidade, observa que, muitas vezes, estes produtos foram adquiridos de modo compulsivo. Esta revelação abre portas para o aprendizado e para mudanças de comportamento. Quando este público experimenta a experiência agradável de adquirir bens úteis com a moeda obtida pela troca de bens que para eles/elas eram inúteis, verifica-se o sentimento de prazer, que pode existir também pela observação de seus bens “inúteis” tornarem-se úteis por terem mudado de mãos. A sensibilização pode se dar também para aqueles que já são engajados em outras formas de luta política, e que percebem que podem viver no agora experiências de uma economia de outro tipo, que devolve ao dinheiro seu papel original de instrumento de troca” (Revista Diálogos, v. 1, p. 56-65)”

Na medida em que o Brechó atraía a parceria de outras instituições, inclusive outras faculdades privadas como a UNIFACS, por relações de amizade entre professores vinculados ao Brechó, tornava-se difícil apresentar o evento como “da UNIFACS”. Ao longo de 2008, construiu-se internamente a possibilidade de o Brechó ser organizado pela Rede de Profissionais Solidários pela Cidadania (REDE), entidade também fundada pela professora Débora Nunes, em parceria com Simone Antonelli, desde 1998. Com anuência do então Reitor da UNIFACS, Prof. Manoel Joaquim de Barros Sobrinho, que demonstrou generosidade e percepção do interesse público da atividade - característica própria de um visionário - a organização do evento torna-se responsabilidade da REDE. Muda o papel da UNIFACS no processo, que passa a ser “apenas” a principal parceria de um evento organizado pela sociedade civil, mostrando outras formas de se fazer extensão no âmbito das universidades. O evento, a partir daí, passa a ser realizado no Parque da Cidade.

Ainda em 2007, a trajetória do Brechó torna-se nacional com sua inserção no ambiente de discussão dos pró-reitores de extensão, o Programa Interno de Consumo Consciente (PICC) que foi apresentado em alguns eventos. Isso se deu pois nessa época a professora Débora Nunes foi eleita presidente do Fórum Nacional de Extensão das Instituições de Ensino Superior Particulares – FOREXP, entidade análoga a outros *fori* de extensão, como o FORPROEX, das instituições públicas. A simplicidade metodológica do PICC, facilmente replicada e adaptável a outros contextos, os bons resultados desse na UNIFACS e o sucesso de público do evento chave do projeto, fez com que o PICC fosse adaptado e adotado por outras instituições. O FOREXP adotou o PICC como modelo de ação sugerido para outras instituições filiadas e assim também o Brechó foi “exportado” para outras faculdades e universidades em várias partes do país (NUNES, 2009, pag 2).

Entre os anos de 2006 a 2008, o projeto de pesquisa do EPADE “A Incubação Universitária de EES no Brasil através da Rede ITCPs”, financiado pela FAPESB para a contratação de estagiários, favoreceu contatos com incubadoras da Bahia e do Brasil, e as baianas se aproximaram do Brechó, como se verá. Nesse mesmo período estava sendo oferecido pela professora Débora Nunes, na sede do EPADE, um curso sobre técnicas de incubação de EES, e vários dos participantes do curso também vieram a compor o leque de pessoas e instituições que compuseram a organização do Brechó. Desse processo nasceu o livro da professora Débora, “Incubação de Empreendimentos de Economia Solidária: uma aplicação da pedagogia da participação”, com prefácio de Paul Singer, pela Editora Annablume, de São Paulo, em 2009.

Ao abordar este histórico inicial do Brechó está presente um intercâmbio forte entre a evolução histórica do evento e a vida acadêmica, política e as relações pessoais de Débora Nunes, principalmente. Contudo, o que se pode ver no desenrolar do processo é uma força articuladora que se baseia em laços de amizade e confiança que vai se ampliando, como uma onda que encontra novas ondas, ou fios que tecem uma imensa teia. A articulação entre essas relações pessoais moldando uma rede se dá tendo como pano de fundo o encontro e o trabalho coletivo de pessoas que são engajadas em causas ambientais e na economia solidária, que se entregam à causa de contribuir para

a evolução humanas. Todas aspiram por mudanças de hábitos para avançar nos novos tempos e o consumo consciente é um desses avanços necessário.

2009: O BRECHÓ CRESCE EM TAMANHO E ATIVIDADES, SE AMPLIA EM PARCERIAS E SE ABRE PRA CIDADE

A ida do Brechó para um espaço emblemático para Salvador, como o Parque da Cidade, situado em uma conjunção de bairros ricos e pobres e apresentando uma mata preservada e vários equipamentos de lazer, marca uma nova etapa, que aconteceu em maio de 2009. A coordenação do evento através de uma entidade da sociedade civil abre também novas parcerias e cerca de dez instituições de ensino superior se envolveram na organização do Brechó, além de várias outras de cunhos diversos, como se verá a seguir. Essa ampliação de instituições parceiras fez com que se discutisse critérios para que uma instituição tivesse seu nome vinculado ao evento. A ideia era atrair parcerias consistentes e evitar oportunismos, dada a boa imagem que o Brechó já construía, nesse período, no meio Universitário e do movimento da Economia Solidária, principalmente.

Os critérios adotados, simples e claros, se mantêm até hoje e são três: a instituição deve ter um representante na Comissão autogestionária, de forma a ser coresponsável com as decisões tomadas; deve contribuir materialmente ou em recursos humanos para a realização do evento de acordo com suas possibilidades, tornando-se assim legitimamente parte do esforço coletivo de realização do Brechó, e deve ter um posto de troca de bens pela moeda “grão” em pelo menos uma de suas sedes. O capítulo referente à metodologia detalha melhor o funcionamento concreto das parcerias do Brechó.

Um novo impulso ao evento veio de um maior envolvimento de professores e estudantes da maior universidade baiana, a UFBA, vinculados ao Programa “Escola Ecológica”, criado pelo professor Emerson Sales e apoiado pelo Pró-reitor de Extensão na época, Professor Ordep Serra. Os vínculos



Fazer parte da família do Brechó é um presente do universo. Uma proposta que lhe ensina a compartilhar o que vc tem de melhor seja em conhecimento, atitudes e sentimentos em prol de um coletivo que vê o mundo com um olhar mais doce e ecologicamente responsável. Foi uma oportunidade de encontrar pessoas que sonham com um mundo mais justo socialmente e ambientalmente. No Brechó conseguimos vivenciar um pouquinho desse mundo.

familiares, acadêmicos e de amizade entre esses e as fundadoras do Brechó, evidenciam, mais uma vez, a rede de relações que são a base das construções coletivas não mercantis e não hierárquicas. O programa da UFBA, criado em abril de 2007, tinha muita identidade com os objetivos de conscientização e ação prática do Brechó. O UFBA Ecológica desenvolvia atividades em sustentabilidade na instituição e teve parceria interna com o grupo Organismo, formado por estudantes de biologia, e externa com o WWI – *Worldwatch Institute*, através de seu diretor no Brasil, o baiano Eduardo Athayde e da Fundação France Libertés, na pessoa de sua fundadora, Danielle Mitterrand, hoje falecida, e de seu representante no Brasil na época, André Abreu.

A parceria UNIFACS – UFBA deu outros frutos, além da consolidação do Brechó: o programa Escola Ecológica, para formação de professores das escolas estaduais. Esse programa, que também teve Patrícia Pastori como professora, foi realizado entre 2009 e 2010 com apoio do IAT – Instituto Anísio Teixeira, vinculado ao Governo do Estado da Bahia, motivou a realização de muitos “mercados de troca de bens usados com uso de moeda social”, inspirados no Brechó EcoSolidário. Com a UNEB, mais uma vez as relações interpessoais foram decisivas na construção de parcerias. Bia Simon, que havia sido colega de movimento estudantil na faculdade de Arquitetura da professora Débora Nunes e sua colega de Mestrado, envolveu seus alunos e a Pró-Reitoria de Extensão, por alguns anos, na organização do Brechó.

A presença da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – ITES, da escola de Administração da UFBA, no Brechó, assim como, por alguns anos, da incubadora do antigo CEFET foi se tornando uma garantia de maior organização na gestão da moeda social. Ian de Castro, que foi carinhosamente chamado por alguns anos de “presidente do banco central dos grãos”, chamado posteriormente de Ecobanco, fundou as bases de uma parceria sólida. O Ecobanco vem sendo a cada ano gerido por uma pessoa diferente, oriunda do quadro da ITES - UFBA, e atrai um número significativo de voluntários, talentosos na administração e na invenção de uma moeda que funciona para o bem de todos e não para a acumulação de alguns.

Foi também a partir de 2009 que o evento contou com o apoio material da SETRE – Secretaria de Trabalho, Emprego Renda e Esportes, particular-

mente na feira que nesse ano contou com a presença de 30 Empreendimentos de Economia Solidária. O apoio do Centro Público de Economia Solidária e do Instituto Mauá, vinculados à SETRE que era dirigida nesse momento pelo professor Nilton Vasconcelos, um dos fundadores do movimento da Economia Solidária na Bahia, deram maior estrutura ao evento. A consolidação das políticas públicas de apoio aos empreendimentos de economia solidária do estado acabou por beneficiar o Brechó. Com estas articulações, houve também uma importante ampliação do escopo do evento com atividades culturais, fomentando e incentivando a participação popular nesta construção coletiva: 12 grupos culturais de diversos bairros de Salvador se apresentaram no evento.

A participação da professora Suzana Moura, da Escola de Administração da UFBA, trazida pela professora Karla Andrade, da UNIFACS, e ex-sócia de um escritório de arquitetura com Débora Nunes, foi fundamental para a evolução do Brechó. Através dessas duas professoras, várias parcerias foram viabilizadas com entidades de cunho holístico, ou seja, que trabalham as questões humanas de forma interligada e integral. A ideia “holística” da interligação e interdependência entre todas as coisas faz com que aos poucos as pessoas que organizam o Brechó sintam que se esse evento faz bem para a Mãe Terra haverá uma sincronia para que ele aconteça da melhor forma. Foi a partir desse ano que o Brechó tornou-se “EcoSolidário”, pois a dimensão ambiental do evento se tornava cada vez mais evidente.

A participação de pessoas e instituições de outros horizontes foi favorecida pelo novo arranjo organizacional do evento, menos universitário, já que coordenado por entidade da sociedade civil. Destacam-se, entre as entidades holísticas que se agregaram ao Brechó, a parceria que tem crescido desde esse momento com a Fundação Terramirim, vinculada à Ecovila de mesmo nome fundada pela Xamã Alba Maria há mais de 20 anos, localizada em Simões Filho, e com o grupo que depois veio a fundar o Atelier da Alma, do qual faz parte Denise Dinigre, mais uma pessoa importante na construção do Brechó. A aproximação das entidades holísticas permitiu a criação de uma “Tenda Holística”, que passou a oferecer um conjunto de práticas de meditação, yoga, cantos xamânicos, etc., ao público do evento.

A ampliação dos componentes da coordenação autogestionária, a diversidade de perfis pessoais e institucionais e a complexificação do evento, cada vez mais interdisciplinar, exigiu o desenho de uma metodologia voltada para a responsabilidade compartilhada, como veremos no capítulo dedicado a esse assunto. O evento, que continuava a estar sob supervisão de prof. Débora Nunes e de sua equipe da Coordenação de Extensão Comunitária, particularmente de Patrícia Pastori, extrapolava largamente o âmbito de ação de suas fundadoras. A partir do núcleo inicial, o Brechó incorporava as competências, as relações pessoais e profissionais e o jeito de ver o mundo de mais e mais pessoas que foram integrando a Comissão Organizadora autogestionária e enriquecendo o Brechó a cada ano.

Desde 2008 a participação da Cooperativa de Agentes Ambientais Nova República, CANORE, incubada na época pelo EPADE, incubadora da UNIFACS, através da prestação de serviços na área de reciclagem, se consolida. A parceria com a CANORE foi se consolidando a partir de uma preocupação da organização do Brechó em implantar a coleta seletiva nos dias de evento, garantindo a limpeza do espaço e o reaproveitamento dos materiais usados (plásticos, PET, caixas de papelão).

Nos bastidores da organização do Brechó, estava, a partir de 2009, a ONG Rede, que tinha os seguintes papéis: oferecer um quadro jurídico para a captação de recursos, com seu CNPJ e histórico ilibado, sem pendências, que permite a recepção de dinheiro público e privado. Escrever projetos para captação de recursos segundo as normas dos editais. O controle de contratações e compras diversas seguindo as normas dos entes parceiros que disponibilizam recursos, de modo a fazer uma prestação de contas transparente, segundo as exigências legais. Oferecer sua sede, na Federação, para realização de reuniões e depósitos de objetos da infraestrutura do Brechó. A disponibilização de seu site para a comunicação oficial do evento, tendo como *web designer* Santiago Neira, e guarda de documentos da história do Brechó e a emissão de certificados de participação aos voluntários. Algumas dessas funções foram absorvidas por outras instituições ao longo dos anos.

Em 2009 o evento contou com 105 estudantes atuando como voluntários, foram realizadas a troca de 9.198 produtos e emitidos 8.500 grãos. Um ponto

alto desse ano foi a adoção da música “Pop Zen”, de Alexandre Leão, como hino do Brechó. O autor baiano esteve no evento e cantou sua música com os membros da coordenação, os voluntários e o público, numa grande roda que cantava “só é seu aquilo que você dá”. O maior legado deste ano, porém, talvez tenha sido a produção da primeira edição do filme do Brechó em duas partes de 10 minutos, que contou com o trabalho dedicado da professora Beth Dantas, e foi traduzido em francês para uma melhor divulgação na rede Diálogos. (link: <https://www.youtube.com/watch?v=r9nVphd48zg>).

Esse vídeo, com descrição detalhada da metodologia do Brechó, foi largamente usado por instituições que se inspiraram nele e foi visto em vários países através das articulações da rede internacional Diálogos em humanidade, como se verá a seguir.

2010: O BRECHÓ TORNA-SE INTERNACIONAL: A REDE DIÁLOGOS EM HUMANIDADE

A partir de **2010**, o Brechó EcoSolidário passa a integrar a rede internacional *Dialogues en humanité*. Esta rede baseia-se no diálogo público sobre os desafios da humanidade e está instalada em quatro continentes e iniciou-se com um evento de mesmo nome em Lyon/França, em 2002. Os eventos da rede “Diálogos na humanidade” propiciam discussões e a experimentação de soluções inovadoras da própria sociedade para fazer face aos desafios humanos atuais, sejam eles econômicos, sociais, ambientais e espirituais. As diferentes experiências da rede oferecem, como no caso do Brechó, como seu mercado de trocas com moeda social, o que pode ser chamado de “práticas do futuro emergente” para inspirar caminhos de ação da sociedade civil, mas também do Estado. ([www. http://dialoguesenhumanite.org](http://dialoguesenhumanite.org))¹

Os documentos da rede Diálogos a colocam como um “fórum global sobre a questão humana” nos quais os/as participantes são chamados a “crescer na humanidade”. Quando se reúnem para pensar e agir no contexto da busca de justiça social, da democracia participativa e do respeito pela natureza, os/as participantes destacam a urgência de tratar a dimensão dos sentimentos humanos, de nossas relações, de nosso estar no mundo, na esfera pública. Isto não é comum, mas qualquer pessoa minimamente vivida sabe que “a questão humana” é a questão-chave da vida. Propor um ambiente no qual ela seja o centro das discussões/ações/reflexões foi o fundamento do evento-mãe da rede, o Diálogos em humanidade de Lyon, na França. Seu desafio é tratar esta questão de modo profundo e inovador, buscando entendê-la com a inteligência racional, a inteligência do corpo e a inteligência do coração.

No livro “Os Novos Coletivos Cidadãos”, de Nunes e Maltcheff (2014) (<http://cirandas.net/deboranunes/livros>), os Diálogos são tomados como exemplo de grupos de cidadãos engajados que inovam por estarem sempre

buscando coerência entre seu modo de funcionamento e as transformações que buscam ver no mundo. No livro são descritos os eventos da rede que acontecem em países tão diferentes quanto a Índia (Bangalore), o Marrocos (Rabat), a França (Lyon e Paris), a Alemanha (Berlim), entre outras. Entretanto, já foram realizados eventos da rede Diálogos, eventuais ou permanentes, em muitos outros locais, tais como: Fès (Marrocos), Jerusalém (Israel), AddisAbeb a(Etiópia), Porto Novo (Benin), Túnis e Hamamet (Tunísia), Rio de Janeiro, Simões Filho e Itacaré (Brasil), Saint-Ouen, Roanne, Villeurbanne, entre outras, (França).

O processo de articulação de eventos espalhados pelo mundo na rede Diálogos em humanidade vem se dando organicamente. Na medida em que o evento-mãe da rede, em Lyon, ou outro, convida uma pessoa de referência de uma experiência de outro país para partilhar isso com seu público, essas iniciativas podem aderir ao coletivo internacional para juntar forças. Foi isso que aconteceu com o Brechó, convidado em 2009 e que, no processo de conhecimento mútuo de práticas e objetivos, aceitou enriquecer a rede Diálogos com sua experiência e ser enriquecida pelas demais.

Nunes e Maltcheff (2014), citando a bióloga Elizabeth Sathouris, explicam o processo de articulação entre novos coletivos cidadãos como a fase de “conexão de células imaginais”, que acontece no processo de transformação da lagarta em borboleta. Esse processo de metamorfose só pode se completar porque existem na lagarta células chamadas de “imaginais” que vislumbram o ente borboleta que virá e passam a interligar em rede processos de transformação em curso no sistema. Assim, como imagem, células da pele da lagarta que se transformam em asa de borboleta se conectam com células dos órgãos internos da lagarta que tomarão a forma de órgãos internos da borboleta. Uma transformação reforça o poder transformador da outra, criando um novo sistema, que é imaginado e emerge do velho, sem matá-lo. Usando essa metáfora e pensando na transformação do mundo, esses eventos, ao conectar-se, potencializam uns aos outros, estimulando-se mutuamente e conformando um todo que mostra um exemplo de uma perspectiva de vida melhor na Terra.

O Brechó EcoSolidário tornou-se assim a primeira expressão brasileira da rede Diálogos e foi a ponte para que outros eventos acontecessem: em Foz do Iguaçu (em parceria com Nelton Friedrich, Diretor de Coordenação e Meio Ambiente da Itaipu Binacional), em Itacaré (em parceria com Hugues de Rinquenssen, da fazenda orgânica, espaço terapêutico e reserva natural Pedra do Sabiá) e no Rio de Janeiro (em parceria com Marcos Arruda, um dos fundadores do movimento da economia Solidária no Brasil e com a professora da UERJ, Paula Raquel). A articulação do Brechó com a rede DH permitiu desde 2010 a participação de várias pessoas que organizam eventos similares em seus países. Isso vem enriquecendo muito o evento baiano pois as pessoas se inspiram e vão aproximando o formato e os temas de debates, sem perderem suas características próprias. A título de exemplo, a introdução de rodas de Diálogos no Brechó, menores, mas no mesmo formato da Ágoras que acontecem em Lyon, tem como contrapartida a inserção da formação de jovens para se tornarem voluntários e a adoção da “hospedagem solidária” feita por Lyon inspirando-se em Salvador. A participação internacional vem favorecendo também a própria formação da equipe que organiza o Brechó, já que, via Skype, a cada ano, organizadores de eventos de várias partes do mundo se comunicam com os voluntários, contando suas experiências.

No ano de 2010 houve a participação destacada de Geneviève Ancel, Patrick Viveret e Henryane de Chaponay, fundadores do evento em Lyon e da ex primeira dama da França, hoje falecida, Danielle Mitterrand. Foi seu assessor na Fundação France Libertés na época, André Abreu, também presente em Salvador, que permitiu o contato do Brechó com a Itaipu Binacional, com quem sua instituição tinha parceria. Foi essa visita de tantas pessoas ilustres do rede internacional ao Brechó que marcou o início da Tenda dos Diálogos, com formato do debate público de temas relevantes, como citados, inspirados nas “Ágoras” de Lyon. O tema dos primeiros Diálogos públicos do Brechó 2010 foi o “Consumo Consciente”, como continuidade às motivações originais do Brechó, quando nasceu como parte do Programa Interno de Consumo Consciente, PICC, da Unifacs.

Aproveitando a participação de tantos convidados internacionais foi realizado um Seminário na Unifacs, intitulado Transformações pessoais, trans-

formações coletivas, da sexta anterior ao evento, dia 08/10. Ele foi pensado para aprofundar a percepção da comissão organizadora, dos voluntários/as e dos membros dos Empreendimentos de Economia Solidária envolvidos no evento, sobre as idéias de base do Consumo Consciente e da Economia Solidária, contextualizando a realização do Brechó. Embora com conteúdo excelente, não se percebeu, em sua organização, que a maioria dos envolvidos nas atividades práticas de montagem do Brechó estariam voltados para sua realização e não poderiam participar. Nos anos seguintes, os eventos contando com a participação dos convidados nacionais e internacionais ou tiveram suas datas antecipadas, ou abordaram temas para outro público e a formação específica para os voluntários e comissão começou a ser vislumbrada.

Pela primeira vez, em 2010, o site da Rede teve o papel de ser o local onde as informações sobre o evento e sua programação oficial foram divulgadas.

“Danielle Mitterrand (ex-primeira dama da França e presidente da Fundação France Libertés), Patrick Viveret (filósofo e autor do livro “Reconsiderar a Riqueza”), Henryane de Chaponay (ativista internacional que participou da elaboração da proposta de criação do Fórum Social Mundial, assim como da Rede Diálogos em humanidade) e Genéviève Ancel (Coordenadora do Dialogues en humanité de Lyon e articuladora do Dialogues em nível internacional), estarão em Salvador, participando de discussões nas Ágoras de diálogo com o público do evento.”

Fonte:(<http://redeprofissionaisolidarios.objectis.net/brecho-ecosolidario-1/que-e-o-brecho-ecosolidario>)

As passagens desses primeiros convidados internacionais, como as dos anos subsequentes, foram pagas ora pessoalmente, por eles mesmos, ora com apoio da FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. Por alguns anos o Brechó captou recursos através de editais da FAPESB de apoio aos “eventos de inovação”, ou de “tecnologias sociais”.

A visita de Philippe Piau, diretor de teatro francês no ano anterior, 2010, permitiu a montagem baiana de sua peça “A farsa da grande fortuna”, inspirada na obra de Patrick, Viveret pelo grupo Cooperativa de Artistas, liderado

por Deusi Magalhães. Como se verá, a peça foi encenada com grande sucesso no evento de 2011.

Como sinal de amadurecimento do processo organizativo, em 2010 foi realizada a primeira avaliação do Brechó EcoSolidário/ *Dialogues en humanité*, com o público e com membros da coordenação do evento (questionário anexo). Pretendia-se saber, ao mesmo tempo, como o público via o Brechó, mas também começar uma autoavaliação sobre a ação da coordenação geral. Nesse campo, visava-se avaliar o funcionamento das comissões que organizavam cada “tenda” do Brechó (ver capítulo sobre metodologia, que explica o formato do evento) e ainda uma avaliação sobre o trabalho dos demais parceiros, a competência dos fornecedores e a qualidade dos equipamentos fornecidos nas instalações do Brechó.

A seguir, transcrições de avaliações de estudantes sobre sua participação nas atividades:

“Os benefícios que a ação trouxe à comunidade foi adquirir produtos, em bom estado de conservação, além do divertimento, com apresentações musicais, teatros, dentre outras atividades. A importância do entendimento que alguns itens que pareçam ser descartáveis para alguns, são de grande interesses de outros. O que no caso já teria o destino certo (o lixo), acabou sendo de grande utilidade para muitos”. (Adriano Argolo Braga – na época estudante de Direito da UNIVERSO)

“Com a minha participação nesta atividade, eu cheguei a uma conclusão que é importante que todos nós temos uma responsabilidade com o planeta e que de forma isolado será difícil transformar essa realidade que está aí, mas com um pouquinho de esforço de cada um, pode se tornar fácil aquilo que muitos acham difícil de ser mudado. São pequenas ações desta natureza que se pode chegar a um realidade mais animadora para as próximas gerações...”. (Maurício Dourado Barreto - na época estudante de Direito da UNIVERSO)

“A ação fomentou a cultura do consumo consciente para toda a comunidade que teve conhecimento, além de ter demonstrado na prática

que é possível exercer o consumo apenas do necessário para agredir o menos possível a natureza. As diversas formas de atuação desde a troca de mercadorias, as atividades de conscientização com as ágoras e as apresentações artísticas; a participação de cooperativas e empreendimentos de economia solidária, tudo favoreceu e abrangeu ao mais vasto e variado público presente, desde as crianças aos idosos”. (Pedro Leonardo Oliveira da Costa – na época estudante de Engenharia Mecatrônica da UNIFACS)

“Eu não sabia exatamente o significado de consumo consciente e participar do Brechó, além de adquirir essa informação, e ainda mais vivenciando o processo me fez perceber e refletir, mais do que já faço, sobre o tipo de economia devastadora, supérflua, enganosa e excludente em que vivemos. Sei o quanto é importante a conscientização das pessoas sobre isso, mas mais importante ainda é o exemplo. Ao ver pessoas realmente preocupadas com o rumo do planeta e das pessoas em que nele vivem, temos o estímulo reforçado para manter a discussão e as ações em favor de uma Terra socialmente justa, ambientalmente correta e solidária.” (Thyago Dutra Lisboa – na época estudante de Engenharia Elétrica – UNIFACS)

“No tocante ao projeto em si, pude aprender muito mais do que esperava, principalmente com as aulas à distância (EAD), as reuniões e palestras. E mesmo com muitas questões que fugiam ao meu entendimento, foi fantástico aprender sobre as diversas temáticas relacionadas à economia e o meio ambiente; talvez eu não tivesse outra oportunidade para aprender tanto. E o interessante é que pude vivenciar muito mais durante a execução, pois fui voluntária na tenda Ambiental, onde colaborei durante as oficinas e conheci melhor o trabalho do pessoal da CAMAPET”. (Ana Cleide Ferreira dos Santos - na época estudante de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFBA)

“O Brechó Eco-solidário leva à comunidade, com sua lógica de economia solidária e moeda social, a possibilidade de reflexão crítica sobre os padrões de consumo do sistema capitalista, que preocupa-se puramente com a busca do lucro, da acumulação de riquezas e do de-

envolvimento econômico, deixando de lado o desenvolvimento social e as questões ambientais contemporâneas...Quando participamos de um projeto desse tipo sentimos-nos muito mais motivados, conscientizados e seguros quando agimos na defesa e na difusão de um modelo de vida mais simples, com menos desperdício, preocupando-se com as questões ambientais e com o consumo consciente, pois vemos que não estamos sozinhos nessa causa. Há muita gente de várias classes sociais, etnias, religiões e escolaridade lutando por esse objetivo, visto que já perceberam que há muito a humanidade invadiu impiedosamente e de forma agressiva o espaço natural, nos levando a atual situação de crise ambiental, e que esta mesma humanidade deve ser a responsável pelas mudanças que possivelmente reverterão essa crise”. (Marília Grasielle de Matos Silva – na época estudante de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da UFBA)



Fonte: Álbum Brechó EcoSolidário, Diálogos na Ágora, 2010

2011: DE UM EVENTO, PASSA-SE A UM MOVIMENTO

A grande novidade do ano de 2011 foi que o Brechó passou a ser vivido por centenas de pessoas, ao longo de vários meses, contribuindo para a consolidação desse como “movimento”. Isso aconteceu por causa do início do processo de formação de voluntários/as, com uma capacitação organizada, intensa e diversificada de mais de uma centena de jovens. Ao longo dos anos, o formato do curso foi se tornando cada vez mais integrativo, ou seja, usando metodologias de aprendizagem que envolvem, ao mesmo tempo, a inteligência cognitiva e a inteligência do coração, assim como atividades concretas que mobilizam o corpo. Além disso, estimula-se, no processo, a afetividade entre as pessoas que organizam o Brechó e entre essas e o público do evento.

Duas motivações para a realização de uma formação de voluntários foram: a percepção, ao longo da experiência do Brechó, de que a coerência de cada pessoa nas ações concretas no dia do evento era parte importante da credibilidade da proposta do Brechó. A ideia era de que os/as voluntários/as e os membros de empreendimentos de economia solidária (EES) participantes da feira, precisavam estar atentos/as com a dimensão conceitual e com o “espírito do Brechó”, em que dizer e fazer precisavam estar em harmonia. Outra motivação foi o fato de que, ajudados pela progressiva inserção do Brechó no calendário de eventos de Salvador, cresceu muito a demanda de pessoas querendo ser voluntárias, motivadas pelos depoimentos de “boca a boca” muito afirmativos de ex-voluntários sobre suas experiências.

O curso de 60 horas, em modalidade teórico-prática, vem tendo desde então encontros presenciais, geralmente aos sábados, em diferentes auditórios e salas disponibilizados pelas instituições parceiras, particularmente a UFBA e a UNIFACS. Essa formação vem sendo coordenada pelas professoras Débora Nunes, da UNIFACS - UNEB, Suzana Moura e Emerson Sales, da UFBA, com apoio de diversas pessoas aos longo dos anos, entre elas Patrícia Pastori,

Ian Castro, Beth Dantas, Vivina Machado, Denise Dinigre, Priscilla Leal, Erika Moutinho Leone, entre outros/as. A certificação dessa primeira formação veio da inscrição do Brechó como projeto de Extensão Universitária da UFBA, coordenado pela professora Suzana Moura. As horas de formação são contabilizadas também nas atividades de preparação do evento (participação nas Comissões, trabalho na limpeza e classificação dos bens a serem trocados, decoração do evento, etc.) e, de forma dobrada, pela intensidade do trabalho, nos dias do Brechó/Dialogues.

Em todas as formações se busca, desde 2011, cultivar o “espírito do Brechó”: o processo horizontal, a co-criação, a liderança coletiva, a autogestão, a solidariedade, a cidadania plena, a corresponsabilidade e a coerência de cada um com as “práticas do futuro emergente”, particularmente as ecológicas. Um outro aspecto que foi se inserindo aos poucos no processo de organização do Brechó, inclusive na formação, é o que chamamos de “espiritualidade laica”, não religiosa. Esse aspecto, de conexão dos/as participantes com a energia do invisível, do mistério, que pode ser chamado de Universo, de Mãe natureza, de Deus, etc. se baseia na ideia de que o Brechó é um trabalho necessário na perspectiva de evolução humana. Se ele tem vocação para ajudar as pessoas a criarem uma economia mais ecológica e social, uma governança mais democrática e inclusiva, um ambiente de mais consciência e ação pelo bem comum, o Brechó tem as graças do invisível e os “anjos” conspiraram para seu desenvolvimento e seu sucesso a cada ano.

Fonte: Álbum Brechó EcoSolidário, Formação de Voluntários, 2011



O evento propriamente dito aconteceu no dia 29 de outubro, no Parque da Cidade, e houve uma preocupação especial com a ambientação do espaço físico e com a qualidade visual. A decoração foi feita com muita competência pela produtora de eventos Sonia Motta, e pela primeira vez viu-se uma ambientação reciclada e sustentável, garantindo uma harmonia e equilíbrio entre cores, formas e o conceito do evento. Desse ano em diante, a decoração passou a ser um item de destaque, que mobiliza o trabalho coletivo de voluntários/as na confecção de peças decorativas com base em materiais recicláveis, e, quando possível, a liderança de um profissional da área.

Como parte desta preocupação, um objeto foi confeccionado e desde então faz parte do evento: a Árvore da Água, construída coletivamente em material reciclado para marcar a localização dos bebedores e chamar a atenção do público participante para a importância da água de qualidade distribuída gratuitamente. Essa criação, que teve design de Débora Nunes, foi sem dúvida incentivada pelo simbolismo da presença, no ano anterior, de Danielle Mitterrand, portadora de uma campanha mundial pela “água como bem comum da humanidade”, apoiada pelo Dalai Lama, além de outras personalidades. Ao longo dos anos, a árvore da água foi sendo restaurada até ser completamente refeita em 2015, por um coletivo orientado por Cláudia Verônica.

Fonte: Álbum Brechó EcoSolidário: Árvore da Água e Decoração reciclada 2011

Entre os avanços da parte cultural do evento, destaca-se montagem da obra teatral “A Farsa da Grande Fortuna”. As



articulações do ano anterior permitiram que a Secretaria de Cultura do Governo do Estado da Bahia realizasse um edital para que uma trupe baiana produzisse o espetáculo. Para esse processo foram importantes a participação da assessora de relações internacionais Monique Badaró, e do diretor de fomento à cultura, Ciro Sales, filhos dos professores Débora e Emerson. Como foi dito anteriormente, essa peça, inspirada nos textos de Patrick Viveret, já havia sido encenada em várias versões, em vários países, com colaboração de seu autor, Philippe Piau. Como ambos fazem parte da rede internacional Diálogos em humanidade, na qual o Brechó está inserida, a realização da peça permitiu também um maior estreitamento de laços na rede. A companhia baiana que ganhou o edital foi a Cooperativa de Artistas, que teve, na pessoa da atriz Deusi Magalhães, uma entusiasta do texto e também do Brechó. O público adorou a peça, ovacionando os atores, na presença do seu inspirador, o filósofo Patrick Viveret, que emocionou-se com a vibrante adaptação do trabalho.

As parcerias com a UNIFACS, a UFBA e a UNEB foram mantidas em 2011 e houve uma ampliação com outras IES privadas, como a Universo, que teve uma contribuição muito importante ao disponibilizar seu auditório para as formações e um amplo galpão para a guarda de materiais trocados por grãos. Estabeleceu-se também, nesse e em alguns anos posteriores, uma parceria com o Instituto Mauá, ligado à SETRE. Nesse ano, foram emitidos 18 mil grãos e trocou-se 15 mil itens nos dois dias de evento. Os voluntários desse ano somaram 193 pessoas.

O financiamento conseguido junto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB através de Edital, teve repercussão muito grande no evento, por ter sido o primeiro, mas pela objetividade exigida. A necessária organização do evento em objetivos e metas explícitas, com indicadores de resultados, assim como o detalhamento orçamentário exigido para que o projeto fosse aprovado exigiu muito dos envolvidos, particularmente de Débora Nunes e Simone Antonelli, mas instaurou um modo mais profissionalizado de realização do evento.

A marca do brechó mudou nesse ano, incorporando o ECO, e ela foi concebida novamente por Elton Santos. Percebe-se evidentemente a dimensão



ambiental mais fortalecida, saindo o foco da troca de bens e expressando a dimensão múltipla do evento:

O *videomaker* Léo Brasileiro produziu em 2011 um inspirado e alegre vídeo documentário de 7 minutos, que consegue sintetizar a expressão multifacética do Brechó EcoSolidário, ao tempo em que mostra seu espírito, a forma como é construído e os valores que lhe alimentam. Esse vídeo até hoje é utilizado nas formações de voluntários/as e em espaços em que se pretende expressar o conceito múltiplo do Brechó em curto espaço de tempo (https://youtu.be/cJH_T8jz7as) e ele já foi traduzido, para tal, em inglês e francês.

Os convidados internacionais

Mais uma vez, contou-se com a presença de um grande número de pessoas vindas de vários lugares, particularmente da França. Organizou-se a partir daí mais uma Comissão na Coordenação autogestionária, a do “Receptivo”, que tinha como missão receber essas pessoas, alojá-las na casa de membros da organização do evento que se dispusessem a isso e acompanhá-las em atividades especiais. Aos poucos a missão dessa comissão tornou-se também organizar o acolhimento ao público do evento. O ano de 2011 talvez tenha sido o de maior número de convidados internacionais: Henryanne de Chaponay (França), Vivian Labrie (Canadá), Geneviève Ancel (França), Ali Serrouchni (Marrocos), Lygia Segala (Rio de Janeiro-Brasil), Anne Gourdel (França), André Abreu, etc.).

Dois eventos foram organizados para aproveitar toda essa presença: um, em homenagem a Henryane de Chaponay e Danielle Mitterrand, que obtiveram o título de Doutor Honoris Causa da UFBA, numa iniciativa do Prof. Ordep Serra e com a aprovação do Conselho Universitário da UFBA. As duas homenageadas são mulheres com profundo compromisso social e ambiental, muito ligadas à América Latina e suas lutas políticas e sociais e que tiveram uma contribuição relevante ao desenvolvimento das ideias de justiça, ecologia e liberdade em várias partes do mundo. O professor Emerson Sales fez toda a intermediação entre a Universidade e as duas “doutoras”. A reitora

Dora Leal Rosa fez o discurso de outorga do título e o prof. Ordep o discurso que explicou ao público o porquê do título. (<https://www.UFBA.br/noticias/UFBA-concede-t%C3%ADtulo-de-doutor-honoris-causa-intelectuais-francesas>)

O outro evento que acolheu alguns dos convidados de 2011 foi a VIII Semana de Análise Regional e Urbana – SARU/UNIFACS, intitulada “Práticas do futuro emergente” na sexta anterior ao evento. Geneviève Ancel, Ali Serrouchni, Vivian Labrie e Henryanne de Chaponay relataram suas experiências de cidadãos engajados em seus respectivos países em dinâmicas que evidenciam um futuro “emergente”, mais solidário, democrático e ecológico. O evento mostrou assim uma parte de riqueza reunida na rede Diálogos em humanidade e a professora Débora Nunes foi a mediadora dos debates.

As Ágoras, ou “Diálogos”

As **Ágoras** são a alma do evento-mãe da rede “Diálogos em humanidade” de Lyon. São espaços de discussão com o público sobre problemas candentes da humanidade. A palavra nome vem do grego “praça” da cidade grega, na antiguidade clássica. Nessa praça principal da cidade, polis, se fazia política, discutindo os problemas dos cidadãos. Inspirada nessa experiência grega, e enriquecida na tradição africana de reunir a comunidade em baixo de árvores para discutir seus problemas, inventou-se as “ágoras” dos Diálogos em humanidade e criou-se sua logomarca. A partir de 2011 essa prática foi incorporada à dinâmica do Brechó.



Dialogues en humanité

Nas Ágoras da rede Diálogos diz-se que não existem “experts” sobre os desafios humanos, já que sua complexidade, e sua dimensão ética e afeti-

va, exigem o bom senso e a sabedoria de todos/as para serem abordados. Com esta intenção, convidam-se pessoas com experiência nos assuntos em discussão a se colocarem brevemente, sobretudo provocando o público a se pronunciar e favorecendo o diálogo. Nos anos seguintes deixou-se de chamar essas discussões em círculos de Ágoras, como no evento francês, e passou-se a chamar de “Diálogos”, para uma melhor compreensão do público brasileiro. As duas Tendas das Ágoras do Brechó EcoSolidário 2011, organizadas com dedicação e competência por Ivana Maciel e com participação livre dos convidados internacionais, abordaram os temas: *Ágora I - Por uma ecologia vivenciada no cotidiano e Ágora II - Por uma economia holística. Esses dois espaços de debates acolheram três versões, uma pela manhã e duas à tarde, como os seguintes temas: Pela manhã, Ágora I: 1. Educação Ambiental: Uma ponte para a educação integral, contribuições para o VII Fórum Brasileiro de Educação Ambiental* (que aconteceria nas semanas seguintes em Salvador), com Josenilda Noronha e Sergio Mettig. Pela tarde, **2. Rumos a cidades ambientalmente sustentáveis, com** Débora Nunes e Heliana Mettig e **3) Práticas Ambientais no Cotidiano: Como posso contribuir?** com Denise Noronha e André Borem. A Ágora II também teve um encontro pela manhã, com o tema **Ser cidadão consciente e influenciador das políticas públicas, com** Maria Cristina Vieira (REDEA – Rede Brasileira de Educação Ambiental) e José Antônio Saja (UFBA). Os encontros da tarde nessa tenda, tiveram como temas e convidados: **Economia solidária e Economia verde: Contribuições para a Rio+20, com** Genauto França (UFBA), Nilton Vasconcelos (SETRE) e André Abreu (France Libertés) e a segunda **Ser humano: Uma experiência de Unidade na diversidade do cotidiano, com** Ana Santos (CEAS), Ernesto Cardoso (UNISOES) e Ida Meireles, da Bhrama Kumaris.

Avaliação

Para que o/a leitor/a possa ter uma ideia de como se consolidava o processo de avaliação do evento, realizada pela Coordenação Autogestionária

em reunião realizada algumas semanas após o Brechó, seguem transcritos os itens dessa avaliação, publicados no site da Rede, na época:

“-Maior permanência e circulação do público nas oficinas, nas discussões das ágoras, nas aulas públicas, nas atividades culturais, por causa das senhas distribuídas para que as trocas com a moeda social – o grão – fossem realizadas em horas marcadas;

-A ação das redes sociais na divulgação contribuiu para o crescimento do público (em torno de três mil pessoas) e para a sua diversidade;

-Uma maior organização do Ecobanco, fez com que se pudesse fazer uma melhor organização e uma contabilidade mais precisa do evento: cerca de 15 mil produtos foram arrecadados por troca e um número ainda não calculado em doações;

-A variedade da programação cultural e a qualidade do som agradou a diferentes públicos, apesar de algumas incompatibilidades entre o som alto e atividades da Tenda Holística, e mostrou o avanço conseguido com uma maior profissionalização deste aspecto do evento;

-A qualidade do trabalho dos terapeutas holísticos presentes contribuiu para a atmosfera de abertura ao novo e de alegria do público;

-Em relação ao processo de organização do evento, avançamos na integração de um maior número de entidades e no crescimento do número de postos de troca, assim como na consolidação da experiência para quem já vem há tempos nesta caminhada.

-A visita da delegação de fora da Bahia e de fora do Brasil trouxe, mais uma vez, a rede de interconectividade do evento. Isso anima seus/suas voluntários e organizadores que se sentem conectados com iniciativas similares em outros contextos.

-A formação dos voluntários, a partir de atividades teórico-vivenciais contribuiu para “construir um pensamento” sobre aquilo que se está fazendo ao participar do Brechó.

-A conquista do financiamento da FAPESB ajudou a melhorar o evento, trazendo recursos que são úteis para alguma profissionalização e articulação internacional, mas infinitamente menores do que a abundância permi-

tida pela presença dos recursos humanos e materiais de tantos parceiros que tornam o evento inigualável'.



Fonte: Álbum Brechó EcoSolidário, Tenda Holística, 2011

2012: O BRECHÓ TORNA-SE MAIS PROFISSIONAL E MAIS “HOLÍSTICO”

Nesse ano, dois fatores, aparentemente contraditórios, imprimiram uma marca ao mesmo tempo mais estruturada e mais fluida ao Brechó. A estruturação, iniciada no ano anterior, se aprofunda na experiência que vai se acumulando e também pela conquista, pela Associação Rede de Profissionais Solidários pela Cidadania e a ONG INTEGRO, dirigida por Francisca Vasconcelos, da aprovação de dois editais públicos de financiamento ao evento (FAPESB e SETRE). Em termos de perspectiva de continuidade do evento, foi muito importante também a negociação, mediada pelo Ministério Público do Estado da Bahia, de doação de recursos de uma empresa privada. O projeto “Diálogos Contemporâneos”, no qual o Brechó era uma das atividades de educação ambiental para a cidadania soteropolitana, teve três anos de duração. Esses fatos permitiram, por algum tempo, uma maior profissionalização da organização do Brechó através do contrato de profissionais fixas para a ONG Rede, que passam a compor a equipe técnica gestora do Brechó Eco-Solidário.

Poder contar com recursos garantidos, mesmo limitados, deu mais estabilidade à organização do evento, pois se sabia contar com possibilidade de contratações de serviços para a infraestrutura (tendas, som, palco, camisetas, alimentação, etc.). A presença de Jossana Gamba, Lorena Volpini, Kátia Santos, Thaize Oliveira e Clarissa Silveira, como profissionais contratadas (não simultaneamente), ajudou a que a metodologia do Brechó se consolidasse e a divulgação do evento fosse mais constante e profissional, tanto internamente, com os voluntários, quanto para o público em geral. Nesse ano, o projeto conseguiu captar um maior volume de recursos, assim como a divulgação detalhada da prestação de contas do evento, que foram realizados

pela colaboração da ONG INTEGRO. Esse fato mostrou uma ampliação da articulação em torno da captação de recursos e trouxe para o coletivo uma tecnologia social para gestão de recursos coletivos vinda de uma instituição mais experiente.

Na outra ponta desse processo de estruturação veio a fluidez trazida pelo o engajamento cada vez maior de entidades de cunho “holístico” e de pessoas envolvidas com a dimensão espiritual da vida. Essa presença trouxe para o Brechó uma nova forma de construir, pensar e agir, mais fluida e que destacava a dimensão humana e sagrada do processo. **Nesse ano foi realizada, na sede da Rede, uma pequena cerimônia** para reforçar o “Espírito do Brechó” com a presença de Débora Nunes, Suzana Moura, Denise Dinigre, e Philippe Piau, entre outros. A ideia de que o Brechó é algo que beneficia a “Mãe Terra”, ao trazer mais consciência aos humanos sobre a necessidade sua proteção e que, portanto, está sendo protegida por ela, aprofundou-se para uma parte significativa dos envolvidos no Brechó. Um grande desafio desse ano, e dos seguintes, foi a interação de pessoas diferentes, procurando **compreender os fenômenos relacionados à construção coletiva na sua totalidade e multidimensionalidade.**

Esta nova proposta de pensar o “todo” ou “inteiro” proporcionou momentos onde foi fácil perceber uma energia mais vibrante e mais leve na construção coletiva. Em outros momentos percebe-se divergência de interpretação entre o Brechó como evento, cheio de desafios concretos para sua realização, e o Brechó como movimento, dotado de um “espírito”. Estas divergências se evidenciam principalmente nas formas de contextualizar, agir e planejar as ações. Se de um lado sentíamos a necessidade de planejar, criar estratégias, mecanismos operacionais de controle e de gestão para que o evento se realizasse de forma organizada e articulada, por outro lado, prevalecia o “espírito do Brechó” em esperar o tempo do grupo, um fazer mais livre de amarras ligadas à gestão e o que estava sendo planejado.

A formação de voluntários seguiu o esquema original do ano anterior, caminhando em direção a um modelo menos “acadêmico” e mais integrativo, ou seja, incluindo a formação intelectual, afetiva e prática. Destacou-se nesse ano o lançamento do livro *Sobriedade Feliz*, de Patrick Viveret, traduzido

por Débora Nunes (<http://cirandas.net/deboranunes/blog/baixeo-livro-por-uma-sobriedade-feliz>)

para o qual foi feita uma entrevista com o autor, durante os Diálogos em humanidade de Lyon, em julho 2012, com conteúdo especialmente voltado para o público brasileiro, particularmente o voluntariado do Brechó.

Reforçado em recursos, com maior equipe e com uma concepção mais integral, pela primeira vez o Brechó EcoSolidário foi realizado em dois dias, 20 e 21 de outubro, no Parque da Cidade. Ele contou com cinco tendas: Ambiental, Cultural, Holística, Infantil e Arte Reciclada e com as Comissões Receptivo, Infraestrutura, Feira de Economia Solidária e Feira de Troca de bens (roupas, calçados, entre outros). Emitimos 20 mil grãos, tivemos 40 Postos de Troca, 18 mil produtos trocados e contamos com a participação de 250 voluntários, 64 Cooperativas e 10 Instituições parceiras. Provavelmente esse foi o maior Brechó já realizado.

Os convidados internacionais desse ano revelaram a manutenção dos laços com a França, na presença de Laure Heland, professora da Universidade Paris La Villette, especialista em cidades sustentáveis e de Ryadh Sallem, organizador do Diálogos em humanidade de Paris, assim como os frutos das relações que se estabeleceram com a empresa Itaipú Binacional. Nos Diálogos de Lyon de julho de 2012, houve o estabelecimento de relações com o Programa “Cultivando Água Boa”, realizado pela Itaipú e coordenado por Nelton Friedrich, diretor de Coordenação e Meio Ambiente. Nelton esteve presente no Brechó de 2012 e comprometeu-se com a realização dos Diálogos em humanidade de Foz do Iguaçu no ano seguinte. Com ele vieram as convidadas Maria Luhán Jara, da Direção Nacional de Meio Ambiente do Uruguai, Norma Gimenez, do Instituto Socioambiental del Sur – Biodiversidade, do Paraguai e Cássia Santana Ribeiro, da Sociedade Ambiental da Bacia do Prata e Centro de Saberes, organismo ligado a Itaipú e o Programa Água Boa.

Outro convidado de destaque do ano de 2012 foi Marcos Arruda, do Rio de Janeiro, dirigente do PACS – Políticas Alternativas para o Cone Sul, herói nacional perseguido e torturado pela ditadura militar brasileira e personalidade internacional, autor de diversos livros na área da economia solidaria

e da globalização humanizada, e um dos fundadores do Fórum de Economia Solidária do Brasil. Ryadh Sallem, já citado, é também campeão da Europa de handebol de cadeira de rodas e favoreceu a aproximação do Brechó de atletas com necessidades especiais em Salvador, visitados por Ryadh, em evento organizado pela Secretaria de Trabalho, Emprego, Renda e Esporte.

Mais um “filme do Brechó”, dessa vez de três minutos, foi disponibilizado voluntariamente. O autor, Leonardo Muccini, colaborador do RTV da UNIFACS, atuava como voluntário no Brechó e contou com a participação da também voluntária e estudante da Unifacs, Danielle Vigas, protagonista do vídeo. Mostra-se aí como efetuar a troca de bens usados, de forma a mobilizar o público a fazê-lo. Este material foi produzido em Português e Francês. (link:<https://www.youtube.com/watch?v=IuovWF2o7Ss>)

Ouro aspecto relevante deste ano foi o avanço em termos de articulação para difusão do evento com novos parceiros, que passaram a contribuir de forma mais efetiva como a UNEB (Universidade Estadual da Bahia), a UNIME (União Metropolitana), a ABAMES (Associação Baiana de Mantenedoras do Ensino Superior) e além da UFBA e Unifacs que continuam atuantes no processo. Por inspiração da Integro e de Francisca Vasconcelos, o setor privado passou a participar efetivamente contribuindo com cotas de participação que poderiam ser repassados em recursos ou em serviços. Atraímos a Empresa Impar- Implantação e Pavimentação de Rodovias (doação de serviços e transportes e mão de obra), o Escritório Sede da Odebrecht (Atividades infantis vinculadas ao PEA -Programa de Educação Ambiental), a empresa WBS (concederam uma Cota de Patrocínio de R\$ 1500 reais) e Mesa Brasil (Serviços e Transportes) e o Greenpeace (ações ambientais voltadas para a preservação de reservas ambientais).

Durante esta edição do Brechó EcoSolidário, tivemos uma maior interação com a comunidade local, principalmente com as crianças, através do trabalho de dezenas de voluntários da equipe do PEA (Programa de Educação Ambiental), que aplicaram o jogo com o mapa temático da trilha ecológica, fizeram o plantio de mudas no parque e outras ações para sensibilizar as crianças sobre assuntos relacionados ao meio ambiente, tais como dicas para um consumo racional da água e a dinâmica dos 4R's (repensar, reduzir, reu-



sar e reciclar). Talvez essa ação tenha dado origem à criação da Comissão Infantil do ano seguinte, já que esse trabalho foi motivado pelo grande número de crianças das comunidades vizinhas que sempre se envolveram com o Brechó, mas que não tinham um lugar específico para elas.

Fonte: Álbum Brechó EcoSolidário, 2012

Uma dinâmica que deseja se renovar incorporando a força dos jovens: os voluntários experientes

O Brechó de 2012 traz o desafio surgido na avaliação final do Brechó de 2011 em que se decidiu pela formação do grupo chamado de “voluntários experientes”. Essas pessoas, que se destacaram como voluntárias em 2011, atuaram em 2012 como multiplicadores para repassarem suas experiências e conhecimentos adquiridos aos novos voluntários. Isso possibilitou um aprofundamento da formação obtida no ano anterior e permitiu que novas pessoas viessem compor a coordenação autogestionária. Esse processo de renovação é muito necessário em dinâmicas de trabalho voluntário como o Brechó, que são extremamente exigente em tempo e esforço, e assim pedem novas energias se integrem a cada ano.

O primeiros voluntários a se destacarem e engajarem-se nessa dinâmica foram Ian de Castro e Erika Moutinho Leone, que continuam até hoje como dos pilares do Brechó. Esta comissão foi formada com o ambicioso objetivo de atuar para fazer face a alguns dos maiores desafios do evento/movimento,

detectados anteriormente em processo de avaliação, que ainda não tinham sido enfrentados: A compulsão do público pela trocas, em um evento destinado ao consumo consciente; a qualidade da alimentação e sua evolução para algo mais orgânico e vegetariano; a produção excessiva de resíduos em um evento de cunho ambiental, entre outros. Vários outros voluntários experientes vieram a seguir a fazer parte da coordenação autogestionária: Magnólia Batista (2013), Roberto Mercês (2014), Edson de Deus (2014), Isadora Cardoso (2015), Jorge Fama (2015), Fábila Melo (2015), etc.

Avanços e dificuldades: Contradições de um coletivo

Ao tornar-se cada vez mais interdisciplinar e congregar, como foi dito, elementos de estruturação e de fluidez, de busca de aumento do público e de qualidade da participação desse público, o Brechó teve que enfrentar suas contradições internas. O processo, ainda em curso, é de construir uma forma de trabalho que não foque no conflito - para não alimentá-lo - e que entenda as contradições como enriquecimento e complementaridade, e não como fraqueza e desagregação. Isso exige uma continuidade das pessoas para que possam viver a experiência das insatisfações e queixas e consigam transmutá-las em escuta e negociação. Como há uma renovação constante no Brechó, que é uma das fontes de sua energia contínua, como foi explicado anteriormente, nem sempre essa experiência de amadurecimento em face ao conflito é repassada, e nem sempre, também, as pessoas a interiorizam completamente. A memória dos participantes, assim como os documentos internos de avaliação na dinâmica de autogestão, evidenciam as tensões.

O trabalho físico e as tensões presentes todo o tempo na Comissão de Infraestrutura e de Trocas – coordenadas por vários anos seguidos por Patrícia Pastori, com apoio de Tereza Oliveira e Kátia Santos, e a leveza e dedicação mais pontual de outras comissões, era um dos motivos das tensões. O compromisso da realização efetiva do evento, com atividades altamente concentradas em poucos dias, contrasta com o trabalho mais diluído ao lon-

go de meses e menos tenso que é o da formação de voluntários, ou o das Comissões que realizam suas atividades nos dias do Brechó com menores encargos de montagem, desmontagem, contabilização dos itens para troca de bens, cotação de preços, prestação de contas, etc.. De certo modo, o trabalho árduo de bastidores não tinha tanta visibilidade e reconhecimento quanto as atividades mais públicas como as das Comissões Holística, Cultural ou dos Diálogos. Essa tensão entre quem está continuamente resolvendo os problemas de bastidores e aqueles que têm uma participação menos intensa na ação é muito comum em coletivos cidadãos e a solução que busca ser encontrada no Brechó é a de rotatividade das responsabilidades.

Outro exemplo é a contradição entre a intensa programação da Tenda Cultural, que atrai o público e dá uma dinâmica alegre e energética ao evento, e as atividades da Tenda Holística, que demandam silêncio e interiorização, ou para os debates públicos que acontecem na Tenda Diálogos, com seus públicos específicos. Muitas negociações foram feitas entre as diferentes pessoas que estiveram à frente das três atividades a cada ano, para diminuir a presença de música de maior intensidade e/ou afastar do centro do evento atividades que pedem calma. Estes desafios só foram efetivamente amenizados em 2013, quando as duas tendas passaram a trabalhar juntas em alguns momentos, como se verá a seguir.

A Tenda Cultural de 2012 foi coordenada por Bia Simon que contou com o auxílio profissional de Ivanna Souto, reconhecida produtora cultural de Salvador, que tinha comandado a Tenda no ano anterior, e o apoio de Mariana Nery, sua assistente e de Erika Moutinho Leone, que ingressara nesse ano como voluntária. A grade de atrações mesclou ritmos, do sertanejo ao rock, e contou com a participação expressiva de voluntários na sua construção. Um palco foi montado com mesa de som e iluminação com qualidades profissionais e estrutura de banda, com bateria e outros instrumentos eletrificados. Essa diversidade musical e potência do som, que agradam à maioria do energético público baiano, perturbavam as atividades da Tenda Holística (na qual estavam envolvidas Suzana Moura, Denise Dinigre, Karla Andrade, entre outras) e dos Diálogos (coordenada por Ivana Maciel) pois, mesmo o som, em volume mínimo não foi suficiente para promover o silêncio esperado por

estas duas atividades. Na avaliação final do Brechó de 2012 este foi um ponto quase que unânime na Coordenação Autogestionária.

Outra contradição do evento, que ainda persiste, é a divisão do público, entre as pessoas que o organizam, de modo geral oriundas da Universidade e da classe média, e aqueles que usufruem das trocas de bens pela moeda social, que são principalmente da camada mais pobre da população. Embora o Brechó seja um dos poucos eventos da cidade que mistura esses públicos, observa-se que as pessoas de classe média participam mais dos ateliers oferecidos, dos Diálogos e das atividades de caráter holístico e ambiental. O fato de as pessoas mais pobres participarem em grande número e demonstrarem uma compulsão pela compra favorecida pela abundância da moeda grão, evidencia uma contradição entre um evento que se propõe a favorecer a mudança de comportamento de consumo e a afeição de muitos por consumir.

Há muito a Coordenação Autogestionária tenta superar essa contradição da segregação das categorias socioeconômicas, que é da própria sociedade brasileira e baiana, sem muito sucesso, pois elas se refletem no Brechó. Constantes são as discussões sobre como diluir esse fato no Brechó, e o despertar da juventude de classe média e alta para a dimensão ética do consumo – tornando-se consumidoras de produtos usados - e o trabalho de sensibilização que diferentes atividades para o público de baixa renda para diminuir a compulsão vão amenizando essa contradição, ora mais, ora menos intensamente, a cada ano. A possibilidade de fazer com que todo o público participante, sem qualquer distinção, aproveite a riqueza do evento, tanto em seu aspecto de troca material como de troca imaterial, continua a ser um desafio, que está sendo enfrentada pela ideia do “passaporte brechó”, ou seja, o acesso à área de trocas só é possível depois que as pessoas passarem por pelo menos uma das atividades de sensibilização ao consumo consciente das diferentes tendas.

A arte no Brechó

A inserção da arte no Brechó foi se dando gradualmente, primeiro com os grupos artísticos da Tenda Cultural, que visava dar espaço a profissionais

e grupos de alta qualidade que nem sempre têm a visibilidade que merecem. Em seguida, algumas mostras de pintura e escultura foram se dando até que em 2012 instituiu-se a 1ª. Mostra de Arte Reciclada, organizada com apoio da Cooperativa ArtEncontro, formada por Cristina Silva, Irã Campos e Débora Nunes. Este movimento de trazer a arte reciclada para o evento, que já vinha sendo construído desde 2010, proporcionou também a inserção de novos grupos e artistas trabalhando nesse campo.

A decoração do Brechó foi outro item que aos poucos se constituiu como a presença da arte no Brechó, utilizando-se muito de materiais reciclados e trabalho cooperativo dos voluntários. A decoração do evento em 2012 foi coordenada por Patrícia Pastori, com apoio de Gei Correa, Guilherme Barsan, Caueba, Ateliê Rodolfo Carvalho e Beth Dantas. Foi criado um coletivo intitulado “Minha Arte no brechó”, com o objetivo de estimular participação de um coletivo de artistas que pudessem criar, recriar e inventar peças, objetos e mobiliários que foram usados na ambientação das tendas do Brechó. (<https://www.facebook.com/MinhaArteNoBrecho>).



Fonte: Álbum Brechó Ecosli-
dário, Minha Arte no Brechó,
2012

A dinâmica internacional

Percebe-se um contínuo aprofundamento das relações entre o Brechó e a rede internacional Diálogos em humanidade, particularmente pela presença anual de Débora Nunes como convidada do evento de Lyon. Vários fatores contribuíram para esse aprofundamento no ano de 2012: A ida de uma equipe brasileira para o evento *February Dialogues*, em Bangalore, na Índia em fevereiro de 2012 (Cristina Silva, Suzana Moura, Alzira e Augusto, Débora Nunes e Emerson Sales. A presença de Kátia Santos e Dirceu Conceição nos Diálogos de Lyon, em julho. A ida de Débora e Emerson para a Tunísia, para o Fórum Social Mundial de 2012, onde ajudaram a organizar as atividades dos Diálogos no FSM e os Diálogos de Hamamet, onde travaram relações com Emna Chaabouni, designer gráfica e cineasta tunisiana que fez um filme sobre os grafites dos muros e cartazes da primeira das revoluções da “primavera árabe”, em 2010 na Tunísia, e que integrou-se à rede Diálogos posteriormente. A participação de Marcos Arruda, Débora Nunes, Emerson Sales e Vivina Machado na Conferência Rio+20 em 2012, através de uma Oficina no *side event* da conferência, sobre a “Política da amizade”, entre outras.

EM 2013: O BRECHÓ COMEÇA A SER FINANCIADO POR FINANCIAMENTO COLABORATIVO

Logo no início de 2013, em março, quando as reuniões de organização do evento foram retomadas, o grupo do Brechó teve a oportunidade de participar de uma avaliação feita por Ivan Maltcheff, referente ao evento de 2012. Ivan, coautor do livro “Os novos coletivos cidadãos”, junto com Débora Nunes, tem grande experiência com coletivos franceses que se organizam horizontalmente e de maneira voluntária em busca de objetivos comuns de interesse público, como o Brechó. O olhar do coletivo sobre seu próprio funcionamento é uma das recomendações mais importantes do livro citado, para que esses aperfeiçoem de fato suas ações e sua governança interna, de modo a serem coerentes internamente e assim ajudarem o mundo a encontrarem novos caminhos de organização social. Esse tendência de auto-observação o Brechó desenvolveu desde sua criação e foi se aprofundando a cada dia.

Buscando progressiva autonomia do movimento em face dos editais públicos e de recursos privados, a Coordenação Autogestionária aprovou a inovação da busca de financiamento pela plataforma colaborativa de *crowdfunding* “Catarse”. A ideia, trazida pela orientanda da professora Suzana Moura, Lara Machado, foi abraçada pela Coordenação e teve apoio de Leo Brasileiro, que montou a peça em vídeo que divulgou a proposta. Esse gesto de busca de autonomia, em tempo em que havia algum recurso garantido, pelo menos para o aluguel das tendas das diferentes comissões, foi muito importante em versões futuras do evento, que foram cada vez mais sendo bancadas pela ajuda da sociedade civil, principalmente de amigos e familiares de membros da coordenação e do voluntariado.

Durante a formação de 2013, uma presença ficou marcada: Siddhartha, escritor e ativista social, fundador e dirigente da Fundação *Pipal Tree*, que

mantém um *Ashram* (uma espécie de comunidade espiritual indiana), nesse caso de caráter inter-religioso, na região de Bangalore, na Índia. Esta fundação organiza um programa chamado *Meeting Rivers* no qual se realiza um evento dentro da Rede Diálogos em humanidade de música sacra de fontes espirituais diversas. Ele deveria ter vindo para o evento de 2012, mas um problema médico impediu-se e conseguiu-se remarcar sua passagem para o período da formação.

Uma história indiana contada por Siddhartha nessa ocasião marcou os presentes:

“Havia uma tribo na Índia que cuidava de um templo situado no meio da floresta onde moravam. Esse templo atraía peregrinos todos os anos que só conseguiam chegar ao local com a ajuda de membros da tribo, que conheciam bem os caminhos da floresta. A cada ano eles esperavam os peregrinos em local situado na fronteira da floresta e os ajudavam a carregar suas bagagens e chegar ao seu destino. Conta-se que o líder dos peregrinos ficou encabulado com o fato de que a cada quarto de hora os guias da floresta paravam e assim obrigavam os peregrinos a pararem. Como queriam chegar logo, todos se perguntavam para que aquelas paradas, mas não ousavam questionar para não embaraçar os anfitriões. Ao chegarem ao destino, foram recebidos pela tribo que os convidou para uma grande comemoração ao deus comum e essa foi a oportunidade para que o líder dos peregrinos perguntasse ao líder da tribo: “honrado chefe, eu gostaria de saber se causamos muito cansaço aos membros de sua tribo que nos acompanharam”. Ao que o chefe respondeu “Porque, caro amigo?”. O líder da tribo comentou “Talvez nossas bagagens estivessem muito pesadas pois eles paravam no caminho a cada quarto de hora”. O chefe, pensativo, respondeu “Esse é um hábito de meu povo, quando vamos com pressa, paramos de tempos em tempos para que nossa alma não se perca de nós”.



Fonte: Álbum Brechó EcoSolidário, Capacitação de Voluntários com Sidharta, 2013

Além da formação dos voluntários, foi realizada pela primeira vez uma formação específica para dos Empreendimentos de Economia Solidária – EES, articulada, de forma expressiva, por Kátia Santos. Os membros dos EES já participavam da formação geral de voluntários, mas em 2012, para ajudar no seu desempenho na Feira de Economia Solidária do Brechó, eles contaram com o trabalho da Terapeuta Vivina Machado (relações interpessoais), de André Santana, da SETRE (Gestão e Comercialização), de Patrícia Pastori (Metodologia do Brechó) e de Elizabeth Dantas (Imagem e Produto).

O Brechó 2013 foi realizado em 26 e 27 de outubro e teve como inovação a separação das atividades: as trocas de bens ocorreram apenas no sábado e as demais atividades no domingo. Essa mudança tinha por intenção diminuir a carga de trabalho dos/as voluntários/as e das Comissões de Troca e de Infraestrutura, novamente na busca da coerência entre o que se diz e o que se faz. Ao querer um mundo melhor para todos/as é natural que se queira também uma dinâmica do Brechó que permita a seus/suas organizadores/as de curtir-lo tanto enquanto ele é construído, quanto nos próprios dias do evento.

Na mesma busca de diminuir a carga de trabalho de quem trabalha nas comissões “mais pesadas”, Trocas e de Infraestrutura, houve uma descentralização maior ainda das responsabilidades de cada envolvido/a com o evento. As barracas de trocas funcionaram apenas no sábado e contaram com a presença de voluntários de diferentes comissões. Esse compartilhamento de responsabilidades atizou a criatividade e os participantes das Comissões criaram dinâmicas divertidas com o público, que se envolveu também com brincadeiras, massagens, danças, etc. para minimizar a avidez de consumo que ainda continua como um desafio para um evento que busca o consumo consciente e sem desperdícios. Porém, além da chuva intensa, percebeu-se que a divisão, nesse primeiro momento, desfavoreceu o dia de atividades, no domingo, que ficaram um pouco esvaziadas.

Os temas das rodas de Diálogos de 2013 foram “Arte como fonte de transformação pessoal e social” e “O desafio de empreender solidariamente”. Vários participantes nacionais e internacionais estiveram em Salvador, além de Marcos Arruda, Génèviève Ancel e Patrick Viveret, que já tinham estado na Bahia em outros Brechós. Enriqueceram as discussões com o público do

evento: Fazette Bordage (Le Havre, França) musicóloga e psicóloga, que trabalhou sempre com a relação entre Arte e Cidadania e dirige um centro que incentiva esta relação na cidade-porto de Le Havre; Simone Kunegel (Lyon, França) professora, ativista social na Birmânia e tradutora do Conselho Internacional da rede Diálogos em humanidade em sete línguas e Hugues de Rincquesen, coordenador da ONG Rosa dos Ventos, da Fazenda e “Espaço de Reconexão com o Ser” da Pedra do Sabiá e organizador do 1º Diálogos em humanidade de Itacaré - Serra Grande, a 60 km de Ilhéus e 220 km de Salvador (pela Ilha de Itaparica).

Avançando na superação de conflitos internos

Como foi dito anteriormente, um evento da dimensão e complexidade do Brechó EcoSolidário gera expectativas diferentes, a depender em que lugar em que a pessoa atua, de sua personalidade, ou de qual ponto de vista e responsabilidade ela trás, de fortalecer a leveza ou a concretude, por exemplo. Como foi dito, também, a lógica do Brechó é favorecer a interpenetração dos pontos de vista e a partilha de responsabilidades, assim, para tentar interconectar as expectativas e ações, buscou-se incorporar na Tenda Cultural atividades da Tenda Holística, e vice-versa.

Dois dos “casamentos” entre duas dinâmicas aparentemente contraditórias podem ser destacados: os momentos de abertura, e anos depois, também os de fechamento do evento. Com a participação de entidades ecumênicas, como a UNISOES (que congrega pessoas de diversas crenças religiosas) e da Fundação Terra Mirim, com sua força telúrica, a abertura do Brechó foi se tornando um momento importante, com cantos litúrgicos, rituais indígenas, mantras, cantos xamânicos, etc., que integram cultura e espiritualidade. Outro momento de articulação foi a chamada “Pausa Geral”, uma espécie de meditação coletiva, de cerca de 10 a 15 minutos ao meio-dia, que serve para quebrar a compulsão do fazer, provocar a interiorização e o espírito coletivo. Do centro do palco do Brechó, alguém coordena esse trabalho, em que todos/as são chamados a fazerem silêncio e ficarem em paz, conectados com a

energia do coletivo e com a Natureza que os rodeia. O relatório de avaliação do ano de 2013 destaca “O ganho em coerência leveza e bem estar para os organizadores e para o público do evento foi visível na “pausa geral” do sábado, na qual centenas de pessoas ficaram juntas em silêncio, muitas de mãos dadas, mostrando que é possível diminuir o ritmo e ficar em paz”.

Avaliação

Embora, como dito, a avaliação tenha sido um processo constante do aperfeiçoamento do Brechó, provavelmente o mais importante e completo documento sobre os resultados conseguidos coletivamente, antes desse livro, tenha sido a avaliação realizada por Jossana Gamba e Lorena Volpini em 2013. Esse documento foi utilizado para compor o capítulo sobre metodologia do Brechó e ainda encontra-se disponível no site da Rede.

Em outra direção, da observação do processo de governança interna e do perfil dos membros da Coordenação Autogestionária, a avaliação do evento realizada em 2013 foi feita de forma totalmente inovadora e mais adaptada ao Brechó. Esse momento de autoanálise foi um teste para um modelo alternativo de avaliação com base nas seis perfeições budistas (*paramitas*) descrita no livro “Os novos Coletivos Cidadãos” de Débora Nunes e Ivan Maltcheff. Vicente Aguiar, co-fundador da cooperativa de softwares livres, a Colivre, e parceiro do Brechó há muitos anos, foi o facilitador. Em um quadro vazio pediu-se que cada um escrevesse qual das pessoas da coordenação se aproximavam em sua prática e perfil pessoal as perfeições seguintes:

GENEROSIDADE: capacidade de vislumbrar no horizonte presente ou futuro algo que precisa ser entendido, sentido e realizado para o bem do mundo e a iniciativa de se doar para tal, elaborar projetos e provocar processos coletivos para que isto aconteça.

SABEDORIA: habilidade de inspirar os outros, de ser convincente na proposta, de agregar pessoas ao projeto, de conectar instituições

com visão próxima e mesmo outras aparentemente sem conexão com o projeto.

CONCENTRAÇÃO: capacidade de identificar e distribuir tarefas respeitando os talentos do grupo em ação, de manter a memória do que está sendo feito coletivamente para verificar os avanços e as pendências (relatórios, prestação de contas), de avaliar continuamente e apontar as condições para a realização do projeto;

MORALIDADE: capacidade de estar disponível para o coletivo, de dar exemplo de ação e de cumprimento de tarefas, de perseverar no propósito e estimular os/as demais para que se mantenham no processo.

ENERGIA CONSTANTE: capacidade de encontrar meios (mobilizando o coletivo) para superar dificuldades materiais ou imateriais para a realização do objetivo, perseverança e competência para ajudar o coletivo a chegar ao seu propósito.

PACIÊNCIA: habilidade para enfrentar dificuldades de relacionamento entre os participantes e destes consigo, de encontrar saídas negociadas para conflitos e caminhos alternativos face a dificuldades diversas que vão surgindo. Possibilidade de manter alto astral no processo de ação coletiva e favorecer as relações entre as pessoas e suas competências nos projetos.

O Brechó e o grão se tornam sementes plantadas em outros horizontes

Os Diálogos em humanidade de Foz do Iguaçu permitiram a ida de uma grande comissão do Brechó no final de 2013 para essa cidade (Débora Nunes, Kátia Santos, Alba Maria, Suzana Moura, Ivana Maciel, Emerson Sales, Ian de Castro e Vivina Machado). Essas pessoas propiciaram a organização de “ágoras”, como segue: Ágora 1: Governança cívica mundial, cujas facilitadoras foram Geneviève Ancel e Débora Nunes, Ágora 2: Transformação individual e transformação coletiva, cujas facilitadoras foram Alba Maria e Iva-

na Maciel e a Ágora 3: Economia Solidária e Sustentabilidade cujos facilitadores foram Ian Requião e Emerson Sales. Nos Diálogos de Lyon de 2013, foi organizado um mini brechó, usando a moeda social grão, aproveitando a ida da equipe Katia Santos, Rosiene Alves e Thaize Oliveira para essa cidade.

Durante a Rio + 20, um importante ativista da agroecologia francesa, Philippe Desbrosses sugeriu contato com Hugues de Rincquesen, em face de interesses comuns em torno da permacultura. Foi feita uma visita à Fazenda e ele foi convidado para os diálogos do Brechó 2013. Desse contato nasceu o evento Diálogos em humanidade de Itacaré e Serra Grande, realizado no mesmo ano, no dia 02 de novembro o qual contou com a participação de dezenas de pessoas, inclusive um grupo da Coordenação Autogestionária do Brechó. Os temas discutidos mobilizaram o grupo para que esta vivência pudesse também se perenizar, como de fato aconteceu. O primeiro Diálogos de Itacaré chegou ao mundo para ficar: bonito, agradável, participativo e discutindo como a Natureza pode inspirar as mudanças que estamos construindo no mundo hoje: mais harmonia interior, mais convívio com a sabedoria da Mãe terra, mais escuta, tolerância e diálogo. A Fazenda Pedra do Sabiá e a ONG Rosa dos Ventos proporcionaram ao público local, muitos vindos das Ecovilas Piracanga e Aldeia, momentos inesquecíveis que marcaram profundamente nossas convidadas internacionais deste ano.

Fonte: Álbum Brechó EcoSolidário, Programação Cultural, 2013



A versão instrumental da música tema do Brechó, Pop Zen, composição dos artistas baianos Alexandre Leão, Manuca Almeida e Lalado, chegou ao mundo em 2013, pela mão do reconhecido saxofonista baiano Marcelus Leone, que cedeu voluntariamente seu talento para homenagear o Brechó.

2014: PELO BRECHÓ, A REDE DIÁLOGOS SE EXPANDE NO BRASIL (FOZ DO IGUAÇU, RIO DE JANEIRO, ITACARÉ)

Por causa do segundo turno das eleições presidenciais, o evento aconteceu pela primeira vez na sexta feira, 24/10 e no sábado, 25/10, no Parque da Cidade. Segundo o relatório enviado para a Fapesb, “*o evento foi um grande sucesso de público e de crítica. As parcerias (...) se consolidaram; a articulação internacional se ampliou; a inovação representada principalmente pela troca de bens via moeda social chegou a um público maior e que hoje compreende melhor o que propomos; o empreendedorismo, representado pelos 55 empreendimentos de economia solidária presentes na feira e pela relação renovada e parceira entre empreendedores e consumidores, tem uma abordagem socialmente e ambientalmente sustentável e responsável*”. Os jornais A Tarde e Tribuna da Bahia da época divulgaram que o público estimado foi de sete mil pessoas presentes no evento a cada dia. Uma nova tenda integrou-se à dinâmica do Brechó, a Tenda Social (Saúde e Qualidade de Vida), coordenada por Patricia Pastori e formada basicamente por alunos da UNIFACS, sobretudo de Medicina, Enfermagem e Fisioterapia, que fizeram atendimento clínico ao público e encaminhamento para realização de consultas e exames.

Em termos de financiamento, foi um ano em que não faltaram recursos para o Brechó, inclusive para a vinda de vários convidados internacionais. Houve continuidade do apoio da Rede através do projeto Diálogos Contemporâneos, já citado, além da parceria com a SETRE, através do apoio dos CESOL (Centro Público de Economia Solidária) do Comércio (coordenado por Kátia Santos) e da Barra (coordenado por Vasco Zugno Aguzzoli). Mais uma vez, a Rede ganhou edital da Fapesb para organização de eventos e várias instituições foram parceiras, entre elas a UNIFACS, a UFBA e a UNEB).

A responsabilidade com o financiamento colaborativo, através da plataforma CATARSE, foi mais vez mais partilhada com as pessoas da Coordenação Autogestionária e as/os voluntárias/os, que contribuíram como puderam até atingir dez mil reais. Foi um ano em que não faltaram recursos. Em outros termos, o Brechó ficou também mais rico nesse ano pela estreia da Tenda Social (Saúde e Qualidade de Vida), coordenada por Patrícia Pastori e formada basicamente por alunos da UNIFACS.

Evoluções na organização em direção à maior partilha de responsabilidades

Em termos da governança interna, observa-se que, em 2014, a metodologia do Brechó se aperfeiçoou em direção a maior coresponsabilidade entre seus organizadores, e isso tanto para os membros da Coordenação, quando para os/as voluntários/as. Assim, o engajamento de todos em atividades mais exigentes em termos de trabalho, como a Comissão de Trocas e a de Infraestrutura, respondeu a uma demanda anterior de partilha das responsabilidades. No caso das trocas de bens, por exemplo, ao invés de um grupo de pessoas da Comissão de Trocas viabilizarem todo o trabalho, a partir de 2014, todas as Comissões se envolveram na tarefa. A barraca de LIVROS foi responsabilidade da Comissão Receptivo/Diálogos; a de ROUPA FEMININA, da Comissão Infraestrutura; a de ROUPA INFANTIL/BRINQUEDOS, a Comissão Infantil; a de ROUPA MASCULINA, a Comissão da Feira de Economia Solidária; a de SAPATOS, BOLSAS/ACESSÓRIOS, a Comissão Cultural; a de OBJETOS DE CASA, a Comissão Ambiental.

Para os voluntários aconteceu a mesma lógica de partilha de responsabilidade: ao invés de trabalharem concretamente pelo Brechó principalmente nos dias do evento, todos/as “colocaram a mão na massa” desde os encontros de formação. Alguns encontros foram dedicados à separação de bens por categoria, sua limpeza e colocação em caixas e também à produção da decoração ecológica do evento. Na própria captação de recursos estabeleceu-se uma espécie de “cota”, para que cada pessoa envolvida no Brechó conseguisse

captar dinheiro junto a amigos e familiares, de acordo com a condição social de cada pessoa. Mesmo sendo essa cota bem baixa, auto-regulada e sem qualquer comprovação, ou punição se não fosse realizada, observou-se que o espírito do *crowdfunding* foi mais interiorizado no Brechó a partir de 2014. Até mesmo a Tenda Holística começou a trabalhar, a partir desse ano, com atividades que ENSINAM as pessoas a cuidarem melhor de si, e não com o fornecimento desse cuidado. Ao invés de oferecerem massagem individual a um número enorme de pessoas, os terapeutas passaram a ensinar as pessoas a como fazer automassagem, ou como massagear outra pessoa.

Uma última evidência de que o Brechó EcoSolidário caminhava decididamente em direção à maior partilha de responsabilidades se evidencia em uma ata de reunião da Coordenação Autogestionária de 2014 em que há uma demanda específica de Débora Nunes, reforçada por Emerson Sales, de redefinição do papel deles na organização do evento, identificando que ainda havia excessiva dependência de suas participações. A demanda feita é de que gostariam de tornar- conselheiros, madrinha e padrinho, pessoas que guardam em suas experiências o histórico do Brechó, que estarão sempre dispostos a apoiar, mas que querem vê-lo emancipado de suas presenças. Algo que foi concretizado no ano seguinte com ida dos dois à Índia. Diversas reuniões de Coordenação Autogestionária trataram de como dinamizar o processo, de forma a que as Comissões pudessem atuar de forma ainda mais autônoma e autogestionária e isso foi o que se viu na prática nesse ano e no seguinte.

A formação dos voluntários

O curso “Consumo Consciente e Sustentabilidade Ecológica”, de 60h, e que durou de agosto a outubro, sempre aos sábados pela manhã, continuou a exigir e a dar muito aos que se dispuseram a contribuir com ações da sociedade civil por um mundo melhor. O caminho de formação percorrido por centenas de jovens voluntários do Brechó 2014, teve, como em anos anteriores, uma programação teórica e prática. Em todas as atividades buscou-se cultivar princípios e propósitos do Brechó: consumo consciente dos alimen-

tos, da força vital e do tempo de cada um/a; gestão sustentável dos materiais utilizados e dos resíduos gerados, parceria, co-criação e liderança coletiva, autogestão, ética, entre outras.

Pelo depoimento de voluntários/as postados nas redes sociais e/ou recolhidos nas avaliações ao longo dos anos (ver anexo) percebe-se que essa é uma experiência inesquecível, não só pelos conhecimentos que se adquire e pelas amizades que se tecem, mas pela alegria de ser portador/a de soluções para o mundo. Ao fazer parte do Brechó o/a voluntário participa também das discussões e ações da rede internacional *Dialogues en humanité*, que atua por um mundo sustentável, justo e solidário e que no ano de 2014 estava discutindo uma “plataforma por uma governança cidadã”, ou seja, se o mundo fosse governado pela cidadania planetária, quais as ações essenciais que seriam priorizadas?

Na formação do voluntariado em 2014, houve alguns destaques: a exibição do maravilhoso filme brasileiro sobre o aprender brincando *Tarja Branca, A Revolução que Faltava*, dirigido por Cacau Rhoden, no cinema Walter da Silveira, na Biblioteca Pública dos Barris. Esse filme foi indicado por Stella Barros, parceira que sempre atuou nos bastidores do evento, trazendo inspirações para a formação, ajudando na reflexão sobre a governança interna do Brechó, mobilizando sua rede de contatos familiar e de amigos para doação de bens para troca e para a captação de recurso pelo *crowdfunding*.

Um segundo destaque de formação de 2014 foi o encontro de um dia inteiro na Fundação Terra Mirim, chamado de “Semeando Sonhos”. A ida à FTM é impactante, pois é uma “vivência de um futuro emergente” no espaço comunitário de uma ecovila e em contato com a “guiança” da Xamã Alba Maria, que recebe a todos/as com espírito de serviço e sensibilidade, assim como os demais membros da comunidade. A visita, em Simões Filho, há cerca de 30Km de Salvador, requer mobilização, organização e comprometimento entre as pessoas, com a carona solidária, por exemplo, mas, sobretudo, na solidariedade na hora do almoço. Organizou-se uma metodologia na qual os que podem, pagam mais e os que não podem pagam menos do custo do almoço, de forma que seja justo para todos e a Terramirim também não fique no prejuízo.

Os laços que se tecem

Como mais um exemplo da força das redes interpessoais na ação cidadã, o contato de Marcos Arruda com Eduardo Zanatta, durante o FSM na Tunísia de 2014, fez com que esse viesse a fazer parte do Brechó EcoSolidário não como público, mas como membro da Coordenação Autogestionária. A entrada de um profissional experiente em organizar eventos na Comissão de Infraestrutura propiciou um salto de tranquilidade na condução do processo. Sua articulação de longa data com vários dos fornecedores, que permitia grande possibilidade de ação, favoreceu a solução dos problemas que sempre acontecem de última hora. A maior partilha de responsabilidade descrita acima também ajudou ao desenrolar mais harmônico das atividades do Brechó, assim como, talvez, o fato de ter um homem assumindo tarefas que exigem certa frieza e força física.

Um evento que precedeu o Brechó e que esteve relacionado intimamente com esse foi o lançamento do livro “Os Novos Coletivos Cidadãos”, de Débora Nunes em parceria com Ivan Maltcheff (pela Editora Kalango, de Teramirim). O livro busca uma análise e uma série de recomendações sobre os processos de engajamento cidadão no qual a rede Diálogos em humanidade e o próprio Brechó são evocados. Uma das teses do livro é a de que essas ações realizadas pela sociedade civil numa lógica de busca a coerência entre o que se diz e o que se faz tendem a renovar a ação política em geral. Ao atuarem de forma generosa e emancipadora pelo bem comum e se basearem na liderança horizontal, ao buscarem recursos na teia das relações interpessoais, ao tratarem integralmente as demandas da mente, do corpo, da alma e do coração, os novos coletivos transcendem a atividade que desenvolvem e criam um campo de novas práticas de ação e governança. O livro defende que esses coletivos “são frágeis porque são ainda minoritários em seus contextos”, mas são fortes porque estão se articulando cada vez mais, como é o caso do Brechó na rede Diálogos em humanidade.

A dinâmica nacional e internacional

O apoio de brasileiros na dinâmica internacional vem tornando-se cada vez mais frequente: a ida de Débora Nunes e Emerson Sales em 2014 para o primeiro evento da rede Diálogos no Benin, foi um deles. Suas presenças ajudaram um coletivo cidadão da cidade de Porto Novo a organizar um conjunto de atividades que teve como um dos seus pontos altos a visita à “porta do esquecimento”, local onde escravos saídos dessa região da África se despediam de sua terra para serem escravos no Brasil. O simbolismo da presença de brasileiros e a dor compartilhada motivaram a escritura do texto “Declaração de Porto Novo”.

Houve ainda expressiva movimentação de pessoas envolvidas no Brechó para irem aos Diálogos de Lyon. Em 2014 foi a vez de Simone Antonelli, Cristóvão Moraes Sobrinho, Irã Campos e Cristina Silva, que foram recebidos carinhosamente, encontraram hospedagem solidária e, em muitos momentos, até mesmo voluntários para tradução português/francês. Essa dinâmica de “visitas” de pessoas envolvidas na rede Diálogos fortalece a rede de forma importante, pois criam novas conexões interpessoais para além daquelas das pessoas mais envolvidas diretamente em sua estruturação, como Débora Nunes e Emerson Sales que, por terem morado na França e dominarem o idioma, já tinham laços pessoais e políticos desde os anos noventa do século passado.

Como parte dessa dinâmica internacional, construiu-se a participação de Érika Moutinho Leone, convidada por Geneviève Ancel para falar no *World Summit* em Lyon em 2015, junto com jovens de várias nacionalidades, em face ao presidente francês François Hollande, sobre as preocupações desses em relação à questão ambiental. No curto espaço tempo que recebeu, Erika falou ao presidente Hollande e demais autoridades presentes, sobre o processo de formação dos voluntários no Brechó, oportunizando mais uma vez a visibilidade internacional do evento. Ainda em 2014, nos Diálogos de Lyon, foi organizado mais um mini brechó, usando a moeda social grão, dessa vez aproveitando a presença de Ósia Alexandrina, professora da UFRB e parcei-

ra do Brechó, que estava fazendo seu doutoramento em Paris e foi para Lyon, conhecer os Diálogos de lá.

Em Salvador, a presença de numerosos convidados nacionais e internacionais deu dinamismo às discussões do Brechó 2014: mais uma vez Marcos Arruda esteve presente, dessa vez com Paula Raquel, que havia realizado com ele os Diálogos do Rio de Janeiro, e Max Tovar, fundadora da ParquEscola Ecoetrix, em Varginha. Kátia Santos trouxe alguns empreendimentos de economia solidária de diferentes partes do Brasil para participarem da Feira de EES do Brechó. Da França vieram Genevieve Ancel, Natasha Kaminski, Catherine André, Patrick Viveret e Dominique Picard. Do Benin vieram Chistine e Joseph Adjahy, envolvidos com a realização dos Diálogos de Porto Novo e da Índia veio Aviram Rozin, co-organizador do Diálogos em humanidade de Auroville. Os currículos de todos os convidados ao longo dos anos encontram-se no anexo desse livro.

Como eventos paralelos e ligados ao Brechó, duas palestras: A de Patrick Viveret na Livraria Cultura do Shopping Salvador foi organizada pelo Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Urbano e Regional – PP-DRU, e o curso de Arquitetura da UNIFACS. Com o título “Ainda é possível ser feliz nas grandes cidades?”, o evento teve grande sucesso, pois o grande teatro estava cheio. Patrick Viveret, como sempre, esteve bastante inspirado e a professora Débora Nunes mediu o evento e fez a tradução.

A palestra de Aviram Rozin na disciplina “Energia, Ambiente e Sociedade, do professor Emerson Sales e que conta com cerca de cem alunos no Bacharelado em humanidade da UFBA também foi muito apreciada. Ele contou a experiência de Sadhana Forest, desenvolvida por ele e sua mulher Yorit em 30 hectares da ecovila Auroville, nas proximidades de Pondichery, no sul da Índia. Essa área está sendo reflorestados nos últimos 10 anos: 20 mil árvores de 150 espécies locais já foram plantadas com a ajuda de milhares de jovens de várias partes do mundo. O abastecimento do lençol freático se dá com pequenas barragens, diques e buracos nos quais se plantam as árvores, que crescem alimentadas por folhas e adubo que vem da compostagem dos resíduos da cozinha do acampamento Sadhana Forest. Segundo Aviram, para encantamento dos jovens presentes em sua palestra, a mesma técnica

de retenção de água no solo e plantio de árvores está sendo usada em áreas desoladas no Quênia e do Haiti que estão reverdecendo, seguindo a lógica da permacultura.

Após o Brechó desse ano, no final de semana seguinte, uma boa parte dos convidados, de membros da Comissão Autogestionária e alguns voluntários foram para os Diálogos em humanidade de Itacaré, que aconteceu ao Brechó. Lá encontraram pessoas de várias nacionalidades que visitam ou moram nas ecovilas vizinhas de Aldeia e Piracanga. Esse segundo Diálogo da Bahia começou a se constituir em uma espécie de momento especial de convívio e avaliação da própria rede Diálogos, no qual o cultivo da “política da amizade” é uma das práticas relevantes.

2015: O PARQUE SOLAR BOA VISTA E O CRESCIMENTO DA ENERGIA DE CURA DO BRECHÓ

Nesse ano houve uma mudança significativa na organização do evento em função de seu deslocamento para o Parque Solar Boa Vista, no Engenho Velho de Brotas, devido a uma ampla reforma no Parque da Cidade. Outra mudança foi um número bem menor de voluntários/as, provavelmente por causa da ausência dos professores Emerson Sales e Débora Nunes (afastados para pós-doutorado na Índia no primeiro semestre de 2015), já que historicamente esses mobilizavam muito seus próprios alunos, em sala de aula, para ajudarem a construir o Brechó. A dupla adaptação, trabalhar em outro local e com menos voluntários apontava para um evento menor, o que efetivamente aconteceu.

O Brechó 2015 teve provavelmente cerca de 30% do público de anos anteriores e isso se explica pelos fatores acima, mas também pela coincidência da data com um feriado. O grande desafio, com a mudança do local, foi o de mobilizar a comunidade do entorno para esta nova experiência e para tal foi feita uma articulação com a Rede de Arte e Cultura do Engenho Velho de Brotas. A experiência anterior de realização no local do Festival Unifacs de Sustentabilidade Cultura e Arte – FUSCA, tendo à frente pessoas dedicadas ao Brechó, Patrícia Pastori e Beth Dantas, ajudou a estabelecer a parceria da Coordenação Autogestionária com o Cine Teatro Solar Boa Vista, na pessoa de Simone Braz, bem relacionada com as rede locais.

O incômodo da mudança de espaço foi, de certa forma, compensado pelas novas conexões que se estabeleceram e pelo acolhimento do Parque Solar Boa Vista, cujas árvores centenárias deram as boas vindas e foram um presente à parte para o evento. A área é muito bem ventilada, tem bom acesso e estacionamento. O Parque tem uma estrutura de cine-teatro excelente, que

foi utilizada no processo de formação de voluntários. Os pontos negativos foram a sujeira nas áreas mais periféricas do Parque, que estavam abandonadas, e alguns momentos de convivência com consumidores de drogas que as frequentam, apesar dos esforços de convívio feitos pelas pessoas que organizam o Brechó.

Embora tenha sido o ano com menor número de voluntários, eles/as foram muito dedicados. Apenas cerca de 25 ficaram até o final da formação e trabalharam no dia do evento, por terem sido “picados” pelo espírito do Brechó. Eles trabalharam com alegria e afinco, e provavelmente não serão mais os mesmos depois da formação teórico-vivencial e da própria vivência do evento. Bem entrosados, eles tiveram engajamento para definir, avaliar e dimensionar o evento de forma mais autônoma e independente.

Neste ano de 2015, as articulações e mobilizações realizadas em torno do evento ganham um contorno diferenciado, dado o afastamento de Débora Nunes e Emerson Sales durante o primeiro semestre. Percebeu-se que isso provavelmente repercutiu também na ausência de outros membros históricos da coordenação, mais vinculados pessoalmente a eles. Como no espírito do Brechó busca-se fazer de cada crise uma oportunidade, houve uma renovação de quadros na Coordenação com destaque para os jovens, particularmente Érika Leone, mas também Magnólia Batista, Isadora Cardoso, Edson Ribeiro e Fábria Melo. Entretanto, provavelmente pela presença de tantos novatos e pela falta da “cola” das lideranças mais antigas, a integração entre as pessoas na Coordenação Autogestionária foi menor. Esse fato pode ter causado algumas das dificuldades vividas nos dias do evento, pois a harmonização das ações coletivas e a construção da confiança precisam ser feita ao longo do ano.



Fonte: Álbum Brechó Ecoslidário, Comissão Organizadora ,2015

A comunidade local recebeu muito bem o evento por ter sido mobilizada por organizações cidadãs da região. As pessoas foram aprendendo a metodologia do Brechó e, no final dos dois dias, todas já entendiam o uso das moedas sociais como se fossem veteranas. Como foi um evento menor, as trocas, centralizadas em um só espaço (diferente das barracas de diferenciadas por tipos de objetos do Brechó “normal”), ficaram com uma organização excelente, difícil de se repetir em eventos maiores. A formação de fila única facilitou o trabalho e a atividade foi menos estressante, contando com apoio de pessoas de várias Comissões, além de Elisete Bispo, funcionária da Rede, que nos anos vem sendo imprescindível. A sintonia entre o Ecobanco, na boa condução de Lais Francine, e o trabalho de Isadora Cardoso, fez com que a Tenda de Trocas fosse muito fluida e com grande interação entre os voluntários.

Observou-se que grande parte do público era mais “afinado” com o Brechó, pessoas engajadas em outras redes e que já conheciam sua dinâmica. Uma das evidências disso foi o impressionante acolhimento do público aos 15 minutos de silêncio e meditação coletiva no momento da “Pausa Geral” que silenciou o grande Parque. Exatamente naquele dia um conjunto de redes cidadãs estava fazendo uma mobilização mundial, chamada de “24 horas de meditação pela Terra” e o público do Brechó entendeu que dava ali sua contribuição. O silêncio e a paz reinantes nesses momentos proporcionaram aos organizadores do evento, e ao público em geral, um momento de tranquila alegria. A Tenda Ambiental foi conduzida por militantes ambientalistas trazendo novos parceiros que enriqueceram o evento, como Breno Passoni, do Gambá, Ian de Castro que levou uma exposição/degustação de PANCS – Plantas Alimentícias não Convencionais e Zenis Rocha da Compostagem Francisco, projeto de extensão da UFBA.

Como em outras edições do Brechó, também em Brotas estiveram presentes pessoas de muitos bairros e origens sociais diferentes. Esta tendência se aprofunda, a cada ano: o Brechó é um espaço que mistura públicos de forma rara em uma cidade partida como é Salvador. A divulgação das ideias de moeda social, economia solidária e consumo consciente atingiram, por via do Brechó, populações que dificilmente seriam atingidas de outra forma. As pessoas mais pobres que vão ao evento usufruem de bens necessários que

são adquiridos com uma moeda abundante e generosa. As pessoas de classe média e alta, engajadas em causas ambientais e espirituais, encontram ali seus amigos e têm acesso a bens muitas vezes, procurados por anos, como livros esgotados, além das preciosas discussões sobre temas emergentes, nos momentos dos Diálogos.

Pela primeira vez o Brechó teve orçamento favorável para remunerar em forma de ajuda de custo as pessoas que trabalharam em sua organização. Os recursos foram oriundos do último ano do Projeto Diálogos Contemporâneos, do edital da FAPESB, do *crowdfunding* via Catarse e apoio de algumas instituições. A coordenação decidiu que aqueles que dedicaram carga horária de trabalho superior a 40h receberiam a ajuda de custo suficiente para cobrir custos de telefone, deslocamento e alimentação. Estabeleceu-se um valor padrão pelo número de horas dedicadas, e, coletivamente, atribuiu-se a quantidade de horas dessas pessoas mais dedicadas. Em termos de Infraestrutura, a continuidade do trabalho profissional remunerado de Eduardo Zanatta, e sua articulação com órgãos públicos e instituições, assim como com os fornecedores, evidencia que o pagamento por algumas atividades da organização, quando é possível, traz um retorno excelente. O trabalho profissional bem feito traz a tranquilidade necessária para que o trabalho voluntário, majoritário, flua melhor.

Pela primeira vez, também, pessoas experientes com a organização do Brechó estiveram à frente da Comissão de Comunicação: Érika Moutinho Leone e Magnólia Batista e uma empresa de Comunicação, a Brava, que foi contratada para ajudá-las, assim como Guida Moura, da Rede. Foi realizado um trabalho contínuo de divulgação, nas redes sociais e site da Rede que, se não trouxe um público maior, PE,lo que foi explicado anteriormente, reforçou a identidade do evento junto à mídia e à população soteropolitanas. A alimentação dos/as voluntários/as, convidados/as e Coordenação foi muito bem organizada, tendo, pela primeira vez, um bufê de comida vegetariana, oferecido pela Fundação Terra Mirim. Satisfazendo a todos os gostos, houve outro bufê, esse de comida baiana e oferecida por Cooperativas de EES ligadas a terreiros. Na decoração esteve Cláudia Verônica, que organizou várias oficinas com os/as voluntários/as nos dias que antecederam o evento.

Ao completar dez anos o Brechó teve dois presentes: foi cantado pelo público o “parabéns pra você” de forma inusitada e muito bonita: muitas vozes acompanhadas pelo som de gongos tibetanos de vários tamanhos, trazidos por terapeutas da Tenda Holística. O outro presente foi a exposição de depoimentos e fotos de pessoas dos Brasil e do exterior sobre o que significou fazer parte de sua realização. A **Exposição dos 10 anos** foi realizada em forma de varal, ao longo da entrada do Parque, com cartazes pendurados com a foto e fala de cerca de 20 pessoas. Muitas das imagens desse livro são oriundas dessa exposição, completada com novos depoimentos.

O público apreciou muito a programação cultural do evento que valorizou a “prata da casa”, pois vários artistas da comunidade de Brotas foram convidados. A localização central do palco facilitou muito a comunicação do evento. Ali bem próxima estava a Tenda Infantil, também muito elogiada por todos pelo planejamento e programação realizada por Edson Cerqueira e sua equipe. Pela primeira vez houve uma roda de Diálogos infantil, o “Dialoguinho”, com o título de “A nossa natureza cuidando do planeta”, que aconteceu no sábado pela manhã, conduzido pela voluntária Camila Gabriela.

No Brechó 2015, os temas das “Rodas de Diálogo” deram-se em torno das mudanças climáticas e da preparação para a Conferência do Clima de Paris, que aconteceria em dezembro do mesmo ano. A pergunta de fundo foi: como cada pessoa e instituição pode ser um agente para resolver a crise climática? Vários participantes nacionais e internacionais estiveram em Salvador, assim como lideranças de movimentos cidadãos locais, enriquecendo as discussões e o diálogo com o público do evento. No sábado à tarde tratou-se da “Sacralidade da Terra: a mudança interna harmonizando a humanidade”; no domingo pela manhã, tratou-se da encíclica “*Laudato Si*: Louvado seja o planeta”. Por fim, no domingo à tarde, a discussão foi sobre “A preparação para a Cop 21”. Essa última foi considerada por muitos como uma dos pontos culminante do evento, pelo que será relatado a seguir.

Por coincidência, estava sendo realizada em Salvador, na mesma data do Brechó, uma reunião do Comitê Internacional do Fórum Social Mundial, que discutia a realização, em agosto de 2016, do FSM de Montreal, no Canadá. Os co-coordenadores do evento canadense, Carminda Mac Lorin e Raphael

Canet, e vários dos participantes do encontro foram ao Brechó, conhecer essa importante manifestação da sociedade civil soteropolitana. Essa articulação tinha sido feita previamente por Débora Nunes e Damien Hazard, coordenador da Associação Brasileira de ONGs, a ABONG, juntamente com Chico Whitaker, um dos fundadores do FSM, muito ligado à rede Diálogos em humanidade. Um momento especialmente tocante (e que já foi contado em rodas de conversas por vários participantes mundo afora), foi a participação dessas pessoas no Diálogo sobre “A preparação para a Cop 21”. Em determinada situação, três pessoas, uma judia e um casal de palestinos, envolveram-se numa situação de quase conflito que terminou com um abraço no centro da roda. Os demais participantes, sem combinarem e como se abençoando esse momento, abraçaram as pessoas no centro e abraçaram-se uns aos outros, formando uma grande “cúpula de paz humana”. Vários choraram, tocados pela simbologia do que acontecia no solo sincrético da Bahia de todos os santos e orixás.

Outros momentos se destacaram nesse evento: Um atelier de constelação familiar foi realizado pela cura das dores de antigos moradores do território do Parque, que havia sido sede de uma fazenda com escravos e posteriormente local de moradia do poeta Baiano Castro Alves, um símbolo da luta pela abolição, que morreu muito jovem. As aberturas ecumênicas dos dois dias e, no fechamento, no domingo, uma tocante confraternização entre voluntários/as, convidados internacionais e organizadores, celebrando “um outro mundo possível”.

Convidados nacionais e internacionais

O mix de diferentes continentes foi, mais uma vez, muito enriquecedor para o Brechó e também para outros eventos em que esses estiveram presentes, como se verá. Os convidados interagiram mais com os brasileiros, particularmente Geneviève Ancel, de Lyon e co-fundadora da rede Diálogos em humanidade que já tinha vindo outras vezes. Todas apreciaram profundamente o evento: a indiana Tapas Bhatt, professora e produtora cultural,

cocoordenadora do evento em Auroville; a beninense Irène Kekoui, também professora e cocoordenadora do evento em Porto Novo; a franco-americana Anne Marie Codur, professora e cantora, coordenadora da comissão que organizará o evento em Boston; Hugues de Rincquesen, coordenador do 3º Diálogos em humanidade de Itacaré, na Pedra do Sabiá; Nadine Outin, membro da rede Diálogos engajada no direito à educação e na proteção às crianças; Fazette Bordage, musicóloga e psicóloga, que trabalha com arte e cidadania e dirige um centro que incentiva esta relação no porto Le Havre, na França e Régine Fauze, escritora, professora e animadora de grupos espirituais com base na ecologia profunda. Destaca-se a ação da Comissão Receptivo e o apoio de Priscylla Lyns na hospedagem solidária e acolhida dos convidados, assim como a disponibilidade de receber hóspedes de Érika Leone e de Débora e Emerson, que enchem a casa a cada edição do Brechó. A confraternização após o evento entre a Coordenação Autogestionária e os convidados internacionais foi realizada alegremente em almoço oferecido por Simone Antonelli em sua casa.

Como eventos complementares dos quais participaram os convidados do Brechó em 2015, temos

A participação de Irène Koukoui em uma conversa com pessoas de comunidades de terreiros de Candomblé, entre eles o Oxumaré, o Gantois e a Casa Branca. O evento realizou-se no Salão de Xangô, no terreiro Oxumaré, com a presença de Ordep Serra, Débora Nunes e Emerson Sales, entre outros. O tema foi “Nagôs, Yorubás e Gouns e suas divindades, línguas e rituais no Benin de hoje”. Na conversa, Irène passou informações sobre as origens dessas tradições e os brasileiros puderam contar o que aconteceu com elas ao chegarem ao Brasil e como se desenvolvem no Brasil de hoje.

A IX Semana de Urbanismo 2015, da UNEB, com o tema “Favela: cidades em movimento” contou com a participação de Tapas Bhatt em sessão especial de encerramento. Tapas Bhatt vive há quase 50 anos na ecovila mundial de Auroville, na Índia, sendo uma de suas fundadoras. Ela consagrou sua vida

a promover as artes nessa cidade que é um dos símbolos das utopias realizadas no Urbanismo. Auroville tem o objetivo de ser um espaço de unidade humana, reunindo pessoas de dezenas de nacionalidades para uma vida compartilhada, sustentável e inovadora. Os estudantes de Urbanismo ficaram encantados.

Por fim, no Auditório da Escola de Administração da UFBA aconteceu a mesa-debate “A reinvenção da esquerda no século XXI: por um diálogo Norte-Sul”, com convidados internacionais, tendo como moderador o Prof. Genauto Carvalho de França Filho (NPGA-UFBA) e como uma das comentaristas a profa. Débora Nunes (UNEB e UNIFACS). Os demais convidados do Brechó estiveram presentes na EAUFBA e participaram das discussões do tema que interessa a todos/as.

O último evento vinculado ao Brechó aconteceu na semana seguinte na Pedra do Sabiá, a 3ª edição dos Diálogos em humanidade de Itacaré. Articulado em carona solidária e com hospedagem com preço especial para quem é participante do Brechó, uma caravana foi a Itacaré, viver momentos inesquecíveis. Os temas das rodas de Diálogos foram “Vida comunitária: Comunidades tradicionais e comunidades intencionais. Novos modos de conviver e compartilhar, criação de famílias e grupos de afinidade, etc.” e “Educação: Na escola e nas famílias, escolas alternativas na região, *non schooling*”. No espaço maravilhoso da Pedra do Sabiá, em caminhadas pelas matas e banho de rio e de lago, em rodas de conversas e trocas interpessoais privadas, tece-se a cada ano laços que vinculam projetos, ações e sonhos por um mundo mais colaborativo, democrático e ecológico.

O ano de 2015 finalizou com a participação de um grupo de brasileiros da rede Diálogos (Marcos Arruda, Débora Nunes e Emerson Sales) em seminário da rede realizado como evento paralelo à Conferência do Clima em Paris. Esse seminário foi parte das manifestações da sociedade civil para pressionar os Estados a assumirem reais responsabilidades frente ao aquecimento global. Um grupo, liderado por Débora e Marcos, discutiu a possibilidade de colapso da humanidade. Desse grupo, e de várias discussões que vieram a seguir, surgiu o texto intitulado “CIDADÃOS DO POVO DA TERRA: Vamos constituir nosso próprio poder!”. Esse documento, conhecido também como

“Juramento de Paris”, foi discutido com diferentes redes cidadãs e colocado na internet para adesões, tendo como um dos primeiros signatários o conhecido intelectual francês Edgar Morin. O texto foi objeto de uma oficina da rede Diálogos no Fórum Social Mundial de Montréal, no Canadá em 2016, e, por apontar para o futuro, é com ele que finalizaremos essa parte do livro que relata a história do Brechó:

CIDADÃOS DO POVO DA TERRA:

Vamos constituir nosso próprio poder!

Nós, abaixo-assinados, cidadãs e cidadãos do Povo da Terra, de vários países, culturas e tradições, reunidos em Paris neste momento histórico, testemunhas do desequilíbrio climático e da degradação dos recursos naturais essenciais para a vida na Terra e da crescente desigualdade entre os seres humanos, estamos determinados a preservar a capacidade de bem viver das gerações presentes e futuras.

Empoderados de nossos conhecimentos e culturas e tendo mobilizado nossa capacidade de agir em múltiplas iniciativas em todo o mundo visando a Grande Transição, vemos com preocupação, apesar do grande passo dado, o qual nós saudamos, a insuficiência do processo de negociação das Nações Unidas desde 1992 até 2015, de fazer um acordo ambicioso, corajoso e suficientemente restritivo para evitar as consequências más destrutivas para a humanidade e para nosso Planeta de um desequilíbrio climático anunciado há muito tempo por cientistas e cujos efeitos desastrosos são agora evidentes.

É tempo de reconhecer que o sistema de representação da cidadania através dos Estados-Nação e de organizações multilaterais

constituídas exclusivamente por esses, e mais ainda o poder mundial de uma oligarquia financeira sem qualquer legitimidade, é no mínimo insuficiente para preservar e gerir os bens comuns sem fronteiras da Terra, como o ar, a água, o solo, as florestas, os oceanos, dos quais depende fundamentalmente a vida humana e dos demais seres vivos. Precisamos inventar uma nova esfera de ação política que reconheça os povos em sua diversidade, mas também o Povo da Terra em sua unidade. É urgente construir uma ação pública global a médio e longo prazo, capaz de levar em conta os interesses das gerações futuras. Acreditamos que a escala planetária, e um horizonte de tempo de no mínimo duas gerações devem ser considerados para as decisões.

É hora de dar mais um passo na capacidade de nossa família humana de garantir seu destino comum, evitando que ela ameace a si mesma, destruindo a Mãe Natureza que nutre a vida. Este passo é o de um processo constituinte, que, baseado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, a complete com o reconhecimento pleno dos direitos e responsabilidades de cada ser humano para com os outros e com a Natureza, não só como cidadãs e cidadãos de nações e povos diferentes, mas também como cidadãs e cidadãos do Povo da Terra, cujo destino está intimamente relacionado com o do nosso belo e frágil planeta.

Estes direitos de cidadania planetária não podem continuar reféns das organizações econômicas e políticas incapazes de resistirem ao poder do sistema oligárquico dominante que retarda as medidas urgentes que precisam ser tomadas para evitar maiores catástrofes sociais e ecológicas. Propomos, então, a construção de um poder cidadão que assuma de forma complementar ao dos Estados, a responsabilidade pelo futuro da humanidade no planeta. Estamos empenhados em construir juntos esse poder com aquelas e aqueles que, livres das pressões de lobbies oligárquicos, enten-

dem a urgência da ação e da construção de sua permanência no médio e longo prazo.

Propomo-nos a buscar todas as formas de organização e expressão do poder cidadão, baseando-se em todas as reuniões internacionais que virão. Estaremos juntos por exemplo no Fórum Social Mundial Temático em Porto Alegre, em janeiro de 2016 e no Fórum Social Mundial em Montreal, em agosto de 2016, para se concentrar no que une os povos em defesa da vida e da própria humanidade, e ao mesmo tempo construir pontes para um reconhecimento oficial do poder cidadão pelas nações, pela ONU e suas agências, a fim de evitar a influência dos lobbies contrários à aventura humana Terra.

Portanto, nos comprometemos neste juramento solene:

Dedicar nossas capacidades, nossa criatividade, nossa experiência intelectual, emocional, artística, material e imaterial, à aceleração imediata da Grande Transição para a energia renovável e limpa, para o abandono de combustíveis fósseis e de padrões de produção e consumo destrutivos para os seres humanos e o planeta, e a aplicação em todos os lugares e em todas as escalas - nossas famílias, nossas aldeias e nossas cidades, nossas regiões e nações - de uma nova economia igualitária, respeitosa da vida, da saúde, do bem-estar humano, bem como da biodiversidade e do equilíbrio de todos ecossistemas terrestres e aquáticos dos quais depende a sobrevivência da humanidade.

Fazemos este juramento, deixando Paris, de não nos separarmos uns dos outros, nem no coração nem na mente; de manter nossas conexões através de todos os meios de meios de comunicação e de mídia cidadã; de se reunir sempre que as circunstâncias o exigirem; de exercer pressão sobre todas as instâncias de poder, seja governamental ou empresarial, corporativo e financeiro, local,

nacional e global, para que assumam suas responsabilidades; de cooperar constantemente entre redes cidadãs para a implementação dos objetivos vitais e urgentes mencionadas acima; e, assim, fortalecer os nossos laços de amizade, fraternidade, solidariedade e assistência mútua, a fim de expandir a rede global de cidadãs e cidadãos da Terra empenhados de corpo e alma nesta missão, atores da emergência de uma sociedade cívica mundial, portadores de um novo Contrato Social e Ecológico Planetário, garantidores desse juramento e desse compromisso em nosso nome e pela proteção das gerações vindouras.

Cidadãs e cidadãos do Povo da Terra, em Paris e em todo o mundo, confirmarão por sua assinatura esta inabalável resolução.

Paris, 12 de dezembro de 2015

PARTE II - METODOLOGIA

ENTRANDO NA SEGUNDA DÉCADA DE HISTÓRIA: COMO SE FAZ O BRECHÓ ECOSOLIDÁRIO

Érika Moutinho Leone e Débora Nunes

Ao longo de mais de uma década, o Brechó EcoSolidário vem vivendo um processo de aperfeiçoamento contínuo de sua metodologia autogestionária. Esse processo, tanto em sua realização quanto no modo de coordenação, se enriquece naturalmente a cada ano, fruto das avaliações de edições anteriores, bem como da entrada de novos membros, sejam voluntários/as, coordenadoras/es ou novas instituições parceiras. Essa renovação se dá porque as pessoas e instituições trazem consigo novas visões de mundo, formas de atuação e sugestões que são acolhidas com alegria pelos/as veteranas/os e contribuem para o amadurecimento do processo.

Neste ambiente plural e simbiótico, que faz parte da essência do “espírito do Brechó”, de não se cristalizar em um modelo e permanecer aberto sempre, as pessoas são chamadas a participar das reuniões preparatórias. Nessas, as decisões são tomadas de forma participativa, em processo de harmonização de opiniões diversas, com base na boa vontade e maturidade das lideranças. A prática fundante é integrar a criatividade e a iniciativa de cada pessoa, possibilitando assim a promoção da inteligência coletiva.

Por ser um evento que culmina um processo, o Brechó EcoSolidário é marcado por três fases, uma anterior ao evento, de planejamento e preparação, outra de realização do evento em si, e a terceira, de avaliação e prestação de contas. Como hoje ele acontece no segundo semestre do ano, geralmente no final de outubro, a primeira fase ocorre a partir do mês de março até o dia

de realização do evento, e a última ocorre após o encerramento, até o início do ano seguinte.

Na primeira fase debatem-se a data de realização, o local, as coordenações de cada , o planejamento da captação de recursos, o calendário e o conteúdo da formação dos voluntários, a definição dos locais dos postos de trocas, a interface com os Empreendimentos de Economia Solidária que participarão da feira, entre outros. A partir destas reuniões, inicia-se o esforço para materializar as decisões tomadas e os compromissos assumidos.

A segunda fase é o evento em si. Momento em que as pessoas estão reunidas em um local e com um objetivo comum, para o qual convidam milhares de outros a participar. O Brechó EcoSolidário é a junção de várias “Tendas” dispostas pelo parque, onde em cada uma, há voluntários e coordenadores executando tarefas previamente preparadas. Todos/as estão dispostos a cumprir o objetivo principal: mostrar a população que é possível conviver em sociedade de forma mais justa, mais solidária e com menos desperdício.

A terceira fase divide-se em dois momentos: logo após o evento, quando se festeja o esforço bem sucedido, se recompõe as energias pelo do esforço empreendido e se inicia a avaliação. O segundo momento dessa fase ocorre de forma mais objetiva e concisa uma vez que a Rede (Associação Rede de Profissionais Solidários pela Cidadania), que atua na gestão direta dos recursos, apresenta as planilhas finais, conforme enquadramento dos editais, aos financiadores. É preciso que se reconheça aqui que esse trabalho de bastidores, coordenado por Simone Antonelli, uma das fundadoras da Rede, é exaustivo e depende de um minucioso trabalho realizado ao longo do ano, acompanhando cada compra e cada contrato. A Rede presta esse serviço desde 2010, momento da primeira captação de fundos destinados exclusivamente para a realização do Brechó.

A avaliação do evento é feita em uma ou mais reuniões específicas na quais se busca avançar em relação aos conflitos de opiniões que possam existir para harmonizar uma opinião geral, que inclua as necessidades de melhorias para os anos posteriores. O material gerado, consensual pela metodologia usada, de articular as diversas opiniões, vai compor o relatório final do evento. Esse é utilizado pela Rede na prestação de contas, além de servir como parâmetro

de aprimoramento das edições futuras. No decorrer deste capítulo, alguns temas abordados nas reuniões serão apresentados com mais detalhes. É preciso destacar que houve anos em que esse processo não foi tão metódico, dependendo do tipo de pessoas que vieram compor a Coordenação Autogestionária. Como qualquer processo realizado de forma voluntária, ele contém descontinuidades e altos e baixos.

Assim, o Brechó EcoSolidário, como se observará, não se encaixa nas formalidades tão presentes no mundo corporativo, por exemplo. Sua metodologia propõe leveza, confiança e o compromisso voluntário das pessoas em servir o coletivo, pura e simplesmente. Ao mesmo tempo, todas e todos ganham com a realização do Brechó, e ele é bom para o mundo, essa é a convicção de geral. Por essa razão, a presente descrição metodológica mostra como ele funciona, ao mesmo tempo organizado e orgânico, seguindo o movimento das pessoas que o realizam. Se de um lado uma cronologia está fixada, o processo é também bastante indisciplinado, como é típico na autogestão e no voluntariado, pois as demandas vão surgindo e são respondidas conforme pretendido, ou não. Para facilitar o entendimento, os itens mostrados ao longo do capítulo seguem esse movimento em que cada item leva ao outro e todos se unem organicamente.

O “espírito” do Brechó

Antes de passar a uma descrição objetiva dos fatos e processos, é preciso dizer que o Brechó é muito mais que um evento, ou mesmo que um movimento. O que é mais peculiar no Brechó, o que o diferencia, é o que seus/as organizadores/as chamam de “espírito do Brechó”. Como explicar em palavras aquilo que é essencialmente sentido pelas pessoas? Uma primeira tentativa recai sob dois aspectos: primeiro, o “espírito do Brechó” vive em cada pessoa que se sente atraída pela sua dinâmica e vem ajudar a construí-lo e, segundo, ele também é coletivo, expresso como uma força do próprio Universo, que, acreditam as pessoas envolvidas, “quer ver” esse tipo de iniciativa acontecer e prosperar.

Tentando explicar melhor essas duas dimensões: na medida em que o “espírito do Brechó” é intrínseco, as pessoas que acabam por aderir ao movimento se sentem em sintonia com o que já foi feito a cada ano pelos demais. Se há sintonia, o processo segue fluido, é o que se percebe na prática. Enquanto força do Universo, enquanto algo que está no sentido de uma harmonia maior, nesse caso a proteção da Natureza e a construção cooperativa, por exemplo, a magnitude do Universo se faz presente. “O Universo conspira a favor” é uma frase frequente entre as pessoas participantes do processo.

Ao falar de fluidez e energia, é possível lembrar de uma saudação da cultura asiática o namastê (comumente traduzido para o ocidente como “o Deus que habita em mim, saúda o Deus que habita em você”). Esse ritual que na essência configura o respeito a si e ao outro, exalta a paz e a harmonia com o Universo. No Brechó ele fica evidente quando o silêncio é também um meio de comunicação entre as pessoas, quando se começam e acabam as reuniões com pequenos rituais de partilha desse espírito de vontade coletiva e trabalho cooperativo.

O “espírito do Brechó” vive e se reabastece da energia que cada pessoa entrega na construção e realização do evento, do acolhimento oferecido ao que é novo, ao estafante, à divergência, ao erro e da confiança no laço entre as pessoas. Essa confiança favorece a doação pessoal de quem se integra ao processo, pois ela está vinculada ao laço afetivo com quem promoveu a integração da pessoa no Brechó, seja ele um ente familiar, um amigo, um professor. Esse tripé de acolhimento, energia e confiança mantém o espírito do Brechó vivo e se materializa em práticas com base na liderança de serviço, na política da amizade, na estima ao que veio antes (ancestralidade), na fala amorosa com outro, na liberdade de atuação e no respeito ao espaço de cada um. Juntos eles são princípios fundamentais que dão coesão e coerência ao “espírito do Brechó”.

Em contrapartida, não se nega os fatos negativos que acontecem ao longo da preparação e dos dias de realização de um evento de grande porte, sem apoio institucional e recursos garantidos. Tudo depende do esforço de cada um/a e da ousadia de sua busca pessoal para resolver as questões que vão se pondo. Esse grande desafio coletivo e pessoal causa tensões, assim como

a complexidade do evento, em suas múltiplas atividades. O grande aprendizado contido no espírito do Brechó está na forma como se busca resolver os entraves. Por exemplo, as tensões geradas com frustrações em torno da realização do evento são tratadas, já há muitos anos, na lógica do “perdão prévio”, que significa que as pessoas envolvidas entendem que cada um/uma fez sempre o melhor que pôde, com desejo de acertar. Havendo erros, inevitáveis, a pessoa já está previamente “perdoada” e assim, pode receber a crítica de forma tranquila e não perder o ímpeto inovador pra construir soluções pelo medo de errar.

Outro aspecto da metodologia tem a ver com a “política da amizade”, já citada anteriormente e coconstruída conceitualmente com os participantes da rede Diálogos em humanidade. Essa “política” se exprime no fato de que todo o processo precisa estar pautado na confiança e cumplicidade e, ao mesmo tempo, na exigência, como os/as amigos fazem entre si. Essas características fazem com que o processo de organização do Brechó possa ser eficaz e prazeroso, ao mesmo tempo. Como exemplo disso, temos os professores e profissionais que auxiliam no processo de formação dos voluntários. Pela amizade, eles aceitam oferecer seu saber de forma voluntária. Para Nunes e Maltcheff (2014), “Este processo, denominado, “política da amizade”, pode ser um caminho para substituir as organizações hierárquicas que ainda sustentam a democracia, tal como a conhecemos hoje”, integrando as relações de amizade, e não o poder ou o dinheiro, como eixo organizador das relações coletivas.

A própria ideia de evidenciar a existência de um “espírito do Brechó” se materializou em um ritual singelo, na sede da Rede, no Engenho Velho da Federação, proposto por Denise Dinigre, com a presença de parte da coordenação do evento e de Philippe Piau, diretor de teatro francês, presente no Brechó de 2010. Todos/as se colocaram em círculo e, ao som de um tambor xamânico, agradeceu-se tudo o que já havia sido conquistado no Brechó, exaltando a cumplicidade do “espírito da Terra” com o esforço coletivo. Esse tipo de ritual busca evocar um estado de consciência que promove o autocohecimento e o respeito a si e ao outro. A base do ritual não é uma religião, mas a aproximação com o sagrado da vida e com a essência do ser. Honra-se

aí a ancestralidade, mantendo viva a lembrança daqueles/as que um dia já contribuíram diretamente com o Brechó, como dos/as pessoas que atuam/aram na preservação da Natureza há muito mais tempo. Aqueles e aquelas que permitiram se chegar ao que se chegou, em termos de nível de consciência e de coerência das ações. A própria realização deste livro que conta a primeira década da história do Brechó vem para prestigiar todos e todas que o transformaram no que ele é hoje.

Estes princípios exprimem a abordagem holística do funcionamento do evento que devem ser percebidos pelo público e vivenciados por todos. Compreende-se que isto é possível pois o evento se mobiliza em torno de uma forma de trabalho associativa, cooperativa e autogestionária baseada em uma relação social, que se soma a crenças, valores, práticas e maneira de ver e lidar com a vida produtiva. A iniciativa e a metodologia do evento buscam mostrar que “um outro mundo é possível e está em construção”, como no lema do Fórum Social Mundial. Esse mundo será - é o que acreditam os organizadores/as do Brechó - mais justo e solidário, economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente sustentável.

Ao se buscar contar a metodologia do Brechó, é preciso dizer que, apesar do grande esforço, lamentam-se as perdas de conhecimentos e habilidades devido ao fato de que tanto voluntários quanto coordenadores vão mudando ano após ano. Isto é inevitável em um processo coletivo e espontâneo com base no voluntariado. Percebe-se que o que permanece enraizado, vívido e permanente é esse “espírito” do Brechó, nem imaginário, nem fantasioso, mas perceptível e eloquente na vivência de quem constrói o evento/movimento. O que se relatará aqui é, portanto, uma aproximação, a partir do desejo de comemorar e relatar a experiência.

Organização anual da Coordenação Autogestionária, suas reuniões e decisões autogeridas

O evento conta com um grupo de cerca de quinze pessoas voluntárias, que procura centrar sua organização na valorização do trabalho de todos/as por

meio de uma gestão coletiva das atividades e um processo decisório participativo. Essa forma alternativa de gestão dos processos não se confunde com os procedimentos das organizações tradicionais, nas quais a estrutura hierárquica é pautada em formas de submissão. Busca-se uma estrutura na qual todas/os se tornem conscientes de sua responsabilidade, conforme enfatizado por Singer (2002) ao se referir ao esforço adicional que a autogestão exige, pois além de participar das decisões de organização do evento, os membros da têm de se responsabilizar pelo cumprimento das tarefas.

Como analisado na monografia de Batista (2014)⁴ que versa sobre a autogestão no Brechó, “o grupo tem a oportunidade de experimentar a prática solidária e o aprendizado conjunto, o que representa o rompimento da prática de organização centralizada e hierárquica (...). Esse procedimento é aquilo que se pode caracterizar como condição necessária para a construção do evento Brechó EcoSolidário de forma autogestionária, onde todas as decisões são tomadas de forma democrática, incluindo aqui a disposição de ouvir e abrir mão das suas ideias em alguns momentos para seguir as ideias do coletivo, e estar disposto a construir em conjunto”.

Conforme dito anteriormente, dando início a primeira fase da organização do evento, a coordenação começa a se reunir no início do ano com encontros mensais ou quinzenais, sendo que com a proximidade do evento esses encontros vão se tornando mais frequentes, até mesmo semanais. Para isso é necessário que todos tenham acesso às informações, disciplina e responsabilidade com o coletivo. Uma forma simples encontrada pela coordenação para otimizar a comunicação interna foi a utilização dos meios virtuais, seja o e-mail (grupo privado do Google Groups específico da coordenação) ou através do aplicativo de mensagens instantâneas, WhatsApp, ferramenta que começou a ser utilizada na edição de 2015. É certo que há prioridade na utilização do e-mail para convocação e atas das reuniões, haja vista que nem todas as pessoas usam o aplicativo WhatsApp.

⁴ É preciso destacar aqui que o primeiro esboço dessa descrição metodológica partiu da monografia de Magnólia Batista, citada na bibliografia, a quem agradecemos publicamente.

A convocação das reuniões é feita por membro experiente. Por longo período essa tarefa foi feita exclusivamente pela fundadora, Débora Nunes e em seguida vem sendo feita também por Erika Moutinho Leone. As pessoas manifestam suas disponibilidades de participação respondendo à convocação enviada por e-mail. O local das reuniões é definido dentre a oferta dos parceiros, como em alguma sala de aula da UNIFACS, na sede da Rede, cuja sede é no Engenho Velho da Federação, em parques públicos ou em outras instituições.

Historicamente, não existe um quórum mínimo para presença de participantes nas reuniões, o bom senso prevalece. Espera-se a presença de um número maior de pessoas para a tomada de decisões que possuem maior relevância ou, quando não há urgências, pode-se esperar a presença de pessoas específicas, vinculadas às decisões à serem tomadas. Como exemplo, espera-se que os coordenadores/as, das Comissões de Infraestrutura e de Trocas, ou seus/suas representantes, estejam presentes para se fazer a votação sobre o layout do evento, a disposição das tendas; para realização do release oficial do evento, espera-se que esteja presente a Comissão de Comunicação, etc. Naturalmente, as decisões tomadas nas reuniões prevalecem mesmo que o quórum não seja alto. Há um princípio tácito que indica que se deve honrar a disponibilidade e compromisso dos que estiveram presentes, e com isso, as decisões ali tomadas devem ser respeitadas. A socialização dessas decisões é feita através de um resumo geral que é enviada pelo/a responsável pela tarefa. Isso permite a fluidez e confiança no processo.

A organização das Comissões e a abordagem holística do funcionamento do Brechó

A responsável pelo evento como um todo é formada por coordenadores/as das Comissões temáticas (ver quadro a seguir). Essas, por sua vez, funcionam segundo o “espírito do Brechó”, enquanto movimento de cada ser e do Universo, como já assinalado, que se expressa de várias formas: ela abrange a

abordagem holística (integral), o espírito colaborativo (que funciona a partir da política da amizade e do perdão prévio), a busca do autoaperfeiçoamento e o questionamento sobre suas próprias ações, ao invés da crítica incessante ao outro, a realização de cada um/a na tarefa assumida, tendo a alegria como motor da ação, etc.

A maioria dessas Comissões é apresentada ao público no dia do evento como “Tendas”, porém elas funcionam como um movimento em si, entre os coordenadores e seus voluntários. Nelas, cada voluntário se integra, por livre escolha, buscando as atividades que mais se lhe deem prazer e nas quais se sinta mais útil, ou seja, mais habilidoso. Nas Tendas são abordadas as múltiplas dimensões do Brechó: a valorização das expressões artísticas (Cultural); o olhar para o todo: corpo, espaço e energia (Holística); a natureza como fonte de riqueza e que requer proteção e preservação (Ambiental); o fomento ao produtor local cooperativo e o incentivo a mudança de hábitos (Feira de Economia Solidária), difundir o ouvir e o falar na acepção do respeito ao que é dito e ao que se ouve (Diálogos).

Com o passar dos anos, novas Tendas foram criadas para abarcar demandas não acolhidas anteriormente. Foi assim com a Tenda Infantil, a Tenda da Arte Reciclada e a Tenda Social. Ao longo dos anos sentiu-se a necessidade de propor atividades específicas para as crianças que perambulavam pelo evento e que não se encaixavam nas oficinas e nos ateliês destinados aos adultos. Depois, o desejo de reunir beleza e sustentabilidade promoveu a Tenda de Arte Reciclada que reuniu artistas e artesãos que trabalhavam nessa linha e tinham vínculo com algum voluntário ou coordenador. A Tenda Social (Saúde e Qualidade de Vida) partiu da ação integradora da UNIFACS que, de forma interdisciplinar, reuniu vários cursos (enfermagem, serviço social, estética, medicina e outros) cujos estudantes oferecem atendimento à população gratuitamente.

QUADRO RESUMO DAS COMISSÕES/TENDAS DO BRECHÓ ECOSOLIDÁRIO

Comissão /Tenda	Atividadesdesenvolvidas/ Responsabilidades
Cultural	Espaço dedicado a prestigiar e divulgar artistas e manifestações culturais populares soteropolitanas que mostram ao público um pouco da riqueza cultural do povo baiano. Eles propiciam ao público uma atmosfera alegre e festiva, necessária e inspiradora da busca de uma sociedade mais justa e sustentável. Os artistas apresentam-se voluntariamente e seu “pagamento” é feito em grãos. É disponibilizado transporte e lanche que é providenciado pela Comissão Cultural.
Holística	Essa tenda conta com a generosidade de terapeutas de diversas origens, que fazem aulas públicas ou demonstrações de suas técnicas. Espaço que se propõe a mostrar ao público um pouco da imensa riqueza que existe em termos de buscas da saúde integral, do relacionamento harmonioso dos indivíduos consigo mesmos, com as pessoas ao seu redor, com a Natureza e com a sociedade.
Ambiental	Espaço que incentiva a redução do consumo, a mudança de hábitos e a reflexão sobre os impactos ambientais de cada indivíduo. Mostrando através das oficinas maneiras interessantes de reaproveitar materiais que ao serem descartados no lixo, causam grande impacto ambiental e levam muito tempo para se degradarem. Espaço de exposição das atividades de entidades e movimentos ambientalistas de Salvador.
Feira de Economia Solidária	Através da Feira, os empreendimentos de economia solidária - EES são inseridos na dinâmica do evento, vendem seus produtos na moeda corrente, o real, e o troco pode ser dado em grãos. Essa Comissão é responsável pela inscrição, seleção dos interessados, organização da logística e acolhimento aos EES; por ministrar cursos que ajudem no desenvolvimento dos EES, assim como abordagens para melhor compreensão da dinâmica do evento, da Economia Solidária, das moedas sociais, etc.
Diálogos	É o espaço da cidadania. Nele ocorrem as discussões sobre as questões humanas. Os debates populares são em círculo, de preferência, debaixo de árvores. Um espaço onde não há especialistas apenas facilitadores na condução dos diálogos, sendo um ambiente propício a escuta e ao respeito às opiniões.

Trocas	Responsável pela instalação dos postos de trocas (antes do evento), pelo recolhimento e encaminhamento dos bens para armazenagem, classificação dos bens armazenados, separando-os por categorias: livros, brinquedos, sapatos, etc., verificando a qualidade dos bens e qual a sua destinação: troca, doação, reciclagem e, sobretudo, pela organização das barracas de trocas de bens nos dias do evento.
Ecobanco	O Ecobanco é o emissor dos “grãos”, moeda social que circula no dia do Brechó Eco-Solidário. Ele tem como objetivo controlar a emissão, distribuição e a retirada de circulação da moeda durante toda a organização do Brechó.
Comunicação	Responsável pela criação de materiais de divulgação; manutenção de blogs, redes sociais e outras comunicações via internet; elaboração da sinalização do evento; mobilização dos meios de comunicação para divulgação e cobertura do evento; acompanhar e levantar o material publicado sobre o evento nos diversos veículos de comunicação e mídias sociais.
Infraestrutura	Responsável pela articulação com o Parque da Cidade para disponibilização do espaço; planejamento, projeto arquitetônico e realização física do evento; contratação de mão de obra para serviços, pagamentos e prestação de contas.
Receptivo	Responsável por contatos nacionais e internacionais para identificar pessoas da rede Dialogues en humanité que estão presentes ao evento; viabilização da viagem, traslados, hospedagem e alimentação; mobilizar serviços de tradutores voluntários para visitantes estrangeiros; organização de eventos de boas vindas e de despedida; organização de reunião para discussão sobre a rede Dialogues com seus representantes presentes no evento. É tarefa dessa Comissão, também, acolher o público do evento, em geral.
Arte Reciclada	Responsável pela montagem de exposição coletiva com artistas que façam artes com materiais reciclados, reusados, reutilizados, etc. que pretende despertar nas pessoas que resíduos e/ou materiais descartados)
Social	Espaço de atendimento gratuito aos visitantes, com a avaliação clínica e encaminhamento para realização de consultas e exames, realizados por estudantes de Medicina, Enfermagem e Fisioterapia. Os alunos do curso de Fisioterapia fazem orientação para reeducação postural, os de Estética realizam oficina de limpeza de pele e de maquiagem; e os de Psicologia, orientação de carreira e elaboração de currículo.

Fonte: Elaboração própria, 2015

A formação dos voluntários, a contagem de horas e a certificação

O cadastramento dos voluntários é aberto a toda a sociedade buscando tocar as pessoas pela proposta do projeto. Como o Brechó tem sua história e muitos das suas lideranças são atreladas ao mundo acadêmico, existe maior aderência por parte de estudantes e professores. Outros voluntários surgem devido às redes de relacionamento daqueles que participam. Esse é um ponto interessante para mistura e convergência dos mais diferentes meios sociais e profissionais, pois existem voluntários estudantes, terapeutas, músicos, artesãos, funcionários públicos, arquitetos, donas de casa, entre outros.

Para se tornar um membro do Brechó, o voluntário passa por um Curso de Formação para Sustentabilidade Ecológica e Consumo Consciente. Identificou-se que havia a necessidade de se lastrear o aprendizado dos/as futuros/as voluntários/as, através do aprendizado teórico- prático prévio. Do mesmo modo, se evidenciava como necessário que esses/as experimentassem o processo de sensibilização aos valores do Brechó antes do evento, pra “não caírem de paraquedas” em uma experiência tão inovadora. Buscava-se evitar, também, comportamentos destoantes dos princípios do Brechó nos dias do evento, o que compromete muito sua imagem e seu propósito. O curso agrega a fundamentação teórica e a vivência prática por meio dos profissionais convidados e dispostos a transmitir seus ensinamentos seja através de palestras, oficinas, rodas de diálogos, workshops, etc.

O curso é gratuito e organizado pela Comissão de Formação. Em perfaz o total de 60 horas, com encontros quinzenais, nos meses que antecedem o evento. Nele são abordados os conceitos fundamentais do Brechó EcoSolidário: economia solidária, consumo consciente, moedas sociais, crise ambiental e cuidado com o meio ambiente, com o outro e consigo. A inserção do Brechó na rede internacional Diálogos em humanidade se evidencia em um dos dias de formação, com participação via Skype de lideranças de vários países, que também organizam eventos da rede. Por fim, uma vivência de um dia em uma ecovila, a Terra Mirim, parceira do evento, mostra concretamente aos/as jovens envolvidos/as, o que são essas “práticas do futuro emergente”. Durante

a formação, os voluntários são expostos a um acolhimento que visa despertar sensibilidades, trabalhar o corpo, o lúdico, a afetividade e experimentar a introspecção; são estimulados ao compartilhamento de bebidas, comidas e ideias; são incentivados a desenvolver a escuta ativa, a boa vontade, a respeitar as diferenças de opiniões, com foco no aprendizado e nas mudanças individuais que possam testemunhar. Durante a sua organização, realização e avaliação são realizadas atividades práticas para desenvolver o “espírito do Brechó”: a solidariedade, a autonomia e a autogestão. “Este espírito pode ser caracterizado como cooperativo, tolerante, humilde e de liderança compartilhada”. (NUNES e MALTCHEFF, 2014, p.133). A relevância acadêmica da formação propiciou seu reconhecimento como Curso de Extensão das universidades envolvidas. Entre 2009 e 2010 o certificado de participação no evento era emitido em nome da ONG Rede. Nos anos de 2011, 2012 e 2013 os certificados, já com as horas de formação, foram emitidos pela Universidade Federal da Bahia - UFBA e nos anos de 2014 e 2015 pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB⁵. Para a emissão dos certificados os voluntários precisam cumprir o mínimo de 75% de presença no curso. Até o ano de 2013, os certificados eram impressos e a entrega aos voluntários era administrada pela Rede de Profissionais Solidários pela Cidadania. Passou-se, a partir de 2014, a uma técnica mais ecológica e prática, pois os certificados emitidos pela UFRB foram disponibilizados de forma eletrônica no site da instituição através de link de acesso específico.

Alguns voluntários se tornam coordenadores do evento no ano seguinte, continuando sua contribuição num processo contínuo de formação e responsabilização que dá perenidade ao Brechó (NUNES e MALTCHEFF, 2014, p.134). O lado negativo é que se pode observar, também, que alguns voluntários se associam ao evento em virtude apenas do certificado oferecido e valorizado academicamente. A quantidade de voluntários inscritos fica assim “inchada”, chegando a mais de 500, em determinado ano, mesmo que a quantidade de inscritos nunca seja a mesma dos que efetivamente cursam a formação. Uma parte do voluntariado não cumpre toda a formação e, quando não incorporam o “espírito do Brechó”, tão cultivado pelo coletivo, ficam

5

Os alunos da UNIFACS recebem os certificados emitidos pela própria instituição.

deslocados no evento, e podem causar problemas por desvios de comportamento, entre eles o de separarem bens usados mais valorizados das trocas para si ou para amigos e familiares, o que causa desconforto no público e constrangimento na Coordenação Autogestionária. Esse ponto vem sendo refletido, pois, se de um lado um evento de grande porte necessita de “mão de obra” para acontecer, por outro, a grande quantidade de voluntários não garante o sucesso do evento na inteireza de seus propósitos.

Captação e Gestão de Recursos públicos e privados

Para a realização do evento os recursos financeiros são captados através de editais e também do apoio de instituições públicas e privadas. Nos últimos anos, a captação é feita também através de sites de financiamento-colaborativo (crowdfunding), no qual dezenas de pessoas ajudam a financiar o processo, significando um grande avanço no sentido para maior autonomia. O crowdfunding evidencia a capacidade de organização da sociedade civil para executar projetos nos quais acredita; no Brechó EcoSolidário essa é também uma saída para despesas menores e feitas de última hora e que não se encaixam facilmente nos editais e patrocínios, muito burocráticos, facilitando o trabalho organizativo. Assim, nos sessenta dias que antecedem ao evento é feita a mobilização para contribuição pública junto às redes de relações dos envolvidos no projeto e a riqueza dessas redes e sua parceria é uma das fortalezas do Brechó. Há também aqueles que apoiam por se identificar com a causa e por acreditar no projeto. A Coordenação escolhe a plataforma, sendo que de 2013 a 2015 utilizou-se o Catarse, maior plataforma colaborativa do Brasil (www.catarse.me/pt/).

O projeto é inscrito com sua história e justificativa e vem acompanhado com a publicação de um vídeo e do orçamento detalhado do valor pretendido.

A constituição de parcerias (históricas e novas a cada ano) e as regras para ser parceiro

Ao longo dos anos, as parcerias firmadas foram feitas dentro das possibilidades de cada parceiro e da própria lógica do Brechó: um pouco de cada um, soma abundância para todos. Como o Brechó é construído do “zero”, ou seja, precisa-se de tudo, cada parceiro manifesta o que pode oferecer, diante de uma planilha preparada pela Comissão de Infraestrutura. As universidades, por exemplo, disponibilizam o certificado aos voluntários, como foi o caso da UFBA e da UFRB; o transporte dos artistas que se apresentam na Tenda Cultural já foi oferecido pela Faculdade Montessoriano – FAMA e pela SETRE; A Universo já ofereceu um galpão para armazenagem dos bens usados, a Fundação Terra Mirim fornece um subsídio no preço do almoço no dia formação que lá acontece; o transporte de bens dos postos de troca para o local de armazenamento é feito em carros particulares dos envolvidos e do local de armazenamento para o evento utilizam-se caminhões emprestados, da SETRE, da CANORE, etc.

Para ser parceiro é necessário que três aspectos importantes sejam obedecidos:

- 1) que o parceiro seja automaticamente um posto de trocas;
- 2) que participe da construção material Brechó, seja com aporte financeiro ou com algo que o Brechó precise, como os exemplos citados anteriormente;
- 3) que tenha um representante na Coordenação Autogestionária, participando do processo de construção.

Outro tipo de parceria é estabelecido na prestação de serviços, nas raras vezes em que esse é remunerado pois os valores de mercado não são o parâmetro, ou seja, há um senso do que é o mínimo razoável e justo, seguindo a proposta de uma nova economia. Desta forma, uma parte do trabalho dos envolvidos é oferecida de forma solidária, em consonância com os ideais do Brechó de um mundo mais justo e generoso. Um exemplo, entre outros, é o

trabalho das assessorias de imprensa, Balão de Ideias e Brava Comunicação Integrada, contratadas nos últimos anos, que cobraram valores simbólicos pelos serviços prestados. É importante frisar que nem todos os serviços prestados podem ser encaixados nesta lógica. Para atendimento as previsões aos editais públicos em que o projeto é submetido faz-se necessário seguir – ainda – a lógica do mercado e, como exemplo, pode-se citar a aquisição das passagens aéreas e de grande parte da infraestrutura: tendas, aluguel de mesas e cadeiras, transporte, entre outros.

Dentre tantos parceiros, honrando a todos os que já integraram, merece destaque a UNIFACS. Uma parceria que segue à risca a ideologia do Brechó não só porque foi lá onde tudo começou, mas porque, ao longo de uma década, essa parceria persiste ininterruptamente. A UNIFACS, através do seu núcleo de extensão, está presente nas reuniões de Coordenação, oferece salas de aula para os encontros, agrega projetos pedagógicos que tenham afinidade com o Brechó, como a SARU - Semana de Análise Regional e Urbana da UNIFACS e o FUSCA -Festival UNIFACS de Sustentabilidade, Cultura e Arte e contribui financeiramente.

Os Postos de Troca, o armazenamento dos bens e a triagem

Para a constituição do mercado de trocas, são instalados diversos postos de trocas de bens nas instituições parceiras e cada pessoa voluntária ou da Coordenação se torna um posto de troca itinerante, na medida em que recebe objetos e os trocam por grãos onde estiver. O “grão” é enviado aos postos de troca e aos voluntários pelo Ecobanco, mediante uma anotação de responsabilidade, como se verá a seguir. Na medida em os grãos são usados na troca por bens usados em bom estado de conservação, o posto pode solicitar nova remessa. Os bens trocados comporão as “mercadorias” que serão disponibilizadas para “venda” nos dias do evento. As trocas têm início dois meses antes e se estendem até os dias do evento.

Além dos bens trocados pelos grãos, foi estabelecida a existência de outra modalidade de participação do público: os bens para doação. Isso se deu devido ao fato de que algumas pessoas confundiam, e confundem ainda hoje, o Brechó com um “depósito de velharias” e entregam coisas em mal estado nos postos de troca. Para não haver conflito, gentilmente a pessoa responsável pelo posto de troca sugere não trocar por grão aquele objeto, mas aceitá-lo em doação. Esses bens e aqueles não trocados nos dias do evento, são entregues a organizações comunitárias ou instituições de caridade previamente contatadas. Os bens que não estão em condição de uso são disponibilizados para as cooperativas de reciclagem parceiras do Brechó.

Uma das dificuldades de organização do evento é a armazenagem dos bens, que demanda áreas grandes e em locais com fácil acesso. Toda a triagem dos bens é feita nas semanas que antecedem o evento pelos/as voluntários/as para que estejam organizadas para abastecer cada barraca de trocas. O volume de material é um desafio, da ordem de uma a duas dezenas de milhares de itens, nos últimos anos, e exige um trabalho braçal intenso, que é uma das atividades de cada participante da organização do evento.

BRECHÓ EM NÚMEROS, NOS 10 ANOS

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Grãos emitidos	1500	3000	8500	10.000	18.000	20.000	25.000	28.000	15.000
Postos de troca	12	20	27	35	40	40	35	25	15
Itens trocados	1200	3000	9.198	11.570	15000	18.250	23.300	26.000	11033
Total de doações	180	645	893	752	3600	2.800	1.700	2.000	2500
Voluntários	15	35	45	45	80	150	165	120	30
EES/ Cooperativas/ Parceiros	00	15	30	45	60	64	64	60	30
Instituições Parceiras	03	03	11	15	18	18	20	25	10

O funcionamento do Ecobanco

O Brechó proporciona trocas mediadas por uma moeda social que é abundante, pois é fácil consegui-la, basta trazer um objeto usado, ou ganhar de alguém que os tem em excesso, por ter feito muitas trocas. Essa é uma realidade com outro viés econômico que muito contradiz com os arranjos de consumo atuais, sendo uma novidade para o público iniciante, que tem seu primeiro contato com o Brechó e a sua lógica. Conceber a paridade entre qualquer produto – tudo vale um grão – não é simples. Se, por um lado, para algumas pessoas, essa paridade incentiva o consumo consciente pela ideia de consumir apenas o que se precisa, por outro lado também favorece a avidez pela facilidade de conseguir a moeda e ter acesso aos produtos, “por apenas um grão”. Assim, vê-se muitas vezes atitudes de compulsão em pessoas que querem conseguir consumir tudo o que for possível naquela única ocasião anual em que acontece o Brechó.

A existência de uma moeda social no Brechó EcoSolidário significa funcionar dentro de outra lógica financeira, pautada na economia solidária, que busca uma forma mais igualitária de acesso a produtos e/ou serviços. O nome “Brechó” faz alusão à formação de um mercado de trocas de bens usados. Nesse grande “brechó” estão disponíveis livros, vestuário, calçados, utensílios domésticos e objetos variados, usados ou seminovos, todos em perfeitas condições de uso. A troca prévia de bens, além de incentivar o desapego, torna-se o meio de acesso à moeda social que só circula no evento, ou seja, sua validade “monetária” está diretamente atrelada à realização do Brechó. Antes de chegar ao mercado propriamente dito, após sair do posto de troca, é feita a separação dos bens por categoria e as vezes eles precisam ser limpos antes de serem encaixotados. Tudo isso demanda horas de trabalho voluntário.

Os postos de troca não são os meios de acesso exclusivos do público ao grão e ao mercado de trocas que acontece nos dias do evento. A obtenção de grãos pode também acontecer através dos Empreendimentos de Economia Solidária, onde é possível receber o grão como troco. Essa é a única situação em que o grão “encontra-se” com o real, a moeda oficial do brail (veremos com mais detalhes no item 10 - Feira de Economia Solidária). Como visto

no histórico, foi fundamental ao processo de trocas que houvesse a paridade do grão com o bem usado, ou seja, um grão é igual a um bem, isto porque se valoriza a ideia que o importante é a utilidade do bem e não o seu valor no mercado convencional. Se a utilidade é o que importa, sua inutilidade favorece a renúncia ao bem e o mercado de trocas é assim fruto do desapego de inúmeras pessoas em relação aos seus bens. Isso faz girar uma nova economia, mais cíclica e ecológica e capaz de gerar mais equidade.

Por outro lado, como na economia real, a credibilidade da moeda social grão, foi uma preocupação desde o início do Brechó e por isso foi fundado o Ecobanco, para assumir o papel do “Banco Central de Grãos”. Sem essa credibilidade não existe mercado de trocas, pois as pessoas precisam guardar o grão trocado por um bem usado, acreditando na solidez desse “pedaço de papel” como moeda que irá lhe permitir adquirir outro bem no dia do Brechó. Essa solidez se reflete no fato de que é comum que vendedores ambulantes que trabalham no Parque da Cidade peçam, nos dias do Brechó, que seus clientes lhes paguem em grãos, com o intuito de se integrar ao evento. Os bens usados que eles podem adquirir no mercado de trocas por grãos teriam valor bem maior se fossem pagos em reais e por isso eles entendem o ganho financeiro de trocar reais por grãos durante o Brechó. Para garantir essa confiança do público, a moeda é lastreada nos bens do mercado de trocas, assim como a moeda real, ou dólar, são lastreadas em ouro, ou outra referência. O Ecobanco acompanha a circulação e distribuição dos grãos, antes do Brechó, nos postos de trocas fixos cadastrados previamente, e nos postos de trocas itinerantes, já explicados. Além disso, os/as membros dos EES recebem grãos como meio de “pagamento” aos seus serviços “bancários”, já que eles colocam a moeda no mercado quando dão troco em grãos. A moeda social também é distribuída aos artistas que se apresentam na Tenda Cultural, também como meio de “pagamento” aos seus serviços artísticos.

O acompanhamento geral da circulação da moeda é feito através de planilhas de monitoramento das quantidades de grãos que cada posto de troca recebeu em comparação à quantidade de produtos que recebeu. A cada ano, para não haver nova impressão de grãos - dentro da lógica de sustentabilidade do Brechó - a moeda social é carimbada com o número do ano vigente

para que possa valer e ser contabilizada em cada edição do evento, evitando assim que moedas guardadas de anos anteriores voltem à circulação e assim distorçam toda a contabilidade anula do Ecobanco. Há grãos circulando que já foram usados por cinco anos seguidos.



Já há alguns anos, o Ecobanco é gerido com o auxílio da Incubadora Tecnológica de Economia Solidária e Gestão do Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal da Bahia (ITES/UFBA) que é um programa de extensão, envolvido também com pesquisa. Essa parceria concretizou-se através do contato anterior realizado pelas professoras Maria Suzana e Débora Nunes com Genauto França, coordenador da ITES, quando integravam o Banco Solidário – BANSOL, fundado um pouco antes do surgimento do Brechó. Após a extinção do BANSOL foi criada à ITES/UFBA. Por três anos, Ian de Castro, membro da ITES/UFBA, ficou à frente do Ecobanco e coordenou o desenvolvimento de todo o processo de funcionamento do Ecobanco para acompanhamento da circulação de grãos. Um ponto positivo dessa parceria da ITES/UFBA com o Brechó está na continuidade do acompanhamento dos grãos e do Ecobanco mesmo com a rotatividade de seus membros. Há uma passagem de responsabilidades tácita e consensual já que quando um membro irá se afastar indica outro membro da Incubadora. Aconteceu isso de Ian de Castro para Patrícia Saldeado, e dela para Laís Francine. Atuar na coordenação do Ecobanco é considerado, por seus integrantes, como uma oportunidade especial por conta do contato vivo com a economia solidária e

também como uma forma de sair do meio acadêmico para a prática. De toda sorte, é uma tarefa que exige compromisso e responsabilidade pois a contabilização dos grãos é trabalhosa e é necessário todo um esforço para minimizar a perda de informações de um ano para outro já que muitas moedas se perdem e se danificam, são feitas readaptações nas planilhas, etc.

Nos dias do Brechó, o Ecobanco fica localizado em uma tenda específica, próxima ao mercado de trocas e também funciona como posto de troca no dia do Brechó. Como os postos em geral, os/as voluntários/as do Ecobanco recebem os bens do público presente, fazendo a conferência do seu estado de uso. Estando em bom estado, o bem segue para o mercado de trocas, se não, é destinado à doação. Ao final, o visitante recebe a quantidade de grãos equivalente aos bens que trouxe para o mercado de trocas e a partir daí, torna-se apto a participar.

Divulgação, informação, vídeos e relação com as mídias sociais

A comunicação no Brechó vem, como todos os demais aspectos, se profissionalizando, mesmo quando realizada de forma voluntária, através de Comissão específica. Ela se dá de duas formas: uma interna, abrangendo os/as voluntários/as e coordenadores/as atuais e do passado, e outra, externa, dirigida aos parceiros, empreendimentos de economia solidária e sociedade em geral. Está pautada na assessoria de imprensa, na comunicação pessoal seja por telefone, e-mail, “boca a boca” e nas mídias sociais como: facebook, instagram, you tube, twitter e blog.

O Brechó sempre contou com trabalho cooperativo nos processos de comunicação, mas, recentemente está acontecendo uma centralização. Os professores/as ajudaram e ajudam até hoje, na divulgação do evento transmitindo aos seus/suas alunos/as as informações sobre o evento ou mesmo transformando-o em atividade acadêmica. Os próprios voluntários também são multiplicadores do evento que repassam a experiência adiante. Há, por exemplo, muitos vídeos do Brechó produzidos por alunos/as da Unifacs,

UNEB, além dos realizados por profissionais, como o video-maker, músico e fotógrafo Leco Brasileiro. Esses vídeos são importantes ferramentas ilustrativas que auxiliam no aprendizado dos voluntários. Alguns deles traduzidos para outras línguas.

As primeiras comunicações do Brechó com o público externo se deram através do site da Rede e depois com o blog criado em março de 2009 pela Colivre, uma empresa cooperativa na área de tecnologia da informação que desenvolveu, uma plataforma web livre onde o blog está hospedado, o Cirandas. Essa plataforma é uma rede social voltada para a economia solidária, criada em parceria com a FBES - Fórum Brasileiro de Economia Solidária (<http://cirandas.net/brechoecosolidario>).

Até o evento de 2011, o site da Rede e blog no Cirandas eram as únicas fontes de comunicação e a partir de 2012 houve a ampliação para outras mídias sociais. Esse processo gerou algumas falhas de atualização, pois à medida que se ampliava os canais, o trabalho aumentava e nesse ínterim houve mudanças de administradores desses meios de comunicação. Por conta disso, nos últimos anos, o site da Rede (<http://redeprosolidarios.org.br/>) é responsável pela salvaguarda do histórico do Brechó, além de ser considerado o meio oficial de saída de informações. Atualmente, já existe uma interligação automática entre os blogs do Brechó e o site da Rede.

A partir de 2012, a comunicação com os voluntários teve uma melhora significativa com a colaboração da equipe contratada pela Rede para planejamento e execução do evento. Essas pessoas faziam a gestão do mailing – cadastro dos voluntários e seus respectivos e-mails, através de planilhas eletrônicas e disparavam comunicados, convocações para os encontros de formação, oficinas, relatórios e etc. Com o advento do Facebook, em 2012, a comunicação do Brechó tornou-se ainda mais rápida e dinâmica, porém mais exigente e com a necessidade que fosse organizada e contínua. A gestão da comunicação continuou baseada na equipe da Rede, mas teve um auxílio importante de Jamile Souza, voluntária que atuou no ano seguinte.

A avaliação feita pela do evento ocorrido em 2012 considerou que a ação das redes sociais na divulgação do evento contribuiu para o crescimento do público (em torno de três mil pessoas) e para a sua diversidade. Essa ferra-

menta é muito importante na comunicação de eventos como o Brechó, não somente por serem as redes sociais ferramentas baratas e eficientes como também pela característica de parte do público do evento, “atenado”, e que as utiliza corriqueiramente.

Até então, a comunicação do Brechó era feita sem um planejamento específico. Contava-se com o serviço de assessoria de imprensa das instituições parceiras que só era feito bem próximo ao evento. Apesar do grande esforço destas parcerias, seu alcance era pequeno, sob o aspecto da visibilidade do Brechó nos grandes veículos. Existia a dificuldade em separar o serviço da assessoria de imprensa da instituição parceira como algo institucional, do próprio Brechó, ou seja, cada instituição involuntariamente se apropriava do evento perante os veículos de comunicação e isso acabava por ofuscar a identidade do Brechó. Faltava ao Brechó falar por si de forma autônoma.

Além disso, as pessoas que compunham a coordenação também mobilizavam sua rede de contatos particular. Algumas delas, mais interessadas por esse tema, colaboravam com dicas, sugestões e correções de textos e contato com a mídia, oferecendo um pouco do seu talento como serviço não remunerado. Essa forma coletiva de trabalho mantém os fatores positivos da autogestão, mas coloca em xeque a coerência e perenidade do ciclo de comunicação. A comunicação (interna e externa) ficava “adormecida” por um longo período. A movimentação com os voluntários, a sociedade e veículos era pontual (em geral, apenas no último mês que antecedia o evento). Hoje já se percebe a necessidade que o processo de comunicação seja contínuo e atento a todos os públicos, principalmente pela forte presença das redes sociais que exigem dinamismo e coerência.

Até 2013, a assessoria de imprensa do Brechó era feita principalmente pelo setor de marketing da UNIFACS (Ana Livia Lopes, sobretudo) ou de outra das instituições parceiras, como em 2012, por Iara Gonzaga, da Universo, ou Hilda Fausto, jornalista e assessora de comunicação da SETRE, por diversos anos. O release oficial do evento, feito nos anos iniciais por Débora Nunes, foi repassado a esses profissionais e aos poucos atualizado de forma mais coletiva. Também em 2013, o twitter foi utilizado como ferramenta de comunicação.

Com o passar dos anos e a rotatividade da equipe, houve a necessidade de firmar a identidade do Brechó e com isso, profissionalizar a comunicação. Isso ocorreu, a partir de 2014, com a contratação de empresas especializadas em assessoria de imprensa, como a Balão de Ideias (2014) e Brava Comunicação Inteligente (2015). Erika Moutinho Leone, Magnólia Batista e Muriel Brossard se envolveram nesses contatos com o público através das redes sociais, mas foi Érika que mais se identificou com a tarefa e a assumiu parcialmente em 2014 e integralmente em 2015.

Em 2014, a Balão de Ideias conseguiu cinco inserções em mídias televisivas, sendo uma delas ao vivo, três publicações nos principais jornais do Estado, três divulgações em rádios de grande audiência e vinte e três matérias em sites. Em 2015, a assessoria Brava Comunicação Inteligente conseguiu inserção no respeitado site Ecodesenvolvimento e junto ao Esporte Clube Vitória a doação de uma camisa oficial autografada pelos jogadores profissionais, acompanhando o apoio dado ao Brechó pelo rival, o Esporte Clube Bahia que nesse ano doou duas camisas oficiais autografadas pelos jogadores profissionais. Surgiu aí, a campanha institucional, “10 anos de Brechó”. A rifa das camisas serviria para arrecadação de parte dos fundos para impressão deste livro comemorativo. Essa ação foi amplamente divulgada nas redes sociais e contou com o apoio dos coordenadores/as para “passar” a rifa.

A receptividade do Brechó na mídia televisiva foi o destaque nesses últimos anos face a visibilidade ao Brechó em programas/horários com maior projeção e alcance de público. Em 2014, o programa local Mosaico Baiano, que tem como apresentador Marcelo Timbó fez entrevista com Débora Nunes ao vivo no evento e fez a cobertura pessoalmente focando o mercado de trocas e no uso da moeda social e o Jornal Band Cidade (noturno) exibiu a matéria feita pela jornalista Carolina Rosa sobre o primeiro dia do Brechó. O programa esportivo Bahia Esportes fez quatro flashes ao vivo, com o repórter Pedro Canísio, falando sobre as atividades ligadas ao esporte com as oferecidas pelo Brechó, como ioga e meditação. Em 2015, houve uma chamada no programa matutino Aprovado!, matérias no TVE Revista e no telejornal BATV (noturno) que fez a cobertura do evento focando o ato solidário do mercado de trocas, sendo essa divulgada, em horário nobre, às 19h.

A comunicação visual do Brechó restringe-se aos cartazes disponíveis nos Postos de Trocas, e, no evento, à sinalização das tendas, útil para a mobilidade dos visitantes. Cada tenda possui uma faixa em lona que é afixada na sua entrada e já há alguns anos as mesmas faixas são aproveitadas. A sinalização é feita quando há disponibilidade financeira, sendo produzida por Santiago Neira, design gráfico que elabora o layout (croqui) do Brechó e fez o plano gráfico da exposição dos 10 anos do Brechó no Parque Solar Boa Vista (2015). A sinalização no Brechó ainda não é eficiente para guiar o público nos dias do evento e os entraves são a limitação financeira e as dificuldades da Comissão de comunicação. Além disso, há a preocupação com os resíduos gerados com a impressão de qualquer material gráfico.

Os avanços da comunicação do Brechó são evidentes comparado a anos anteriores. Atualmente, os postos de trocas já possuem material impresso, com um cartaz de sinalização e um guia de orientações para instalação dos postos; todas as mídias sociais do Brechó são atualizadas simultaneamente e com período curto entre uma postagem e outra; já se consolidou à contratação de uma assessoria de imprensa exclusiva para o Brechó; existe um/a coordenador/a de comunicação atuando desde o início do ano; existem múltiplos administradores das mídias sociais, apesar de não existir uma participação expressiva de todos os cadastrados. Alguns outros pontos continuam como desafios, como produção coletiva de conteúdo, antecedência na elaboração da programação, produção de pequenos vídeos e um plano de comunicação anual que contenha ações eficientes, contudo, todo o processo coletivo do Brechó não perde a pretensão de comunicar, aprender e socializar.

Logística e infraestrutura - como se apresenta o evento

Uma das tarefas mais pesadas na construção do Brechó gira em torno da infraestrutura e logística necessária para o evento acontecer. Por ser de grande porte há a necessidade de muitas tendas para acolher todas as ativi-

dades programadas, além de uma série de serviços como água, energia, limpeza, montagem e desmontagem de tendas, etc. A logística dos bens usados deve ser bem articulada para que todos estejam bem conservados e de fácil acesso ao público. Concentrar tanta diversidade em um único local não é fácil nem a tarefa preferida entre os coordenadores. A de infraestrutura participa ativamente do pré-evento, durante e no pós-evento.

No pré-evento, o planejamento consiste na definição do local do evento bem como o envolvimento com sua liberação, através de ofícios e cumprimento de diversas exigências. É de responsabilidade da Comissão de Infraestrutura realizar uma visita técnica ao local do evento, de preferência acompanhada de pessoas de todas as Comissões para avaliação das condições estruturais. Para isso, essa visita técnica é, em geral, é associada a uma reunião no local ou a um encontro de formação do voluntariado, o que permite que todos/as se ambientem no local do evento.

O transporte e o acondicionamento dos bens são pontos-chaves para a Comissão de Infraestrutura, pois requer muita organização e entrosamento com a de Trocas e com o Ecobanco. Por ser o mote principal, o mercado de trocas precisa estar bem integrado, com os bens acondicionados corretamente e dispostos em araras, caixas, etc. Além disso, a Comissão dimensiona a quantidade e escolhe os fornecedores dos toldos, das tendas para a Feira de Economia Solidária, do palco e da sonorização para Tenda Cultural, das mesas e cadeiras, bem como a contratação de eletricitista, encanador, carregadores e segurança particular. No pós-evento, a desmontagem e limpeza são as tarefas mais desgastantes pelo esforço físico e o cansaço após os dois de trabalho.

O desafio da infraestrutura já foi motivo de muitas tensões entre membros da coordenação autogestionária. Pela pressão da realidade e do tempo para realizar um grande evento, as pessoas responsáveis pela tarefa sempre foram muito cobradas, tanto por si mesmas, quanto pelas expectativas de sucesso dos demais. Por mais que se busque uma partilha de responsabilidades e um clima de cumplicidade, a maior responsabilidade é sempre de quem está na Comissão de Infraestrutura. Apesar disso, o evento sempre deu certo a cada ano, apesar de se vivenciar tensões interpessoais e algum medo de que

algo não funcione. Prevalece a criatividade e as modificações e inovações que se fazem a cada ano exprimem a fluidez com a qual se busca agir na resolução dos desafios da realidade.

Várias das reuniões da coordenação são especialmente dedicadas à infraestrutura do Brechó. Nas ocasiões são expostas as necessidades de cada Comissão, os recursos disponíveis, as possíveis parcerias que podem ser feitas e as dificuldades encontradas para materializar o planejado. A expectativa de que “o Universo conspire” está sempre presente, ao lado do esforço prático para materializar os objetivos. Inúmeras foram as ocasiões em que doações inesperadas, empréstimos de última hora ou o aparecimento de pessoas providenciais foram fundamentais para resolver desafios postos. O Universo conspira, mesmo!

A Feira de Economia Solidária e os Empreendimentos de Economia Solidária no Brechó

A Feira de Empreendimentos de Economia Solidária (EES) oportuniza o contato com um público receptivo ao trabalho artesanal, admirador das práticas da economia solidária, o preço justo e a compra direta do produtor. Há empreendimentos que participam do evento desde sua fundação, como a Canore, a Coopaed a redemoinho, a Doces Sonhos, entre outros, e que têm uma história afetiva com o Brechó, que foi uma das primeiras feiras perenes para esse tipo de economia, de marca solidária, na Bahia.

A Feira funciona como um mercado com diversas tendas que abrigam dezenas de empreendimentos de economia solidária de Salvador e região metropolitana, embora já tenha recebido EES que vieram de Aracaju/Sergipe e de cidades do interior da Bahia e de outros estados do Brasil. Um diferencial da Feira é o encontro das duas moedas, o real e o grão, como já foi dito, no momento em que o EES tem a possibilidade de receber em troca o que dá em troca em grãos, se o cliente assim o desejar.

A disposição das tendas no local do evento é decidida pela Coordenação Autogestionária do Brechó através do layout feito por Santiago Neira, já há muitos anos. Ao longo desses anos, a Feira de Economia Solidária já passou por várias modificações do ponto de vista da infraestrutura e layout, pontos que inclusive, geram críticas nas avaliações pós-evento, pois cada ano nasce um novo Brechó, diferente do anterior. As tendas padronizadas de tamanho 4x4 são fornecidas pelas parcerias do Brechó com o Instituto Mauá, ARSOL, SETRE, etc..

A participação e a distribuição dos EES nas tendas são feitas pela Comissão da Feira de EES, com participação dos empreendimentos, do Fórum de Cooperativas Populares da Bahia e/ou do CESOL, mais recentemente. Os EES também passam por um processo de formação. Eles são convidados a participar do mesmo processo de formação dos voluntários ou é oferecido treinamento sintético sobre os princípios e a lógica do evento. Um assessoramento específico já foi oferecido, onde eles aprenderam, por exemplo, sobre a moeda social do evento, sobre a importância de ser um “banco de grãos”, quando é sugerido que eles forneçam até dois grãos como troco, contudo eles têm a liberdade de escolha sobre a quantidade. Um documento específico já foi elaborado para garantir a ética no uso do grão, para que não haja troca direta de grãos por reais, sem passar pela compra na Economia Solidária, e para que os EES não utilizem os grãos direcionados ao troco para uso pessoal. Mesmo com uma vasta experiência na organização da Feira, algumas fragilidades ainda permanecem e tornam desafios para futuras edições, como o desejo de que haja mais integração entre a Feira e o Brechó, uma maior divulgação da sua ocorrência para que haja mais consumidores, etc.

As rodas de Diálogos, o bastão da palavra e os temas anuais do evento

Durante o evento são desenvolvidas atividades de sensibilização do público através de debates sobre temas atuais, caros às pessoas que organizam

o Brechó. Os temas são escolhidos a cada edição, em sintonia com os debates internos da rede Diálogos em humanidade, que recomenda que o mesmo tema seja discutido em cada uma das edições do evento em diferentes países, para uma percepção mais internacional de como tema é visto.

Os debates, inicialmente chamados de ágoras, termo grego que faz em referência à reunião de pessoas, passaram a chamar-se “Diálogos”, por uma decisão coletiva que considerou que o novo nome facilitaria o entendimento do público brasileiro. Essa dinâmica de conversas, em círculo, geralmente conta com a participação de convidados locais, de outros estados e internacionais que não são solicitados a fazer conferências, mas a uma fala rápida para incitar o diálogo, como uma forma de aproximar o público do debate. As rodas de “Diálogos” são amplamente inclusivas e acolhedoras, incentivam a participação e a reflexão em um processo de escuta atenta e circulação da palavra, uma prática dialógica que possibilita o exercício do pensar compartilhado, fazendo apelo à humanidade de cada um, valorizando seus sentimentos e impressões, enriquecendo o diálogo e a diversidade de contribuições.

Há uma divisão de papéis, previamente decidida antes da cada roda, entre pessoas que exercerão o papel de **animador/a**, que “liderará” o diálogo, e por isso é necessário que tenha conhecimento sobre o assunto, ter habilidade para gerar fluidez e liberdade de participação, o **facilitador/a** que é o/a convidado/a que possui conhecimentos aprofundados do tema em discussão e os **participantes** que são as demais pessoas que compõem a roda. Em algumas rodas o papel de animador pode ser feito pelo/a facilitador/a. Sendo uma prática em prol do exercício da liberdade, da simplicidade, da tolerância, da cooperação e da diversidade, existem algumas regras que contribuem para a organização das rodas de Diálogo. Regra n° 1: Liberdade de propósito, cada um tem respeitado o seu ponto de vista; Regra n° 2: Cuidar, ouvir e respeitar; Regra n° 3: Igualdade de todos diante da questão humana.

Os Diálogos no Brechó seguem os ritos que igualmente acontecem nos demais países onde a rede está presente. São realizados sob as árvores mais frondosas do Parque e as pessoas são acomodadas em roda, em cadeiras ou sentadas na grama, como preferirem. É estimulado o respeito à fala do outro, focando principalmente na escuta, e as contribuições devem ser feitas quando

“o coração pedir”, em no máximo três minutos, sem repetições, se realmente forem necessárias para contribuir com o enriquecimento coletivo. Para isso, é utilizado um instrumento que simboliza essa prática, o “bastão da palavra”, trazido de rituais da tradição africana. Quem estiver de posse do bastão, tem o seu direito de fala assegurado e seu ponto de vista considerado como sagrado neste momento. Em alguns momentos, a fala mais emocionada, a que atrai particularmente a atenção do público pode durar mais tempo, de acordo com a sensibilidade do/a **facilitador/a**.

Nessas “Rodas de Diálogos” prevalecem temas ligados à educação ambiental; aos rumos a cidades ambientalmente sustentáveis; às práticas ambientais no cotidiano; à economia solidária; aos desafios de empreender solidariamente; à arte como fonte de transformação pessoal e social, o clima como bem comum da humanidade e a organização da sociedade civil planetária. A seguir, uma lista de temas debatidos nos últimos anos:

2015 => Sacralidade da Terra: a mudança interna harmonizando a humanidade; Encíclica Laudato Si “Louvado seja o planeta”; A preparação para a Cop 21

2014 => O feminino e o cuidado, do mundo e de si mesmo; Parto Normal Humanizado; A shantala e o toque terapêutico; Reflorestando a Terra; Superando a discriminação de gênero; O feminino e a criação: energia para um novo mundo; A mulher na sociedade e suas trajetórias ao longo do tempo (cordel); O papel da mulher na construção e estruturação da família; O empreendedorismo feminino na economia popular e solidária

2013 => A arte como caminho de transformação e Transformações pessoais e Sustentabilidade

2012 => Diálogos do bem viver!; Governança Cívica Mundial: proposta para superar a crise; Transição para o pós capitalismo: Novas formas de produção e consumo sustentáveis; Bem viver nas cidades; Cidades sustentáveis: vida simples e solidária para o bem viver de todos; Indivíduo, família e comunidade: construindo o novo viver.

Os convidados nacionais e internacionais, a hospedagem solidária, as confraternizações: O papel da “Receptivo”

O fato do Brechó pertencer a uma rede internacional permite uma ampla troca de experiências entre seus integrantes. A cada edição novas pessoas da rede são convidadas a participar do Brechó, assim como membros do Brechó participam de outros Diálogos pelo mundo. A escolha de qual membro será convidado parte da sugestão de membros da coordenação da rede internacional Dialogues en humanité, com intuito de estreitar laços de amizade entre pessoas de diferentes países membros. No Brechó, a Comissão Receptivo é a responsável por providenciar a acolhida dos convidados, por providenciar traduções, ciceronear o convidado pela cidade e organizar atividades inclusivas destes no próprio Brechó e em eventos paralelos. Quando há recursos através de editais, os convidados recebem passagem, quando não, eles mesmos pagam suas viagens.

Existe a preocupação e o cuidado por recepcionar os convidados no aeroporto ou rodoviária, e hospedá-los, em geral de forma solidária, na casa de pessoas da coordenação ou voluntárias do evento. O processo de receber um desconhecido em casa, na chamada “hospedagem solidária”, é altruísta e percebe-se que a confiança está no conjunto: na força da própria rede e pelo laço de amizade entre quem fez o pedido e quem aceitou abrigar o convidado. A interconectividade se materializa pela participação do convidado no Brechó, momento em que ele conhece o evento e sua dinâmica e quando hospedado na residência de membro do Brechó, por ter acesso à cultura e hábitos brasileiros.

Como acontece com a e com os próprios voluntários do Brechó, a intenção de comemorar os resultados do processo construído coletivamente é sempre presente. Para os/as convidados/as externos essa prática é também marcante e há um ritual de abertura ou finalização do Brechó para confraternizar. É proposto um almoço ou ceia colaborativa em que cada um contribui com o que pode. Permite-se, nesses encontros, a partilha das emoções, expectativas

e impressões sobre o evento que se tornam mais um meio de evolução da construção do Brechó EcoSolidário.

A Comissão Receptivo tem o papel não só servir de apoio aos convidados como também de acolher o público do evento. Para tal foi criado ao longo dos anos pelos membros da Comissão um documento, disponível também na internet, que responde às perguntas básicas do público sobre o Brechó.

A diversidade do público

O evento favorece uma ampla e democrática participação contando com a presença de pessoas das várias classes sociais, profissões, bairros, idades, formações, níveis intelectuais, etc., dividindo o mesmo espaço, ainda que com interesses distintos. Enquanto alguns estão claramente interessados no mercado de trocas, compreendido como uma boa oportunidade de aquisição de bens dos quais estão necessitando e que podem ser adquiridos de modo diferente daquele utilizado na lógica do mercado regular; outros pretendem, através das atividades realizadas no Brechó, ampliar suas redes de relações e saberes em torno de uma forma de produção e comercialização baseada no cooperativismo e contribuir com a troca de saberes proporcionada nas discussões dos temas abordados nas “Rodas de Diálogos”, por exemplo. Todos, entretanto, têm a oportunidade de usufruir da programação cultural e das atividades lúdicas e terapêuticas oferecidas durante os dias em que o evento ocorre.

Esse fluxo de acontecimentos também revela uma segmentação social, não exclusiva do Brechó, mas da sociedade, como já foi identificado anteriormente. Cada atividade atrai um público diferente. Contando com os próprios organizadores, que chegam a cerca de 300 pessoas, dentre eles professores, estudantes, profissionais de áreas distintas, empreendedores da Economia Solidaria, o Brechó movimenta um público visitante que variou ao longo dos anos de três mil a cerca de 15 mil pessoas nos dois dias. Segundo as pesquisas de avaliação feitas durante vários anos, o público do evento é oriundo de mais

de 20 bairros de Salvador, tanto ricos quanto pobres e de classe média e tem faixa etária muito variada, predominando adultos de 18 anos a 60 anos.

O público atraído pelo mercado de trocas é predominantemente das comunidades pobres de bairros que circundam o local do evento. Enquanto ocorrido no Parque da Cidade, localizado no Itaigara, (bairro nobre de Salvador) o Brechó sensibiliza os moradores do Nordeste de Amaralina e de Santa Cruz, principalmente. Na décima edição ocorrida em 2015, no Parque Solar Boa Vista, os moradores do abrangente bairro de Brotas foi o público de maior peso. Entre as pessoas de comunidades mais pobres, observa-se a participação de pessoas que trabalham para alguém que trocou muitos grãos, como domésticas, porteiros, etc., e que ganharam a moeda pela generosidade de seus empregadores e desejo desses de ampliar o alcance do Brechó.

Como a origem do Brechó é universitária, e na composição da sempre houve a presença de professores/as, há uma marcante, mesmo que minoritária, participação de pessoas ligadas à Universidade. Contudo, percebe-se que a cada ano, as novas pessoas que se tornam voluntárias, e inclusive coordenadoras, participam do evento por acreditar em suas causas de autogestão, liderança de serviço, ecologia e economia solidária e por se identificar com a proposta. Isso compõe também uma das riquezas do Brechó de sempre abraçar quem quer que seja que se aproxime. Se é de paz, pode chegar.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BATISTA, Magnólia. Avanços, desafios e limites da autogestão no Brechó Eco Solidário. Monografia de graduação, Escola de Administração da UFBA, 2015.

BLOG DO BRECHÓ : <http://cirandas.net/brechoecosolidario>

BLOG de DÉBORA NUNES: <http://cirandas.net/deboranunes>

CATARSE: www.catarse.me/pt/

DIALOGUES EM HUMANITÉ: www.dialoguesenhumanite.org

NUNES, Débora; MALTSCHEFF, Ivan. **Os Novos Coletivos Cidadãos**. Simões Filho, Editora Calango, 2014.

_____, Débora. **Incubação de Empreendimentos de Economia Solidária: Uma Aplicação da Pedagogia da Participação**. São Paulo, Editora Annablume, 2009.

_____, Débora. **Aquecimento global e mobilização pelo consumo consciente nas instituições de ensino superior brasileiras**. Revista Diálogos Pesquisa em Extensão Universitária. v. 1,

REDE. <http://redeprosolidarios.org.br/>

VIVERET, Patrick. **Por uma sobriedade feliz**. Salvador, editora Quarteiro, tradução Débora Nunes, 2012.

Currículo de convidados nacionais e internacionais

Henryane de Chaponay (Paris – França)

Ativista internacional que participou da elaboração da proposta de criação do Fórum Social Mundial, assim como da Rede Diálogos em humanidade e esteve envolvida em diversas lutas emancipatórias de países ao redor do mundo, entre eles a independência do Marrocos e a luta contra as ditaduras militares de vários países sul americanos, entre eles o Brasil. Henryane é Doutora Honoris Causa pela UFBA.

Geneviève Ancel (Lyon – França)

Cientista política, foi chefe de gabinete do Ministro do Meio Ambiente, Mme Bouchardeau, durante o governo de François Mitterrand. Durante doze anos foi Diretora Geral de Serviços Urbanos da Prefeitura de Strasbourg, quando Catherine Trautmann foi prefeita. Foi conselheira técnica do Prefeito de Lyon, Gérard Colomb, para os temas do Desenvolvimento Sustentável. Em 2002 eles criam, juntamente com Patrick Viveret, os *Dialogues en humanité* (<http://dialoguesenhumanite.org/>). Geneviève Ancel acompanha hoje a organização dos Dialogues em várias cidades do mundo.

Patrick Viveret (Paris – França)

Filósofo e foi membro do Tribunal de Contas francês, publicando um relatório sobre novas formas de entender a riqueza que teve grande repercussão na França e na Europa. Autor de diversos livros e artigos na imprensa com análises lúcidas e esperançosas sobre o mundo atual, particularmente do livro “A via”, escrito em parceria com Edgar Morin. Em português Viveret publicou “Reconsiderar a Riqueza” e “ Por uma Sobriedade feliz”, disponível em português <http://cirandas.net/deboranunes/por-uma-sobriedade-feliz.pdf>

Patrick Viveret é co-fundador do movimento internacional *Dialogues en humanité*, do qual o Brechó EcoSolidário é um dos representantes brasileiros.

Siddhartha (Bangalore – Índia)

Escritor e ativista social, fundador e dirigente da Fundação Pipal Tree, que mantém um Ashram inter-religioso na região de Bangalore, na Índia. Esta fundação organiza um programa chamado Meeting Rivers no qual se realiza um evento dentro da Rede Diálogos em humanidade de música sacra de fontes espirituais diversas.

Ali Serhrouchni (Rabat, Marocos)

Diretor do prestigiado *Institut des Hautes Etudes de Management*. Este instituto organiza um evento com conferências e atividades extensionistas dentro da Rede Diálogos em Humanidade sobre como empreender humanamente.

Christine Adjahi (Cotonou - Benin)

Doutora em letras, escritora, a cidadã francesa nascida no Benin, teve uma vida dedicada à educação pública na França. Após sua aposentadoria fundou, em seu país natal, o FICOP – Festival Internacional do Conto, que promove a tradição ancestral de contação de histórias à moda africana. Coordena os Diálogos em humanidade de Porto Novo, capital do Benim, como continuação do FICOP 2014.

Aviram Rozim (Auroville - Índia)

Fundador de Sadhana Forest em Auroville, transformando 70 hectares de uma erosão severa, terra árida, em espírito de unidade humana. O seu objetivo foi introduzir um número crescente de pessoas a uma vida sustentável, a segurança alimentar por meio da transformação ecológica, recuperação e veganismo. Sadhana Floresta ganhou o terceiro lugar no Prêmio Água Humanitária e Alimentos (WAF) 2010. A cerimônia foi realizada no Salão de Mármore da Universidade de Copenhague, na Dinamarca, em 25 de novembro de 2010. Este prêmio foi um reconhecimento internacional da qualidade do trabalho ecológico e humanitário feito por Sadhana Forest na Índia e mais recentemente no Haiti. (<http://sadhanaforest.org/en/>)

Marcos Arruda (Rio – Brasil)

Formado em Filosofia, Letras, Geologia e Economia, Marcos Arruda estudou por muito tempo a questão do controle pelo Brasil de seus recursos minerais. No final dos anos 50, Arruda foi para São Paulo trabalhar como operário metalúrgico com o objetivo de ajudar a organizar os trabalhadores e educá-los. Fazia alfabetização usando o método do Paulo Freire até que, em 1960, foi vítima de perseguição política. Ficou preso nove meses e passou pelas torturas que todos os presos políticos passavam na época. Depois, exilou-se por onze anos - quatro nos EUA e sete na Suíça. Quando voltou ao Brasil, em 82, ajudou a criar o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) e, mais tarde, o Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS), onde trabalha atualmente.

Viviane Labrie (Québec – Canadá)

Foi a porta voz e coordenadora do movimento « Coletivo por um Québec sem pobreza » que foi a base da aprovação da Lei contra a pobreza e a exclusão social, que chegou à votação através de uma emenda popular e foi adotada por unanimidade pela Assembléia Nacional do Quebec, em 2002.

Catherine André (Paris – França)

Jornalista, redatora, apresentadora, ex-redatora chefe do Courier International e Administradora da Revista Altermondes, específica sobre solidariedade internacional, desenvolvimento sustentável, direitos humanos e meio ambiente. Membro da rede Diálogos.

Joseph Adjahy (Cotonou - Benin)

Um dos organizadores dos Diálogos em Humanidade em Porto Novo - Benin. Militante estudantil no Benin na década de 60, e ativista sindical na França nos anos 80.

Natacha Kaminsky (Lyon – França)

Diretora da Associação Diálogos em humanidade na cidade de Lyon, coorganizadora dos Diálogos de Lyon e contribui para a organização da rede Diálogos internacional como mediadora.

Ivan Maltchef (Paris - França)

Co-fundador da Associação TPTS (Transformações pessoais – Transformações sociais), atua como *coaching* de empresas e coletivos cidadãos na França e na Europa, entre eles a rede Diálogos. Autor do livro “Os novos coletivos cidadãos”, publicado originalmente em francês e depois da versão brasileira, enriquecida com a participação de Débora Nunes como co-autora e editado pela Editora Kalango, com apoio da Rede de Profissionais Solidários pela Cidadania.

Ryadh Sallem (Paris – França)

Diretor da Capsaaa, *Cap Sport Art Aventure Amitié* (Desafio Arte, Esporte, Aventura e Amizade’), criada em 1995. A Capsaaa é uma organização que apoia pessoas com deficiências físicas e tem várias sedes na França e no exterior: Wallis e Futuna, Mayotte, Líbano e Camarões. Campeão europeu de basquete paraolímpico. Organizador do evento Diálogos em humanidade em Paris.

Paula Raquel - (Rio de Janeiro – Brasil)

Responsável pelos diálogos no Rio de Janeiro (que está iniciando) - Professora Adjunta UERJ/DESP/FENF- Coordenadora da especialização em Enfermagem do Trabalho - Pesquisadora INEA- projeto coleta seletiva solidária - Eixo catador - Saúde ambiental e saúde do trabalhador

Max Tovar – (Varginha/MG – Brasil)

Fundadora e Diretora do Parquescola - Ecoetrix. Há mais de 20 anos, Max dedica-se ao aprofundamento da Cosmologia Energética, utilizando-a como uma ferramenta essencial para o autoconhecimento e evolução espiritual, pois sabe que esta permite elevar a potencialidade de nossa luz inte-

rior, para que ela se propague a partir de nós, emitindo ondas conscientes de amor próprio e universal.

Nelton Friedrich – (Foz do Iguaçu – Brasil):

Advogado, especialista em desenvolvimento sustentável, foi Deputado Estadual e Federal e Diretor da Coordenação de Meio Ambiente da empresa Itaipu Binacional, organizador do Programa “Cultivando Água Boa” de mobilização regional de proteção à água e o meio ambiente do entorno da barragem de Itaipú, que atinge cerca de 30 municípios e um milhão de pessoas.

Danielle Mitterrand (Paris – França – *in memorium*)

Viúva do presidente François Mitterrand, Danielle foi primeira dama da França por 14 anos e teve atuação destacada, particularmente na política internacional, tendo apoiado diversos movimentos de grupos sociais oprimidos, convivendo com líderes destes movimentos como Néelson Mandela, o Dalai Lama e o Sub comandante Marcos (do México). Em 1986, ela criou a fundação France Libertés, destinada a responder aos apelos de socorro de mulheres e homens pobres e oprimidos, lançando ações de sensibilização e financiando ações. Teve presença marcante no Fórum Social Mundial e liderou uma articulação de atores em defesa da água. É doutora *Honoris Causa* pela UFBA.

Dominique Picard (Paris, França)

Trabalha no Departamento de Economia e Coesão Social da Caisse des Dépôts, importante instituição francesa que apoia a economia Solidária e é engajada nos temas das “CAE” - cooperativas de atividades e de emprego, dos novos indicadores de riqueza e do desenvolvimento local solidário e ecológico. Membro da rede Diálogos desde sua fundação;

Fazette Bordage (Le Havre, França)

Musicóloga e psicóloga, que trabalhou sempre com a relação entre Arte e Cidadania, dirige um centro que incentiva esta relação na cidade-porto de Le Havre e é membro da rede Diálogos.

Simone Kunegel (Lyon, França)

Professora aposentada, ativista social por década em vários países e por último na Birmânia, coorganizadora dos Diálogos de Lyon, tradutora da rede Diálogos em humanidade em sete línguas e especialista em hospedagem solidária;

Nadine Outin (Paris, França)

Membro da rede Diálogos engajada no direito à educação e na proteção às crianças e vinculada a várias redes que buscam uma humanidade mais consciente de suas evoluções e potencialidades espirituais;

